

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
MESTRADO EM LINGUAGEM, IDENTIDADE E SUBJETIVIDADE**

LEANDRO DE AZEVEDO THEREZA

A: AUTORIDADE, ARTE, ADULTÉRIO

**PONTA GROSSA
2012**

LEANDRO DE AZEVEDO THEREZA

A: AUTORIDADE, ARTE, ADULTÉRIO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Linguagem, Subjetividade e Identidade da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial à conclusão do referido programa.

Orientador: Prof. Dr. Antônio João Teixeira

PONTA GROSSA
2012

D398a Thereza, Leandro de Azevedo
 A: autoridade, arte, adultério/ Leandro de Azevedo Thereza.
Ponta Grossa, 2012.
153 f.
Dissertação (Mestrado em Linguagem, Identidade e
Subjetividade – Linha de Pesquisa : Pluralidade Lingüística,
Identidade e Ensino), Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Orientador: Prof. Dr. Antônio João Teixeira.
1. Feminino. 2. Puritanismo. 3. Identidade. 4. Hierarquia. 5.
Gênero. I. Teixeira, Antônio João. II. T.

CDD: 410

Leandro Azevedo Thereza

A: Autoridade, Arte, Adultério.

Dissertação apresentada para obtenção do título de grau de Mestre em
Linguagem, Identidade e Subjetividade na Universidade Estadual de Ponta
Grossa, Área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 17 de outubro de 2012.



Antonio João Teixeira

Doutor em Letras (Inglês e Literatura correspondente) – Universidade
Estadual de Ponta Grossa



Anelise Reich Corseuil

Doutora em Literaturas em Língua Inglesa – Universidade Federal de Santa
Catarina



Marly Catarina Soares

Doutora em Literatura – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Aos meus pais, Edson e Izabel,
Aos meus irmãos, Fábio, Adriana e Emerson,
Ao meu filho Vicente.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Antonio João Teixeira, Orientador que acompanhou minhas pesquisas sobre a obra de Nathaniel Hawthorne desde a graduação. Seus conhecimentos, sua amizade e confiança em mim depositada foi essencial para a construção deste trabalho.

À Prof^a. Dr^a. Marly Catarina Soares, pelas várias indicações de leitura que muito colaboraram para a composição deste trabalho.

Aos professores que brilhantemente participaram do curso de Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade, compartilhando seus conhecimentos e experiências: Prof^a. Dr^a. Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh, Prof^a. Dr^a. Rosana Apolônia Harmuch, Prof^a. Dr^a. Silvana Oliveira, Prof^a. Dr^a. Letícia Fraga, Prof^a. Dr^a. Djane Antonucci Correa e Prof. Dr. Miguel Sanches Neto.

A Henrique de Sá Ribas e João Vitor Ribatski, pela rica amizade demonstrada ao longo de vários anos e reforçada durante o Mestrado.

Macho e Fêmea os criou (Gen. 1:27)

RESUMO

Em uma sociedade dominada pelo grupo social masculino, rigidamente hierarquizada e norteadas por princípios severamente religiosos, uma mulher ganha destaque social em razão de ter incorrido em um pecado/crime que chocou toda a população da Nova Inglaterra. A partir do adultério de Hester Prynne, procuramos observar os conflitos sociais relacionados à opressão sofrida pelo grupo social feminino que, em função do desempenho de um papel social secundário, é inferiorizado nessa hierarquia patriarcal dividida pelos gêneros. Procuramos observar a maneira como a tensão ocasionada pela visibilidade do pecado de Prynne promoveu transformações sociais no tocante à identificação da mulher como indivíduo independente da figura masculina, bem como portadora de uma identidade e subjetividades próprias, alheias aos limites das tradições histórica e cultural estabelecidas pelas lideranças masculinas de forma a fazer com que a mulher, através do próprio discurso, reproduzisse um sistema opressivo ao grupo feminino. Esse discurso baseado em tradições sedimentadas em uma idéia de mulher puritana moralmente irrepreensível e incorruptível, ao mesmo tempo fortalece a posição masculina como verdadeiro representante de Deus dentro do lar e nas posições de comando da congregação, bem como enfraquece a representatividade da mulher perante a comunidade, esmaecendo a importância dos papéis por ela desenvolvidos. Dessa forma, o conjunto de penalidades impostas a Hester Prynne em razão das suas faltas estimulam as discussões acerca do surgimento de um novo modelo feminino na Nova Inglaterra, esse capaz de se representar e se estabelecer na sociedade, bem como de exercer as funções prioritariamente masculinas sem prejudicar o desenvolvimento da comunidade.

Palavras-Chave: Feminino.Puritanismo.Identidade.Hierarquia.Gênero.

ABSTRACT

In a society dominated by the male social group, under a strict hierarchy and ruled by severe religious goals, one woman gets the social spot because of a crime/sin committed by her that shocked all the New England colony population. Starting with the analysis of Hester Prynne's adultery, we try to take into account the social conflicts related to the oppression suffered by the feminine social group that, as a result of its secondary social role, is diminished in that patriarchal hierarchy divided according to gender. Our focus is on the examination of the way the tension caused by the visibility of Prynne's sin provided social transformations related to the woman's identification as an individual independent of the male figure, and endowed with her own identity and subjectivities, apart of historical and cultural limits established by male leadership to make the woman reproduce in her own discourse the oppressive system against the group she belongs to. This discourse based on traditions that create the image of a puritan woman morally irreproachable and incorruptible makes the male position as God's representative at home and as a social commander get stronger; on the other hand, it undermines the representativeness of the woman before her community, making the importance of her roles fade. Therefore, the penalties imposed to Hester Prynne stimulate the discussions about the growing of a new model of femininity in the New England colony. This model refers to the woman's self representation and subsistence, which also makes her able to exercise functions considered exclusive to the male social group, without any risk of impairing the development of the community.

Key-Words: Feminine.Puritanism.Identity.Hierarchy.Gender.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – SOCIEDADE, AUTORIDADE E OPRESSÃO.....	17
1.1. AUTORIDADE E DIFERENÇA	24
CAPÍTULO 2 - SOCIEDADE – IDENTIDADE – ADULTÉRIO	33
2.1. IDENTIFICANDO AS VOZES SOCIAIS DO ROMANCE.....	33
2.2. AS VOZES FEMININAS E A REPRESENTATIVIDADE SOCIAL	36
2.3. REPRESENTATIVIDADE E REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA.....	40
2.4. BRADSTREET E O VÉU DA MULHER PURITANA	46
2.5. O MARIDO, O SAGRADO E O HOMEM SANTIFICADO.....	52
2.6. HIPOCRISIAS SOCIAIS NO REINO DOS DEUSES VISÍVEIS	57
2.7. SOCIEDADE X SUBJETIVIDADE – AMOR X MATRIMÔNIO: ELEMENTOS DE UMA PRISÃO IDENTITÁRIA	70
CAPÍTULO 3 - A LAVOURA ARTÍSTICA	86
3.1. ALINHAVANDO A IDENTIDADE	87
3.1 BORDANDO EM TERRAS INFÉRTEIS	95
3.2 TECENDO A VIDA DOMÉSTICA	101
3.3 A ARTE LIBERTADORA.....	108
3.4 A COLHEITA ARTÍSTICA	128
CONCLUSÃO.....	142
REFERÊNCIAS.....	152

INTRODUÇÃO

Eu, Leandro de Azevedo Thereza, biologicamente masculino e socialmente masculinizado, aos 30 anos de idade, me proponho aqui a apresentar um estudo sobre a identidade feminina. O interesse por *The Scarlet Letter*, romance estadunidense de Nathaniel Hawthorne, publicado pela primeira vez em 1850, surgiu, entretanto, muito antes das pesquisas de que este trabalho é fruto se iniciassem. Ainda nos tempos da graduação, na busca precoce por um tema para o trabalho final, me foi indicada a leitura dessa obra. Queria trabalhar sobre o amor, mas como alcançar um objeto de estudo relevante em um tema tão amplo? A leitura desse romance, somada às abordagens de Denis de Rougemont em *História do Amor no Ocidente* trouxe um pouco de luz às trevas acadêmicas em que me encontrava; decidi-me a abordar o amor dentro da perspectiva pecaminosa/criminosa do adultério, pois, se dentro das relações conjugais puritanas, como expresso por Hawthorne na voz do marido traído, Roger Chillingworth, o amor parecia mais do que um sonho louco em que o marido podia aquecer a esposa pelo calor que dele emprestava, Prynne me mostrou uma expressão amorosa pelo reverendo Arthur Dimmesdale que ultrapassava o pecado, o crime e a própria cultura. Partindo do pressuposto de que as identidades são construídas a partir das relações do sujeito com o ambiente social em que se encontra imerso, percebi na personagem um sentimento extremamente ligado à subjetividade, mas disposto a subverter um modelo social em que a subjetividade feminina e seus sentimentos sequer entravam em discussão no momento de estabelecer laços conjugais. Se informo que somente um pouco de luz foi lançada sobre as trevas acadêmicas é porque, ao final de *O Pecado de Hester Prynne*, trabalho de conclusão de curso em que foram desenvolvidas questões sobre os personagens principais da obra e suas relações com o pecado, ficou evidente a necessidade de dar mais ênfase às personagens femininas presentes naquele romance. Havia muita densidade nos conflitos vividos por mãe e filha; havia muito mais a ser investigado; Hester e Pearl ainda me parecem uma fonte inesgotável de discussões, oriundas de uma paixão talvez não tão pecaminosa quanto a da trama do romance, mas que me levou a percorrer as ruas de Boston–Massachusetts, local em que *The Scarlet Letter* se desenvolve, bem como Salem–Massachusetts, terra natal de Hawthorne.

Embora já tivesse iniciado os trabalhos de produção textual desta dissertação quando da viagem, detive-me por longos minutos perante as alfândegas de Boston e Salem, nas quais Nathaniel Hawthorne trabalhou durante alguns anos de sua vida, sendo a primeira retratada no capítulo introdutório da obra, destacada por ser o local onde o narrador do romance encontra a

letra escarlate já esmaecida pelo tempo, e os manuscritos a respeito da vida de Hester Prynne, que deram origem à narrativa; diante delas, me questionei sobre o verdadeiro valor que minha produção poderia alcançar; lembrando trechos de *A Alfândega*, me peguei olhando para a ave infeliz presente na fachada de cada uma delas, com seu costumeiro mau-humor que a caracteriza, que, pela ferocidade do bico e do olhar, parecia ameaçar aquela comunidade inofensiva.¹ Não me senti ameaçado, a não ser pelo frio rigoroso que fazia, mas percebi que, apesar do fogo que incendiou a alfândega no capítulo introdutório de *The Scarlet Letter*, não havia rancor contra a comunidade puritana nas palavras de Hawthorne. O olhar ameaçador e o bico pronto para o ataque daquele símbolo da nação estadunidense acabaram por iluminar um pouco mais das trevas acadêmicas que, sabe-se lá por quanto tempo, ainda persistem em mim. Isso porque, como se verifica no corpo deste trabalho, *The Scarlet Letter* retrata uma cultura em que a opressão não é praticada somente por um grupo social dominante em benefício próprio, mas por todos os segmentos sociais em prol de um objetivo comunitário, identificado por Hawthorne como utópico. Assim como aquele símbolo transmitia ao narrador um sentimento assustador, a cultura puritana era, por si só, assustadora e opressiva, fruto de uma construção histórica que se reproduzia desde o berço dentro dos lares e perceptível somente àqueles capazes de se sentir por ela oprimidos.

A alegoria do mau-humor daquela ave representada na introdução nos evidencia um sistema social opressivo, cujas ferramentas de controle se dão por meio de uma rígida hierarquia comunitária baseada nas diferenças. Neste trabalho, abordamos o modo como essas diferenças operam de modo a categorizar a sociedade puritana através dos gêneros e valores morais. *The Scarlet Letter* nos permite problematizar o ser mulher naquela cultura; para os puritanos, o fator biológico era suficiente para fazer com que o grupo social feminino ocupasse uma posição inferior aos homens. Observa-se, portanto, uma hierarquização baseada em fatores biologizantes incapaz de perceber as capacidades de cada indivíduo de participar da vida comunitária da maneira que suas habilidades e aptidões melhor servissem para o desenvolvimento social.

A sociedade de Boston representada na obra de 1850 tinha uma estrutura edificada sobre fundamentos rigidamente religiosos. A religião era tão fundamental na vida da congregação que sequer era possível observar alguma separação entre Estado e Igreja; dessa forma, a linha divisória entre o pecado e o crime era também irreconhecível. Assim, uma falta contra as leis do Estado importava, automaticamente, em uma falta contra o propósito comunitário de construir na Nova Inglaterra um *Visível Reino de Deus*. Notadamente, o Deus presente nesse Reino Visível era representado pelo homem. Isso, evidentemente, faz com que

1. Adaptado de Hawthorne, 1850. p. 20

as restrições impostas à mulher nas decisões comunitárias ultrapasse constatações históricas, como a proibição e exercício de cargos públicos, ou desempenho de funções relevantes na vida comercial da comunidade; a exclusividade masculina na representação divina afasta também a mulher do desempenho de qualquer atividade de pregação religiosa, e mesmo da interpretação das sagradas escrituras. À mulher era permitido realizar orações diretamente a Deus, mas o caminho da salvação estava a ela disponível somente através do seu marido, que deveria ser adorado pela família e servos como a própria divindade dentro do lar.

A partir disso, observa-se o que considero um dos maiores problemas da categorização hierárquica representada por Hawthorne e historicamente constatável no puritanismo: a representação da mulher. Os conflitos vividos pela personagem histórica Anne Hutchinson ilustram fortemente a maneira como os puritanos observavam um comportamento feminino que não fosse completamente emoldurado pela obediência fiel aos princípios puritanos de subordinação e subserviência. “*Acusada de ‘ter sido mais um marido que uma esposa, um pregador que um ouvinte, uma autoridade que um súdito’ (...) e de ter mantido reuniões em sua casa, um fato intolerável diante de Deus e impróprio para seu sexo*”, Hutchinson foi condenada, em 1637, ao banimento.² Seu pecado/crime? Interpretar e divulgar a grupos de fiéis suas interpretações das Sagradas Escrituras. Em outras palavras, as maiores faltas de Hutchinson foram assumir-se como indivíduo dotado de subjetividades e um posicionamento independente de uma sombra masculina na sociedade, ter voz e fazer-se ouvida.

Não por acaso, tal personagem está presente já no início da obra, sendo-lhe atribuída uma imagem santificada em razão da obstinação em busca da realização dos seus propósitos, bem como pela notável perseverança no que se refere à representação de si como indivíduo na sociedade. Constatar a presença de Anne Hutchinson no princípio do romance fornece pistas de que ela servirá como modelo de leitura para aquele personagem que ainda está por detrás das portas da prisão. Sua relação com uma roseira que contrasta sua beleza e delicadeza com as envelhecidas portas da prisão de Cornhill abre as portas do romance para uma constatação que se afirma ao longo da leitura: veremos ali uma personagem feminina em conflito com rígidos valores sociais, os quais, nitidamente, tendem a promover o apagamento subjetivo feminino, traçando uma identidade estática para o grupo social oprimido, legando-lhe uma existência comunitária continuamente vivida à sombra das figuras masculinas da congregação. Assim como em *The Scarlet Letter*, neste trabalho acadêmico não há grandes discussões acerca do caso específico de Anne Hutchinson, mas seus martírios, banimento

2. Alves e Pitanguy, 2007. p. 30.

e morte servem como referencial para a observação de Hester Prynne e suas relações com a identidade feminina.

Desse modo, o primeiro ponto desta investigação enfoca a maneira como a identidade feminina estava construída na cultura puritana durante o período colonial. A partir das penas impostas à costureira em razão de sua falta, são analisadas as justificativas históricas e culturais para tais sanções; fica bastante evidente no trabalho a busca por subsídios históricos que aproximem os fatos narrados em *The Scarlet Letter* de fatos historicamente verificáveis na Nova Inglaterra. Embora não se trate de um estudo exclusivamente histórico, a obra de Nathaniel Hawthorne tem profundas raízes na história da cultura puritana, o que permite que se estabeleça um diálogo constante entre o passado daquela cultura e as construções ficcionais do autor. A opção pelos constantes diálogos entre o romance e a história da cultura e do povo nele representado se dá, principalmente, em razão de que um dos principais objetivos para o desenvolvimento deste trabalho é analisar os conflitos vividos por Hester Prynne na formação de sua filha Pearl como mulher no mundo³, dentro de um panorama social opressivo comparável a uma determinada sociedade em uma determinada época. Ainda que as relações entre a identidade feminina contemporânea e o texto de 1850 não sejam aqui abordadas, acredito que o distanciamento temporal entre o autor, o narrador e a protagonista do romance permita observar a atemporalidade da obra; e foi essa atemporalidade que permitiu a aproximação entre a narrativa, seus fundamentos históricos e as referências teóricas aqui utilizadas, referências essas que abrangem textos anteriores e posteriores à publicação de *The Scarlet Letter*, como textos de Mary Wollstonecraft (1792), os estudos feministas de Judith Butler (1990) e Kate Millet (1969), como também estudos culturais/identitários de Woodward, Hall e Silva (2005). Isso também auxilia a justificar a escolha da obra e do tema, pois a preocupação com o lugar da mulher na sociedade, as construções do seu papel de sujeito por parte do grupo social masculino, bem como os problemas de representação feminina são assuntos postos em pauta há séculos e ainda objetos de estudo.

Embora grande parte da cultura ocidental contemporânea não viva um regime patriarcal nos moldes da congregação puritana representada no romance, creio que o número de estudiosos dedicados a temas como o desenvolvido neste trabalho confirma minha opinião sobre a atualidade e significância das discussões levantadas por Hawthorne através dos martírios de sua pecadora morena de traços orientais. Em busca das justificativas históricas e culturais para tais martírios, verificou-se um quadro social de apagamento identitário feminino, criado a partir de uma construção cultural baseada em uma hierarquização e

3. Hawthorne, 1850. p. 185

categorização social, que talvez ainda possa ser observado atualmente. Esse talvez aqui colocado é, de fato, proposital, pois nem ao longo deste estudo nem na conclusão proponho uma resposta. Caberá a você, leitor, se perguntar e responder se o que me disponho a desenvolver aqui está de alguma forma relacionado com uma ou mais realidades pertencentes ao seu mundo. Confesso, foi em um talvez como esse, ainda no início do meu primeiro trabalho sobre *The Scarlet Letter*, que todas as dúvidas que me trazem aqui surgiram, trazendo consigo novas dúvidas que ainda gerarão outros estudos. Essa incerteza se deve à constatação de que o Puritanismo colonial representado por Hawthorne mostra uma comunidade norteadada por princípios religiosos, dominada pelo grupo social masculino, cuja construção moral e cultural estava sedimentada na formação dos seus membros como executores da invisibilidade da mulher como um indivíduo naquele *Visível Reino de Deus*. Procurou-se observar até que ponto essa invisibilidade era praticada somente pelo grupo social dominante, ou se as próprias mulheres invisibilizadas eram elementos ativos dessa relação opressiva quando, como se vê no tratamento dispensado a Hester Prynne e Pearl, membros de um grupo santificado contrariavam as leis sociais e interpretações dos líderes da congregação sobre os mandamentos divinos.

A partir desse tratamento, surge uma personagem responsável por outra questão levantada neste trabalho, a marcação simbólica de Prynne e sua filha. Essa personagem acompanha Hester desde sua primeira aparição no romance, e se reproduz nas vestimentas e no próprio comportamento da pequena Pearl. É ela a própria letra “A” escarlata que a costureira carrega sobre o peito, e cujo peso simbólico atribuído pela comunidade puritana pairou misticamente sobre o peito do narrador, mesmo depois do vermelho e dourado dos fios que compunham seu bordado terem perdido suas cores, mas não seu significado. Observando esse jogo de significações a que Hester e Pearl estavam sujeitas, foram investigadas as relações entre as marcas sociais simbólicas e seus desdobramentos dentro da construção da identidade feminina puritana. Dessa forma, procurou-se estabelecer um contraste entre as identidades e posições de sujeito historicamente construídas para a mulher pelo grupo social masculino e aquela edificada por Hester no seu isolamento a partir dos inúmeros conflitos por ela vividos e testemunhados por sua pequena pérola. A importância da análise dessa marcação simbólica se deve às inúmeras significações por ela representadas no romance; ao mesmo tempo que simboliza a inicial do pecado de adultério, como aponta Baym⁴, representa as iniciais de personagens ficcionais e históricos relacionados à pecadora, como Arthur Dimmesdale, partícipe do pecado/crime de adultério e Anne Hutchinson, o mártir histórico cuja biografia muito espelha os martírios vividos por Prynne. Além disso,

4. Baym, 1986. p. 88

segundo a mesma autora, o caractere inicial do alfabeto aponta para a portadora desse símbolo também como iniciadora, fundadora de um novo modelo feminino na *América* a partir de sua *Arte*, não coincidentemente também iniciadas pela letra “A”.

Outro fator elementar deste trabalho ligado à importância da marcação simbólica, bem como das transformações sofridas pela marca da infâmia da costureira nas discussões, é a maneira como as representações da letra “A” se dão ao longo do romance. Buscou-se analisar como os aparecimentos desse símbolo em elementos representativos da virilidade puritana, como elmos e armaduras de guerra, bem como sua suposta aparição no peito de Arthur Dimmesdale, têm significância numa possível transformação da leitura e construção do sujeito feminino por parte do grupo social dos homens puritanos. Mudança essa motivada pelo trânsito de Prynne entre papéis socialmente aceitos como de exclusividade masculinos. Essa reconstrução do próprio símbolo, e dos seus significados como mulher para a sociedade foram explorados no segmento deste texto que se dedica à observação de Hester Prynne e sua produção artística, colocando sua peculiar habilidade com a agulha como elemento responsável por lhe permitir um acesso ao grupo social dominante de um modo não alcançável pelas mulheres não excluídas e merecedoras de admiração em razão da constância moral e obediência (ainda que apenas visível) aos pressupostos religiosos e culturais do puritanismo.

Trabalha-se ainda o conflito criado entre a utilização da letra por parte de Hester, sua reprodução em Pearl, e as hierarquizações e segregações sociais baseadas em fatores exclusivamente biológicos; em razão de tais conflitos se evidenciarem no plano discursivo, a investigação foi realizada a partir de comparativos entre produções literárias coloniais puritanas de relevância, tanto de autoria feminina, quanto masculina. Representando a discursividade masculina, foi escolhida a obra *Paradise Lost* (1667), de John Milton, em razão da extrema aproximação entre o conteúdo de sua produção poética e os valores religiosos pregados na sociedade puritana da Nova Inglaterra. Como amostra discursiva do grupo social feminino, foram analisados alguns poemas selecionados de Anne Bradstreet; a escolha por esta autora se deu em virtude de que a produção literária feminina era pouco estimulada no período colonial, sendo escassas as autoras cujos textos chegavam a ser publicados. Isto também serve de elemento de análise, pois procurou-se observar como os poemas de Bradstreet se comunicam com o pensamento masculinizado das elites puritanas. A partir dessas comparações, procurou-se observar a influência do regime paternalista mesmo na formação (ou formatação) da subjetividade feminina, de modo a transformar o discurso da mulher dentro da sociedade em ferramenta de reprodução da política opressiva de

subserviência da qual o grupo feminino era vítima. Nessa particularidade, busca-se investigar a participação da própria mulher na construção da máquina social que a oprime, bem como o papel desempenhado por Hester Prynne diante de sua exposição como inimiga pública e responsável por lançar a coletividade na danação eterna em razão de suas faltas. Observou-se como esse papel desempenhado pela costureira teve desdobramentos na sua representação como indivíduo na sociedade, independentemente de um corpo biológico previamente caracterizador de sua posição de sujeito, bem como de suas responsabilidades perante a comunidade.

Ainda que o objetivo deste texto não seja abordar as relações sociais da mulher na sociedade brasileira contemporânea, acredito que os diálogos estabelecidos entre as teorias e os fatos narrados no romance são de relevância, mesmo para um público diverso daquele regido por fortes pressupostos religiosos. Isso se deve ao fato de que as definições das posições de sujeito femininas por parte dos grupos sociais dominantes, eminentemente masculinos, não é uma prática exclusiva à comunidade colonial puritana do século XVII, mas perceptível em diversas sociedades, incluindo a brasileira do século XXI. Isso é afirmado em razão de que, durante a produção deste trabalho, ainda relutava em creditá-lo ligado ao feminismo, bem como em admitir ser *The Scarlet Letter* uma obra feminista. Mesmo sem considerar esse eu, Leandro de Azevedo Thereza, aos trinta anos, biologicamente masculino e socialmente masculinizado, bem como Nathaniel Hawthorne, como homens feministas, percebo que tanto este texto quanto a obra romanesca em que ele se baseia são, notadamente, voltados a discutir a interpretação dos elementos componentes da sociedade a partir de fatores superiores às categorizações sociais baseadas na natureza biológica dos seres.

Ao longo da escrita deste texto, entretanto, percebi que tais relutâncias eram totalmente desmotivadas, pois estavam centradas em uma cultura paternalista, a qual não dava o devido valor à figura feminina como tão responsável quanto a masculina na edificação e evolução do mundo em que hoje vivemos. Na tentativa de influenciar, ao menos, mínimas transformações na visão categorizante e biologizante que ainda considero existir, este trabalho visa, por fim, observar a mulher como portadora de identidades e subjetividades próprias e que, não diferentemente do século XVII, época em que a trama do romance se desenvolve, e do fim do século XIX, período em que foi escrito, é hoje, como sempre foi ao longo da história, mas sem a devida visibilidade, dotada de mãos e espírito capazes de dar prosseguimento à construção da sociedade.

CAPÍTULO 1 – SOCIEDADE, AUTORIDADE E OPRESSÃO

O início da narrativa de *The Scarlet Letter* nos mostra uma imagem aterrorizadora: uma mulher recém saída do cárcere exposta à humilhação pública. Com ela, uma pequena criança, uma menina irrequieta que se debate exaustivamente contra o peito da mãe, marcado por uma letra “A” costurada às vestes. São, a letra e a criança, símbolos máximos da infâmia daquela mulher que expiava aos olhos do povo um pecado/crime cometido. A pecadora se chama Hester Prynne; o ferrete que carrega, a letra “A”, identifica seu pecado/crime, o adultério, que é vocificado pelo choro desesperado da pequena Pearl. Diante do cadafalso em que mãe e filha se encontram expostas, está a população de Boston, que se acotovela para observar o suplício da costureira em razão da ofensa por ela cometida. Essa cena retrata os momentos que antecedem o interrogatório a que Prynne é submetida. Nessa oportunidade, os poderes patriarcais da colônia se encontram ali representados por magistrados, clérigos e pelo poder político da época.

Esse interrogatório ocorreu durante a execução de apenas uma das penas a que a personagem foi submetida. Além da permanência sobre o patíbulo, Hester foi condenada à prisão; a narrativa não nos informa o período exato em que a mulher permaneceu encarcerada, no entanto sabemos que a pena de exposição pública ocorreu durante esse período de aprisionamento, quando Hester deu à luz a sua pequena pérola, cuja idade na cena do patíbulo já era de três meses. As personagens permaneceram diante da massa puritana de Boston durante três horas, retornando para a prisão, e de lá saindo somente para o cumprimento da última penalidade imposta pela justiça colonial. Em razão do pecado/crime, Hester foi banida do convívio social, devendo viver com sua filha fora dos perímetros da cidade em uma cabana distante o suficiente para □ colocá-la longe do cotidiano comunitário. A letra “A” que trazia sobre o peito era também efeito de uma punição, tão perene quanto o banimento, pois deveria □ mantê-la à visão dos integrantes da comunidade sempre que estivesse circulando pela cidade.

O motivo para que todas essas penas fossem aplicadas, como já apontado, foi ter incorrido em adultério. Prynne era casada com um sábio inglês que, conforme os costumes da época da colonização da Nova Inglaterra, a despachou para o Novo Mundo. Enquanto ela se dedicava à organização do lar à espera da chegada do seu marido, ele finalizaria seus negócios pendentes em Amsterdã. Os planos do casal, entretanto, sofreram alterações em razão de intempéries durante a travessia do marido, o qual foi vítima de um naufrágio e dado como

morto pelos habitantes de Massachusetts; o sábio, contudo, não pereceu nesse acidente marítimo, permanecendo durante um longo tempo como cativo de nativos indígenas.

Nenhum detalhe nos é dado acerca das condições em que o adultério de Hester Prynne aconteceu, não sendo revelada à população de Boston a paternidade da pequena menina até o final do romance, apesar das incisivas inquirições sofridas pela mãe. Diante desse mistério inicial, outros mistérios se desenvolvem, como o que envolve a verdadeira identidade do marido da pecadora, que ao chegar à cidade após ser liberado do cativeiro, encontra sua esposa em seu momento de humilhação perante o povo concentrado na praça do mercado. Entretanto, os mistérios envolvendo as identidades paterna e marital não atuam preponderantemente no desenvolvimento da narrativa, ao menos não nos aspectos que aqui nos propomos a investigar, pois a leitura de *The Scarlet Letter* nos fornece tais informações, sendo esses segredos guardados apenas do conhecimento da população puritana de Boston-Massachusetts. O que nos importa aqui é observar a série de elementos envolvidos nas punições impostas à costureira, pois acreditamos serem essenciais à percepção de como estava edificada a identidade puritana naquela colônia, em especial a identidade feminina. Desse modo, a série de penalidades impostas a Hester Prynne nos induz a questionamentos a respeito da natureza de sua condenação, às origens dos valores morais sociais infringidos por ela, bem como à forma pela qual tais infrações se comunicam com a formação da identidade puritana de maneira a subverter conceitos intrínsecos àquele modelo social patriarcal.

Primeiramente, questionamos a natureza da falta cometida pela costureira, pois a dosimetria aplicada na execução das penas nos indica uma leitura social de sua conduta como sendo de elevada gravidade, razão pela qual a intensidade das penas teve de ser igualmente proporcional. Na primeira das cenas sobre o cadafalso, durante o interrogatório de Hester Prynne, estavam reunidos os representantes máximos das estruturas estruturantes do Puritanismo da Nova Inglaterra; no momento em que a narrativa dispõe clérigos e magistrados dividindo o espaço na inquirição, percebemos que as faltas são ao mesmo tempo ofensivas ao Estado ali instalado e contrárias aos valores instituídos pela crença religiosa. Devemos salientar que a colonização da Nova Inglaterra naquele período inicial, em especial a área de Massachusetts Bay, era fortemente orientada pela doutrina religiosa puritana, cuja divergência com as lideranças Calvinistas e as restrições na prática de sua religiosidade no Velho Continente foram os principais motivos para a travessia do Atlântico. Isso formatou um Estado Teocrático, no qual as autoridades religiosas tinham verdadeira autonomia para legislar em seus sermões, definindo os padrões de conduta a serem

seguidos pela congregação. Ainda que não fosse uma norma penal expressa, o valor moral impregnado nos sermões era tamanho que, para a comunidade de Boston do século XVII, *“a religião e a lei constituíam quase uma coisa só, e em cuja mentalidade ambas se fundiam de tal maneira que os mais suaves e os mais severos atos de disciplina coletiva eram, igualmente veneráveis e terríveis.”*⁵

Diante disso, não nos parece uma tarefa muito fácil identificar quais das penas aplicadas teriam origem nos fundamentos religiosos e quais estariam baseadas nos ordenamentos jurídicos, uma vez que mesmo as leis promovidas pelo Estado sofriam grande influência do pensamento religioso. Consideramos, contudo, a exposição pública sobre o cadafalso, o uso perene da letra “A” sobre o peito e o banimento, os principais indicadores de uma execução com objetivos claros de atingir espiritualmente o condenado, pois a exibição do pecador remete a um tipo de condenação raramente aplicada na colônia, mas legalmente cabível, a pena capital. Assim, a permanência do condenado sobre o cadafalso, local em que se realizavam execuções por enforcamento, tinha duas funções; primeiramente, realizar uma execução simbólica do pecador/criminoso; em segundo lugar, □considerá-lo à comunidade como desviado dos propósitos puritanos na colônia. Essa apresentação era necessária em razão de um direito/dever puritano de não se restringir a uma vida moralmente impecável, mas também de combater o mal tão logo ele fosse identificado.

A letra também desempenha essa função identificadora, pois ao observar a portadora desse signo transitando pelas ruas, os congregados deveriam manifestar-se em razão da ofensa praticada contra a coletividade puritana; essa natureza de repulsa ao pecado e ao pecador fica bastante evidente no momento em que a narrativa insere Roger Chillingworth naquele contexto conflituoso da praça do mercado, pois, puritano e vítima direta e secreta daquele acontecimento, declara ter sido muito sábia a decisão dos magistrados ao □condená-la à utilização daquela marca durante todo o tempo em que permanecesse na Nova Inglaterra. Segundo o sábio inglês, a utilidade da letra “A” na identificação de Hester em meio ao público tiraria a mulher, bem como o seu pecado, do anonimato puritano, *“assim ela será um sermão vivo contra o pecado, até que a letra ignominiosa desapareça sob a lápide do seu túmulo.”*⁶ De fato, adultério não era considerado um crime de natureza privada, cujos desdobramentos seriam verificáveis somente no interior das relações maritais, mas uma ofensa pública em razão das crenças puritanas entenderem qualquer pecado como

5. Hawthorne, 1850. p 57

6. Ibidem. p 67.

nocivo ao ideal coletivo de salvação, manchando, pois, o *Visível Reino de Deus* que os puritanos se propuseram a construir na América ao abandonarem a Europa.

No mesmo sentido, o banimento opera de maneira a excluir o pecador do ambiente habitado pelos homens santificados. A marcação da personagem a fim da diferenciação dela dos puritanos era necessária para realizar sua identificação no período em que ela permanecesse nos domínios do *Visível Reino de Deus*, embora sua permanência não fosse permitida de maneira contínua. Apesar de a maioria dos acontecimentos da trama se desenvolver no interior do perímetro da cidade de Boston, os colonos não permitiam que ali ela fixasse residência, pois a tolerância religiosa dos puritanos representados em *The Scarlet Letter* era tão pequena, que mesmo os nativos eram considerados invasores do seu território em razão de não compartilharem seus credos, sendo os índios lançados à prisão caso perambulasse pela cidade, como vemos no momento em que Roger Chillingworth, pouco antes do primeiro contato direto com sua esposa, se encontra alojado na prisão de Cornhill em razão de “*ser aquele o lugar mais conveniente enquanto as autoridades estivessem discutindo as negações do índio a respeito do seu resgate*”⁷. Ao insultar os valores morais e as crenças puritanas, Prynne deixou de ser uma pessoa bem vinda na cidade, sendo sua presença considerada nociva à população, como se a imagem da pecadora entre os santificados fosse capaz de promover o contágio do pecado, fazendo com que as filhas da Nova Inglaterra também se desviassem dos propósitos de salvação⁸. Isso se dá em virtude de que a rigidez daquele sistema patriarcal era guiado pela tradição religiosa puritana, o que fazia com que muitos dos presentes no ato de humilhação pública da pecadora considerassem as decisões dos magistrados e clérigos demasiadamente branda⁹. De acordo com os princípios religiosos puritanos,

“Aos olhos da Igreja, o adultério era ao mesmo tempo um sacrilégio, um crime contra a ordem natural e um crime contra a ordem social. Pois o casamento unia ao mesmo tempo duas almas fiéis, dois corpos aptos a procriar e duas pessoas jurídicas. Prestava-se a santificar os interesses fundamentais da espécie e os interesses da cidade. Aquele que infringia esse compromisso **triplo** não era considerado ‘interessante’, e sim miserável e desprezível¹⁰” (Grifo nosso)

Com base nas tradições puritanas, percebemos o caráter pessoal com que as mulheres enfrentaram a falta da costureira, sendo essa conduta justificada pela maneira como as

7. Hawthorne, 1850. p 73.

8. Ibidem. p 59.

9. Ibidem.

10. Rougemont, 1902. p 374.

identidades masculina e feminina eram construídas. Analisando o caso de Hester Prynne, percebe-se que as condenações a ela impostas fazem parte de um jogo de construção e manutenção da identitária puritana. Woodward¹¹ demonstra que “*A identidade é relacional (...) depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade (...), de uma identidade que ela não é, que difere, mas que, entretanto, fornece as condições para que ela exista.*” Sendo assim, observamos a pecadora como um elemento alheio às identidades masculina e feminina presentes naquela sociedade. No mesmo sentido, segundo Danièle Kergoat¹², o grupo social dos homens e o grupo social das mulheres são naturalmente grupos de interesse antagônicos que, em comunidade, constituem uma tensão que atravessa o campo social. Dessa maneira, a figura de Prynne aparece no romance como aquilo que os homens e mulheres puritanas não eram, ou negavam ser, fornecendo as condições necessárias para que a identidade puritana existisse.

Considerando o objetivo principal dos puritanos da Nova Inglaterra, de constituir na colônia um “*Visível Reino de Deus*”¹³, naquela congregação

todo Cristão estava obrigado a obedecer a Deus não simplesmente como um homem [ou mulher] santificado [a] (a fim de provar para si mesmo que ele estava salvo), mas como o membro do grupo ao qual ele pertencia. Se ele [a] falhasse, não seria uma demonstração apenas de sua própria condenação, mas traria a ira temporal de Deus sobre a sua família, sobre sua Igreja e sobre seu estado”

Ao cometer adultério, Hester se apropriou de uma identidade pecadora para aquela comunidade; passou, portanto, a satisfazer a necessidade puritana de um referencial do outro, de uma outra identidade que não aquela dos salvos; a costureira e sua filha Pearl emblemavam a condenação, uma pelo adultério, outra por ser a marca viva do pecado. Eram, assim, o que os puritanos não eram: pecadores, condenados, traidores das ordens divinas. Lembremos que as personagens estavam inseridas em uma organização social conhecida como “*Ordem Social Puritana*”¹⁴, na qual o papel secundário da mulher era institucionalizado pelo poder legal e religioso, como podemos perceber nas anotações de um famoso reverendo puritano, John Cotton¹⁵, que afirmava as mulheres como “*um Mal necessário para que eles [os homens] fossem o Bem necessário*”. Consideramos que essa afirmação nos apresenta uma sociedade baseada, “*antes de tudo, numa relação hierárquica entre os sexos; trata-se [portanto] de uma relação de poder, de dominação,*”¹⁶ responsável por excluir a mulher de qualquer papel social relevante. Sendo descoberta como adúltera,

11. in Silva, 1997. p 9.

12. in Hirata, 2009. p 71.

13. Morgan, 1966. p 3 - 10.

14. Ibidem. p 61

15. in Morgan, 1966. p 29.

16. Kergoat in Hirata, 2009. p 71.

Hester não apenas desobedeceu os mandamentos religiosos, mas também rompeu com o contrato social a que todos os puritanos estavam subordinados, deixando de representar o grupo ao qual pertencia, justificando a exclusão da pecadora da comunidade a fim de evitar a “*ira temporal de Deus*” sobre a congregação. Ao somarmos essas punições ao uso da letra “A” escarlate costurada às vestes sobre o peito, para que todos tomassem conhecimento de que a portadora daquela letra era uma infame adúltera, percebemos Hester como um depósito de todo o escárnio Puritano pelo pecado que cometera, transformando-se em um exemplo das consequências da desobediência. Acreditamos que esse conjunto de medidas punitivas são efeitos da relação social que Kergoat define como tensão. Essa travessia do campo social por ela citada, capaz de constituir grupos de interesse antagônicos é perceptível quando analisamos o caso da costureira. Hester e Pearl constituem um grupo antagônico aos puritanos da Nova Inglaterra, estes santificados, aquelas pecadoras. No entanto, se Kergoat afirma uma separação entre o grupo social dos homens e o grupo social das mulheres, “*os quais não são em nada passíveis de serem confundidos com a dupla categorização biologizante machos-fêmeas*¹⁷,” afirmamos que mãe e filha constituem um terceiro grupo social naquela colônia, este não definido por fatores biológicos, mas fruto tanto de uma construção social, quanto de uma construção identitária santificada, o que atribui a esse terceiro uma identidade própria, antagônica àquelas que lhes definem.

A tensão que se estabelece entre esses três grupos, no qual a costureira e sua filha constituem um inimigo comum aos outros dois, se enquadra naquilo que Kergoat¹⁸ dispõe como uma característica estruturante para o conjunto do campo social. Se a estrutura da sociedade puritana já era rigidamente hierarquizada em um contexto de normalidade, essa nova tensão trazida pelo adultério de Prynne estruturou um novo grau nessa hierarquia. Exigiu-se que um novo segmento fosse desenhado naquele círculo social, embora excluído do convívio cotidiano da congregação. Assim como os demais, aquele novo segmento formado exclusivamente por Hester e Pearl era carregado de significados, atribuídos tanto pelo grupo social dos homens quanto pelo grupo social das mulheres puritanas, estabelecendo, assim, diferenças entre os demais grupos a fim de fortalecer os elementos caracterizadores de suas próprias identidades. Entendemos que dispor mãe e filha como inimigas públicas, como o outro a quem se toma como referência para se auto definir, é parte de uma prática de significação baseada na diferença. Uma vez que “*a diferença é sustentada pela exclusão*,¹⁹” admitimos que tais práticas “*envolvem relações de poder, incluindo o poder para*

17. Kergoat in Hirata, 2009. p 71.

18. Ibidem.

19. Woodward in Silva, 1997. p 9.

*definir quem é incluído e quem é excluído*²⁰”. Exclui-se o que é diferente, e exclui apenas aquele que tem poder para excluir. No contexto de *The Scarlet Letter*, percebemos uma cadeia de autoridade, na qual o homem tem poder de excluir a todos, inclusive outros homens, de acordo com sua posição de poder em relação à comunidade; tem poder também para excluir a mulher, que, por sua vez, tem poder para excluir Hester, a pecadora, e sua filha, o pecado, um direito/dever comum a todos os puritanos no romance. Nesse quadro de exclusões, a colônia puritana de Boston-Massachusetts pode ser visualizada como um grande círculo em que o homem é o centro capaz de ditar os valores que sustentam as diferenças. Nesse círculo segmentado internamente pelo poder de excluir, vê-se a diminuição desse poder na medida em que nos afastamos do centro. Nesse sistema de segmentação do poder exclusório, não vislumbramos Prynne e Pearl como pertencentes a qualquer segmento dotado de tal capacidade, pois a marginalidade a elas imposta foi extrema ao ponto de ser fisicamente constatável, uma vez que a cabana coberta de colmo em que Hester se instalou com a filha se localizava

Nos arredores da cidade, nos limites da península, mas sem estreita vizinhança com qualquer outra habitação. (...) Tinha sido construída pelos primeiros colonos, e abandonada porque o terreno que a rodeava era muito estéril para a lavoura. A distância relativamente grande colocava-a fora de mão para a vida social que já assinalava os hábitos dos imigrantes. Ficava na praia, dando vista para uma enseada e, a oeste, para as colinas cobertas de mata.²¹

Considerando o núcleo urbano de Boston como o centro dessa figura que nos propomos a descrever, a geografia da colônia nos mostra que nada mais havia depois do seu pequeno lar, senão o oceano Atlântico, o mesmo que separava a Nova Inglaterra de todos os motivos norteadores dos pioneiros da colonização a atravessá-lo. Portanto, a costureira e sua pérola não ocupavam um espaço segmentado nesse círculo, mas constituíam sua própria linha delimitadora; estando nessa linha, Hester faz parte também do limite que envolve todos os demais grupos sociais nela circunscritos. É importante destacar que o último segmento de poder dessa cadeia de exclusões era a mulher puritana. Embora na *Ordem Social* ela estivesse hierarquicamente acima das crianças, essa superioridade não se demonstrava de maneira servil, como na relação entre homem e mulher. É fato que as crianças estavam distantes do poder decisório naquela sociedade. Excetuando filha da pecadora, não podemos considerá-las excluídas, uma vez que, mesmo em sociedades modernas, esse poder decisório não é delegado às crianças, embora elas possam fazer parte das prioridades das políticas públicas, como também já acontecia na sociedade puritana do século XVI. Sendo assim, não há linhas

20. Ibidem.

21. Hawthorne, 1850. p 81.

divisórias entre esse último segmento da cadeia de exclusões e as representantes máximas da exclusão puritana. Mãe e filha (aceitando-a como alegoria da mulher em construção) eram, portanto, mulheres cuja própria identidade feminina puritana era negada.

1.1. AUTORIDADE E DIFERENÇA

A negação ou deturpação da identidade feminina por parte das próprias mulheres da congregação nos permite observar uma categorização social em função de valores distintos dos físicos ou raciais (como seria aplicável aos indígenas da colônia). A segregação da mulher pela mulher como visto no romance extrapola a constituição física das personagens, pois se, como afirma Woodward²² “*Os homens tendem a construir posições-de-sujeito para as mulheres tomando a si próprios como ponto de referência*”, as mulheres também participam dessa construção da posição-de-sujeito de Hester e Pearl, tomando a si próprias como ponto de referência. Ao se transformar em símbolo do desvio para a congregação, as personagens sofrem o efeito determinante e socialmente estruturante das relações de poder a que estavam sujeitas²³. Percebe-se, portanto, que “*a construção da identidade é tanto simbólica quanto social*”²⁴. A atividade desses construtores da identidade de Hester e Pearl são, como aponta Bauman²⁵, semelhantes “*a de um bricoleurs, que constrói todo tipo de coisas com o material que tem à mão.*” A sociedade puritana tinha em mãos uma pecadora. A cultura dos opressores era a ferramenta necessária para moldar essa identidade de acordo com as suas necessidades puritanas, agindo essa ferramenta na correção de articulações vistas por eles como falhas ou desviadas na identificação dos puritanos com a identidade para eles edificada. Como vemos,

A identificação é, pois, um processo de articulação, uma suturação, uma sobredeterminação, e não uma subsunção. Há sempre *demasiado* ou *muito pouco* – uma sobredeterminação ou uma falta, mas nunca um ajuste completo, uma totalidade. Como todas as práticas de significação, ela está sujeita ao *jogo* da *différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de *efeitos de fronteiras*. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – e exterior que a constitui.²⁶

A ferramenta cultural aqui mencionada está relacionada ao papel desempenhado pela figura feminina na *Ordem Social Puritana*; nesse ordenamento, o homem é responsável pelo provimento espiritual e material da família. A mulher, por sua vez, é o lastro que sustenta os padrões morais da sociedade; essa responsabilidade se deve à crença de uma distinção de

22. Woodward in Silva, 1997. p 10

23. Collin in Hirata, 2009. p 61.

24. Woodward in Silva, 1997. p 10

25. Bauman, 2005. p 55

26. Hall in Silva, 2009. p 106.

poderes e virtudes baseadas no sexo, nominada por Edmund Leites²⁷ como “*hierarquia recíproca*”. Explica ainda que “os teólogos puritanos proeminentes do século dezessete não consideravam um sexo como sendo **notavelmente** mais lascivo que o outro;²⁸” no entanto os homens eram vistos como mais luxuriosos e as mulheres, mais fracas em seu desejo, estariam menos sujeitas a incorreções de natureza moral. Apesar da menor propensão à incorreções morais, a ausência da virilidade tornava a mulher menos apta às decisões sociais. Como ensina o historiador, essa classificação superior do homem se dá em razão de que

Sua virilidade o torna melhor (à mulher falta essa força animal e vontade de poder) e pior (sua consciência é fraca). A mulher naturalmente ouve a voz moral dentro de si. Sua feminilidade a torna melhor (é eticamente mais pura) e pior (sua pureza depende da falta de força animal e vontade de comandar)²⁹

Desse modo, a gradação moral da mulher, bem como a subversão dos valores puritanos, influíram incidentemente no julgamento da costureira. Distanciando-se da imagem que a sociedade construiu para a mulher, Hester constituía uma ameaça àquela cultura, pois ela constituía um signo de independência da mulher daquela visão de si como um ser capaz de bloquear o reconhecimento do seu próprio desejo sexual.³⁰ Assim, a comoção popular e, em especial, das autoridades patriarcais estruturantes daquela sociedade não se deu apenas em razão da ofensa à memória do marido supostamente morto, mas também pelo risco de abalar o ícone da perfeição moral,³¹ bem como as próprias estruturas tradicionais puritanas em relação às hierarquias sexuais.

Tal como a *Ordem Social Puritana*, a *Hierarquia Recíproca* é um postulado criado no seio de um regime patriarcal; logo, é perceptível a figura do homem construindo a posição-de-sujeito para a mulher com base na percepção de si. Em torno disso, se constrói então uma identidade feminina cuja respeitabilidade social exigia um comportamento muito mais probo que o do homem, fazendo de seus desvios morais ofensas mais agressivas à sociedade que aquelas cometidas pelos homens, ainda que as ofensas morais fossem de igual ou menor proporção. Por essa razão, as restrições morais a que as mulheres estavam sujeitas eram tanto mais severas quanto, diante de desvios, penalmente mais intensas do que aquelas a que estavam subordinados os homens³², importando em penas mais agudas e humilhantes, como se vê claramente em *The Scarlet Letter*.

O desvio de conduta de Hester Prynne, portanto, incide tanto sobre valores sociais ligados à hierarquia recíproca, atingindo a coletividade de homens e mulheres, quanto sobre

27. Leites, 1986, p 195.

28. Ibidem. p 175. Grifo Nosso

29. Ibidem. p 196.

30. Ibidem.

31. Ibidem p 199.

32. Leites, 1986, p 178.

valores subjetivos da mulher puritana a respeito de si mesma; a falta da costureira, portanto, feriu valores simbólicos e sociais fortemente agregados à identidade social da colônia. A confissão de Arthur Dimmesdale nos traz a resposta para uma questão que nos parece óbvia nesse contexto: fosse a falta de Hester Prynne praticada por um homem a rigidez da penalidade seria a mesma? A impavidez de alguns somada à atribuição de novos significados simbólicos diante da sua confissão, como a crença de que aquele se constituía um ato santificado de remissão dos pecados através do auto sacrifício, nos basta para compreendermos que a aceitação do homem como mais propenso a desvios morais serve de véu para ocultar uma relativa tolerância à falta masculina. Assim, os conselhos do Reverendo Daniel Rogers³³, à mulher, dizendo: “*Olha pelo teu marido e tuas coisas, deixa que ele seja o véu dos teus olhos, (...) e não olhes adiante*” revelam como a “*hipocrisia moral puritana*”³⁴ limitava a visão da mulher sobre si e, principalmente, a respeito de si em relação ao homem.

Outro aspecto relevante para compreendermos a leitura puritana sobre a falta de Hester Prynne e as punições a elas aplicadas é o valor conferido por aquela cultura ao casamento. Essa instituição se destacava no seio puritano em razão de que sua organização estabelecida em congregações era alimentada justamente pela harmonia familiar, pois era dos lares, considerados a origem doméstica da Igreja, que emergia a fé e onde os princípios religiosos deveriam ser estudados e aplicados com maior atenção. O louvor a Deus no interior das casas era outra obrigação a ser seguida não meramente através das leituras sagradas, mas por meio de orações e cantos de salmos realizados todas as manhãs por toda a família, tão logo estivesse desperta, e todas as noites antes de dormir, rituais sempre regidos pelo líder familiar.³⁵ Para assegurar que os princípios cristãos fossem disseminados por todas as famílias da congregação, era comum que alguns homens fossem selecionados na comunidade a fim de inspecionar as famílias com o objetivo de ver se os pais estavam realizando adequadamente os seus deveres religiosos de educação. Percebemos que o zelo pela ação fiscalizadora, no entanto, era aceito pela comunidade, uma vez que constatamos que em 1669, uma votação unânime da Primeira Igreja de Boston decidiu “*que os Presbíteros deveriam ir de casa em casa para visitar as famílias e ver quão elas estão instruídas no campo da religião.*”³⁶ Salientamos que as averiguações eram realizadas por meio de perguntas feitas diretamente às crianças, familiares e servos da casa.

Além dessas formalidades a serem obedecidas no interior das relações matrimoniais e familiares, destacamos que o casamento puritano também era um ato cível subordinado às

33. apud Leites, 1986. p 29.

34. Baym, 1986. p xv.

35. Morgan, 1966. p 136

36. “*that the elders should go from hows to howse to visit the families and see how they are instructed in the grounds of religion.*” Tradução Nossa. Morgan, 1966. p 140-148.

normas legais impostas pelo Estado. Reproduzindo algumas das regras que sobreviveram à travessia do Atlântico, o casamento era realizado através de um conjunto de cerimônias e contratos entre as partes, semelhante ao que verificamos em modernos contratos pré-nupciais; nesses acordos se observava um conglomerado de cláusulas a respeito das condições em que o casamento se basearia, definições de ordem financeira, administração de bens da esposa por parte do marido, uma vez que segundo as leis de Massachusetts, a partir do momento em que uma mulher contraía matrimônio, todas as suas propriedades passavam à administração do esposo, a fim de que ela pudesse se dedicar exclusivamente à manutenção do lar. Além disso, havia artigos contratuais que vinculavam a consumação do casamento por intermédio da conjunção carnal. Contrariar essas regras significava estar sujeito a penas espirituais e isento de qualquer imputação por parte dos magistrados. Por essa razão a colônia substituiu os ministros religiosos por juízes civis em cerimônias de casamento a fim de que o Estado pudesse também intervir no caso de descumprimento dos passos requeridos para o casamento, bem como das cláusulas do contrato nupcial. Percebemos que os principais fatores que fizeram com que os puritanos da Nova Inglaterra optassem por um juiz presidindo a cerimônia matrimonial era evitar a bigamia e casamentos clandestinos. Juízes presidiram cerimônias de casamento na colônia até 1686, quando o Estado conferiu também às cerimônias matrimônias presididas por ministros religiosos o caráter oficial, revestindo o casamento religioso de um caráter legal, alcançável pelos ordenamentos jurídicos vigentes³⁷.

Nesse momento da discussão, o leitor deve se questionar a respeito da validade do adultério praticado por Hester Prynne, uma vez que ela era considerada viúva. Embora seu esposo, cujo verdadeiro nome não nos é revelado no romance, estivesse dado como morto pela congregação de Boston, a costureira é condenada como adúltera em razão de que o falecimento de uma das partes não garantia à outra parte a possibilidade de um novo casamento ou outras relações de natureza íntima. Naquela cultura, após o casamento, se uma das partes tivesse relações sexuais com outro parceiro, ambos seriam considerados adúlteros, mesmo que um dos envolvidos não fosse casado; e no caso de Hester, ela ainda era considerada casada. Nem mesmo o divórcio era uma garantia do direito a um novo casamento para qualquer uma das partes, sendo bastante restritas as possibilidades de um novo matrimônio. Raramente o divórcio era concedido naquela sociedade colonial; *“os motivos para o divórcio, como revelavam as afirmações dos ministros, eram o adultério, a deserção e abstinência sexual e a ausência do lar por um período de tempo a ser determinado pelo*

37. Morgan, 1966. p 30-32.

governo civil.³⁸ Além desses casos, somente o desrespeito aos deveres sagrados do matrimônio eram capazes de permitir o divórcio, sendo esses deveres a coabitação pacífica, união sexual e fiel e suporte econômico da esposa por parte do marido³⁹, sendo nesses casos concedido, pois, o divórcio e o direito de um novo casamento⁴⁰.

Em relação à ausência do lar, percebemos que algumas condições normatizavam essa particular condição de divórcio. Primeiramente, de acordo com a colônia em que vivia o casal, havia um lapso temporal a ser transcorrido até que se configurasse a ausência. Em algumas colônias o limite de tempo era de três anos, em outras o prazo era de sete anos, casos nos quais um parceiro era considerado legalmente morto para o outro⁴¹. No caso especial da colônia puritana de Massachusetts, se um marido ou uma mulher lá passasse a residir deixando seu parceiro em sua antiga morada a fim de organizar a casa, ou se aquele se demorasse em função de negócios pendentes, não havia condições de se conseguir o divórcio, a menos que fosse cumprido o prazo estipulado pelo governo⁴². A ausência do lar e o adultério eram, de fato, as causas que mais se destacavam para a concessão de divórcios, tendo sido concedidos vinte e sete divórcios entre 1639 e 1692, dos quais treze foram concedidos em razão da combinação de deserção e adultério⁴³, o que aponta para a cultura puritana como não capaz de cumprir os propósitos de constância no cotidiano dos seus congregados.

Apesar de as lideranças patriarcais estruturantes da sociedade puritana considerarem erroneamente a morte do esposo de Hester Prynne, que reaparece em sua vida no momento em que a pecadora era exposta à humilhação pública, a punição imposta pelos puritanos visou a proteção da família e do casamento, instituições essenciais à manutenção do discurso patriarcal dominante na colônia, que considerava o corpo familiar como “*a fundação de todas as sociedades*”.⁴⁴ Nessa fundação, contudo, a figura masculina é significativamente mais importante que a feminina, não somente no desempenho dos papéis de marido e esposa na relação conjugal, mas também como pai e mãe no plano familiar. Embora não haja gradação de autoridade no que se refere ao pátrio-poder, bem como à responsabilidade sobre a educação dos filhos, os modelos familiares e matrimoniais na colônia agem como outro elemento estruturante e determinante para a formatação da identidade feminina. Como afirma Kergoat,⁴⁵

38. Morgan, 1966 p 36.

39. Ibidem. p 42.

40. Ibidem. p 34.

41. Ibidem. p 42.

42. Ibidem. p 39.

43. Ibidem. p 39.

44. Ibidem. p 143.

45. Kergoat in Hirata, 2009. p 72.

“As formas sociais ‘casal’ ou ‘família’ (...) são ao mesmo tempo expressão das relações sociais de sexo configuradas por um sistema patriarcal e também espaços de interação social que vão, eles mesmos, recriar o social e dinamizar parcialmente o processo de sexuação social.

Dessa forma, o casamento para as mulheres sujeitas àquele regime patriarcal importava na desistência relativa da subjetividade. Essa desistência, por sua vez, é fruto da citada sexuação social imposta às mulheres, o que nos permite apontar que o casamento puritano, ao anular parcialmente a subjetividade feminina, transferia a vida da mulher do espaço privado para um espaço público que se estendia da vida em comum na sociedade às relações maritais. O comportamento dessa mulher deveria obedecer aos princípios ditados pelo controle patriarcal. Inúmeros são os exemplos cabíveis sobre como os discursos religiosos regiam a vida do casal e os caminhos a serem seguidos na vida conjugal. Considerando o caráter Teocrático daquela sociedade, entendemos os sermões como regulamentações estatais, legislações construídas semanalmente durante os cultos religiosos e diariamente nos catecismos familiares professados pelo *cabeça da família*. Obviamente, o *cabeça da família* era o marido, sendo a esposa o corpo que seguia seus ordenamentos;⁴⁶ Como aponta Edmund Morgan⁴⁷, o papel do homem para a mulher e “*para o resto da família ele era ‘o canalizador de toda variedade de bênçãos com que Deus os nutria’*”, cabendo à mulher viver em razão do marido, seu fim imediato, e alcançando a Deus, seu fim último, através dele.⁴⁸

Ao passo que a posição da mulher puritana era inferior aos homens nessa Ordem Social, sendo superior apenas às crianças, Hester e Pearl eram hierarquicamente inferiores às outras mulheres e crianças. Em uma comparação de proporcionalidade, elas estavam para a sociedade colonial assim como a mulher santificada estava para o homem santificado; Hester e Pearl eram “*um Mal necessário para que eles fossem um Bem necessário*”. Embora as palavras do Reverendo John Cotton apontem para a relação entre homens e mulheres, ao se revestirem da identidade do pecado, mãe e filha se tornaram o Mal que a identidade puritana necessitava para se afirmar como o Bem necessário àquele “*Visível Reino de Deus*”.

Cremos que a atribuição da identidade de pecadora a Hester, e também a Pearl, embora não tenha cometido pecado algum, exceto nascer, se relacionam diretamente à construção de um discurso patriarcal puritano sexualmente desfavorável à mulher. O campo social puritano operava a partir de marcações categorizantes, dentre as quais a letra “A” carregada pela costureira participa de maneira simbólica nesse processo classificatório. Como aponta Woodward⁴⁹, “*o social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada*

46. Leites, 1986. p 32.

47. Morgan, 1966. p 45.

48. Ibidem.

49. Woodward in Silva, 2009. p 14.

um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais.” Dessa maneira, a partir da condenação ao uso da letra, Hester Prynne passou a estabelecer uma nova dinâmica às práticas e às relações sociais na Nova Inglaterra, pois o ferrete passa a ser o principal elemento de identificação daquela mulher na comunidade, não sendo reconhecida sequer por sua filha ao retirar o símbolo.

Essa marcação simbólica também é observável em relação a Pearl. Após a humilhação sofrida por Hester perante o público de Boston, a costureira aplicou seus dotes com a agulha de modo a fazer da filha uma verdadeira representação da letra que carregava sobre o peito. Assim, a menina passa a ser a expressão viva daquela marca identitária puritana. Mesmo maneira pela qual ela passa a ser reconhecida no seio da comunidade aproxima a letra e a menina, pois, no campo discursivo puritano, a letra “A” era inicialmente considerada o símbolo da infâmia, a marca do desvio e da condenação; Pearl, por sua vez, é inúmeras vezes mencionada como causa e consequência do pecado, ou fruto da vergonha de sua mãe. Pearl é, portanto, o corpo do pecado, e é o corpo *“um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade – por exemplo, para a identidade sexual.”*⁵⁰ Como veremos mais detalhadamente adiante, a identidade feminina é significativamente simbolizada pela letra escarlate e também pela menina esquisita. Se as mulheres fazem parte do jogo de significações responsáveis por construir uma identidade puritana masculina partilhada⁵¹, mãe e filha passam a reconfigurar as noções de identidade a partir do momento em que se diferenciam das demais mulheres da colônia; isso em razão de que a construção identitária masculina encontrava naquele momento um novo modelo, esse independente dos fatores biologizantes estruturantes daquela cultura.

Inicialmente em razão da ausência do marido, posteriormente como consequência do banimento, Hester Prynne reuniu condições para se reconhecer independentemente de uma figura masculina a que devesse subordinação. Assim, mãe e filha estão sujeitas a um sistema de produção dos significados sociais completamente novo para elas, bem como para a colônia. Naquela situação, as personagens se encontram em dois mundos diferentes, nos quais desempenham diferentemente suas posições de sujeito na sociedade, pois, claramente, não somente o grupo social masculino, mas também o feminino, observava na pecadora a verdadeira identidade do pecado, enquanto na sua cabana elas estavam livres para se construir como sujeitos de acordo com critérios alheios ao puritanismo, significando uma para outra uma parte igual daquela pequena sociedade da qual faziam parte. Como ensina Woodward,⁵²

50. Ibidem. p 15.

51. Ibidem. p 11.

52. Woodward in Silva. p 17.

“é por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos;” ambas representavam o pecado para a sociedade puritana de Boston. O sistema de significação ativo, entretanto, era outro quando as personagens estavam fora do perímetro da cidade; apesar da clara distinção dos papéis desempenhados por Hester, o de mãe e responsável pelo provimento do lar, as personagens representavam entre si um elemento igual naquela pequena sociedade, não havendo qualquer relação hierárquica entre ambas. Dessa forma, o *quem somos* no isolamento da cabana, local em que passavam a maior parte do tempo, é definido por elas sem a interferência de um discurso patriarcal totalizante.

Já no interior da cidade, a representação de Hester e Pearl como a perdição daquela sociedade entra em conflito com os papéis sociais por ela admitidos; a benevolência de Hester para com os necessitados, como também sua inigualável habilidade com a agulha a transformam em uma personalidade tão necessária à comunidade que, ao longo do tempo, os significados atribuídos à letra e à pecadora foram sendo transformados. Esse conflito nos indica que as transformações dos significados, e também da identidade de Hester para os puritanos se deu em razão de que o pecado era parte necessária a construção daquela cultura; para o patriarcado da Nova Inglaterra, a nação puritana deveria ter sua identidade fixada dentro de uma unidade ditada por parâmetros morais rígidos sexualmente discriminados, bem como através de uma religiosidade intolerante. Somente a partir do banimento de mãe e filha, e da marcação identitária, primeiramente depositada sobre Hester Prynne, posteriormente reproduzida em Pearl, é que a própria sociedade foi capaz de reconhecer a existência do indivíduo. Aquelas experiências não hierarquizadas vividas fora dos limites da cidade eram, conseqüentemente, carregadas por elas para o interior da congregação, levando a comunidade a reconhecer, mesmo que contra a vontade dos líderes masculinos, dois seres não hierarquizados levando uma vida autodeterminada, que para horror das lideranças daquela sociedade masculinizada, eram mulheres.

Nos capítulos seguintes, discutiremos a maneira como essa individualização das personagens teve conseqüências no processo de edificação de suas identidades femininas, contrastando com as identidades puritanas existentes na colônia. Procuraremos também verificar como os conflitos sociais favoreceram o aparecimento de uma identidade ou identidades femininas ao longo do romance, tomando o sistema social opressivo puritano, a determinação de subversão do modelo vigente por parte de Hester Prynne e a perspicácia infantil, mas ácida, de Pearl como elementos catalizadores desse processo.

CAPÍTULO 2 - SOCIEDADE – IDENTIDADE – ADULTÉRIO

2.1. IDENTIFICANDO AS VOZES SOCIAIS DO ROMANCE.

Ao tratarmos das penas sofridas por Hester Prynne – e, conseqüentemente, por sua pequena Pearl – é importante observarmos tais medidas punitivas como resultados de um sistema androcêntrico,⁵³ assumido e defendido não só pelo grupo social (masculino) dominante, mas também pelas mulheres puritanas, as quais exerciam sua identidade feminina de modo servil ao homem, esse responsável por configurar o modelo feminino vigente, ditando os requisitos necessários para caracterizar a mulher puritana. Percebe-se a manifestação desse modelo cultural antes mesmo de Prynne deixar pela primeira vez a prisão de Cornhill em Boston acompanhada por sua filha recém nascida. No capítulo intitulado *A Praça do Mercado* encontramos uma multidão que se aglomerava diante da porta da prisão aguardando um grande acontecimento para aquela comunidade. Naquela praça, onde um cadafalso ocupava um local de destaque, a expectativa dos habitantes era comparável àquela antecedente à “*execução de algum criminoso notório, sobre o qual a sentença do tribunal da lei não fizesse mais do que confirmar o veredicto da opinião popular*”, ou, talvez se tratasse de “*um escravo preguiçoso ou um menino rebelde, entregue à autoridade civil, que tivesse de ser castigado sobre o pelourinho. Podia ser um antinomiano, um quacre, ou qualquer sectário da religião heterodoxa, que estivesse em via de expulsão da cidade.*”⁵⁴ Nota-se, contudo, um clamor público elevado naquela espera da multidão, principalmente por parte das mulheres que ali se entremeiam aos homens. À época dos acontecimentos, independentemente da natureza das faltas cometidas por Hester, “*mulheres criminosas eram suficientemente raras,*”⁵⁵ o que provocava uma repercussão popular mais acentuada quando do cometimento de um crime por uma mulher. No caso do romance, o pecado/crime cometido alvoroçava ainda mais as mulheres presentes que se sentiam particularmente atingidas, deixando que seu discurso fosse tomado pelo desprezo e repulsa pela adúltera, como se vê em suas falas enquanto aguardavam a chegada da pecadora:

- Senhoras – disse uma cinquentona de fisionomia dura – vou revelar-vos um pouco do que penso. Seria de muito proveito geral que nós, mulheres de idade madura, e religiosas de boa reputação, tivéssemos o encargo de lidar com criminosas da espécie dessa Hester Prynne. Que achai, amigas? Se a velhaca comparecesse perante nós cinco que aqui estamos, sairia com uma sentença como a que o magistrado proferiu? Palavra, não creio.⁵⁶

53. Marques-Pereira in Hirata, 2009. p 37.

54. Hawthorne, 1850. p 57.

55. Baym, 1986. p 7.

56. Hall in Silva, 2009. p 109.

Apesar da inegável dureza das penas impostas a Hester, o grupo de mulheres não parecia satisfeito com as medidas punitivas tomadas pelos clérigos e magistrados. Segundo a opinião de outra personagem feminina anônima da multidão,

-Os juízes são cavalheiros tementes a Deus, porém por demais complacentes. Esta é que é a verdade!” (...) Deviam pelo menos marcar-lhe a testa com ferro em brasa. Assim a dona Hester espernearia, garanto eu! Mas pouco se incomodará com o que lhe puserem no corpete do vestido, a reles prostitua! Ora! Com um broche qualquer ou outro enfeite pagão poderá esconder o emblema e passear pelas ruas, atrevida como sempre!⁵⁷

É sabido que a identidade é marcada por meio de símbolos, havendo estreita relação entre a identidade e os elementos visuais externos, vestimentas, acessórios, tatuagens, marcas tribais, entre outras⁵⁸. Para as autoproclamadas julgadoras de Hester Prynne, contudo, as marcas da diferença sobre a pecadora deveriam ter um alcance permanente não somente na força da palavra legal, a qual a obrigava a sempre utilizar o ferrete sobre as vestes. Percebemos no discurso dessas mulheres a vontade de que essa marca da diferenciação não fosse removível ou disfarçável, pois, retirando-lhe a letra “A” das vestes, a pecadora seria fisicamente igual às puritanas santificadas. A marca de ferro em brasa lhe perseguiria através do tempo, denunciando seu comportamento pecaminoso ainda que decidisse fugir da Nova Inglaterra. A sugestão aqui apresentada de uma marcação definitiva sobre o corpo da pecadora nos parece conectada à caracterização da mulher a partir da diferenciação baseada na anatomia feminina. Isso em razão de que, antes do descobrimento do seu pecado, para as puritanas de Boston, a costureira não era capaz de ser diferenciada das demais mulheres santificadas. Apenas com a revelação de sua gravidez é que ocorreu a classificação social da personagem como prostituta. A remoção de seu ferrete, entretanto, permitiria seu retorno ao modelo feminino puritano meramente anatômico, ao menos para as mulheres da colônia; diante disso, percebemos o público feminino como avesso à criação de um terceiro grupo de oposição constituído por Hester e Pearl. Acreditamos que a dicotomia “nós e eles”, presente na conceitualização da identidade puritana repelia um novo “eles”; essa repulsa se dá em virtude dessa dicotomia entender a mulher como outro, o “eles”, e os homens o “nós” da sociedade. Admitir a pecadora e sua filha como um grupo antagônico à identidade feminina puritana importava na percepção de si como um “eles” social diferente daquele que estavam habituadas a ser, colocando em questão sua posição de sujeito, mas não dando a ela a

57. Ibidem.

58. Ibidem.

capacidade de se tornar um “nós” estruturante da sociedade, pelo contrário, somente caracterizaria a existência de uma nova marca de diferença, de uma nova identidade feminina capaz de pôr à prova os valores daquela já existente. Esse novo grupo social composto por mãe e filha seria, pois, um “outro” para o “outro” e para o “nós”; as exigências do público feminino por medidas mais severas que as tomadas pela justiça puritana expressam, portanto, um posicionamento contrário a um novo exame do seu sistema de classificação social.⁵⁹

A partir da análise dessas opiniões puritanas a respeito de Hester, observamos uma marca de dominação da mulher firmemente disposta no discurso das personagens. A expressão das mulheres puritanas parece se apresentar aqui como um elemento passivo dessa relação de dominação, legitimando a construção cultural que as aprisionava naquele sistema opressivo. Ao classificar Hester como a prostituta responsável por lançar a desgraça sobre sua comunidade, as mulheres de Boston não somente lançam seu repúdio sobre o ato da pecadora, mas também reproduzem o um discurso histórico constatável naquela cultura, no qual a mulher se reveste de uma moral irrepreensível. Como aponta Hall⁶⁰ é dentro do discurso que podemos encontrar as identidades, sendo essencial *“compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”*. A cena de *A Praça do Mercado* nos traz um momento histórico específico da construção identitária da mulher na Nova Inglaterra; a partir dessa narrativa, conseguimos compreender uma relação de dominação masculina erguida a partir de um discurso religioso determinado, presente *“no interior do jogo de modalidades específicas de poder;”*⁶¹ percebe-se, portanto, a identidade feminina puritana como um produto da marcação da diferença e da exclusão⁶² criada a partir de uma relação evidentemente sexuada de poder. Entendemos que

Toda relação de dominação, entre dois grupos ou duas classes de indivíduos, impõe limites, sujeição e servidão àquele(a) que se submete. Ela introduz uma dissemetria estrutural que é, simultaneamente, o efeito e o alicerce da dominação; um se apresenta como representante da totalidade e o único depositário de valores e normas sociais impostas como universais porque os do outro são explicitamente designados como particulares. Em nome da particularidade do outro, o grupo dominante exerce sobre ele um controle constante, reivindica seus direitos fixando os limites dos direitos do outro e o mantém num estatuto que retira todo seu poder contratual.⁶³

Nesse passo, a relação de dominação exercida pelo grupo social dos homens puritanos nos apresenta sinais de um conceito de identidade essencialista;⁶⁴ nela, a mulher é observada

59. Woodward in Silva, 2009. p 14.

60. Hall in Silva, 2009. p 109.

61. Ibidem.

62. Ibidem.

63. Apfelbaum, in Hirata, 2009. p 76.

64. Hall in Silva, 2009. p 109.

como portadora de um núcleo imutável, intocável pelo discurso religioso masculino de irrepreensibilidade moral. Hall⁶⁵ aponta para a observação da identidade a partir de um conceito “*estratégico e posicional*”, o qual “*não assinala aquele núcleo estável do eu que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história.*”, não tendo como referência um segmento idêntico do indivíduo ao longo do tempo.

Em seu discurso, o pesquisador contraria a possibilidade do estabelecimento identitário a partir de um “*eu coletivo ou verdadeiro que se esconde dentro de muitos outros eus – mais superficiais ou mais artificialmente impostos – que um povo, uma história e uma ancestralidade partilhadas mantêm em comum,*”⁶⁶ que é exatamente o que observamos na comunidade narrada por Hawthorne. Esse essencialismo identitário é, como assinalado em Apfelbaum, estruturalmente desproporcional, expresso por um processo de servidão por parte da mulher. Essa sujeição aos valores impostos pelo homem acaba por servir de alicerce para a reprodução da opressão que, por sua vez, é transferida para Hester em razão não meramente da desobediência às normas sociais, mas por ir de encontro aos princípios basilares daquela dominação. Entendemos a tensão estabelecida pela pecadora como um conflito de vozes no romance. Ao passo que a voz feminina é praticamente emudecida, Hester assume a responsabilidade pelo próprio discurso, fazendo-se ouvida na performance de uma prática discursiva contrastante com os papéis sociais comumente ocupados pela mulher no Puritanismo. Ao questionar a estrutura assimétrica puritana, a costureira sai do anonimato moral imposto pela sombra do grupo dominante, assumindo a autoria de sua vida; como observaremos mais detalhadamente ao tratarmos especificamente da execução de seu banimento, Hester não tinha espaço naquela comunidade; dessa forma, entendemos que não havia alternativa para Hester, senão deixar o convívio comunitário, fosse forçadamente, como se deu, ou voluntariamente, tendo em vista o aumento da incompatibilidade entre a mulher socialmente ativa e independente que resultou das transformações identitárias sofridas por ela no romance, e as demais mulheres da colônia, assumidamente submissas.

65. Hall in Silva, 2009. p 109.

66. Ibidem.

2.2. AS VOZES FEMININAS E A REPRESENTATIVIDADE SOCIAL.

Os discursos femininos no romance colocam ainda em questão a forma pela qual a mulher puritana se representa na sociedade. Considerando a fala de um sujeito sempre exposta a partir de uma posição histórica e cultural específicas,⁶⁷ Woodward⁶⁸ aponta o problema da representação fundamental à formação ou fortalecimento de identidades; portanto “*quem e o que nós representamos quando falamos?*” é um questionamento necessário na investigação identitária. O problema da representação feminina no seu processo de formação identitária reside, contudo, em um aspecto antecessor ao questionamento levantado, pois é “*crucial conhecer quem pergunta pela identidade, em que condições, contra quem e com que propósitos.*”⁶⁹ Acreditamos que, neste ponto da discussão, somos mais capazes de responder esses elementos cruciais para a construção identitária feminina puritana do que as mulheres de *The Scarlet Letter*. Sendo assim, como seriam elas capazes de questionar acerca de sua identidade? Não acreditamos que isso fosse uma preocupação para elas, uma vez que esse *quem* representado na fala das mulheres em *A Praça do Mercado* é incapaz de se auto representar. Ao mesmo tempo em que as identidades são definidas dentro da prática discursiva, na qual relações sociais e históricas dos agentes envolvidos são preponderantes para os rumos dessa definição, entendemos esse caso de representação também como fruto das relações sociais e históricas de uma cultura. Na situação local narrada em *The Scarlet Letter*, não acreditamos que essa impossibilidade de autorrepresentação se vincula somente à falta de autodeterminação da mulher sobre sua subjetividade, mas também ao fato de que a subserviência feminina não se limitava ao rigor hierárquico da *Ordem Social Puritana*.

Uma vez que ela não é capaz de ser agente de sua representação, resta-nos indagar *o que* a mulher puritana representa em seu discurso. Distante de representar um indivíduo, essa mulher representa um conceito feminino servil, cuja aplicação prática na sociedade esta centralizada na figura do homem. Esse conceito feminino calcado na servidão, por sua vez, não estabelece uma relação entre o ser que representa e uma subjetividade completamente capaz de se representar, pois o objeto de representação da cultura puritana não dava importância ao indivíduo, mas à coletividade; como membro desse eu coletivo, salientado por Hall como artificialmente imposto, cada membro da comunidade deveria estar comprometido com o contrato de salvação de todo o seu grupo. A resposta à questão sobre *o que* os puritanos representavam em seu discurso é, portanto, uma espiritualidade coletiva, alheia a individualidades e subjetividades. A situação da mulher puritana se agrava, primeiramente,

67. Woodward in Silva, 2005. p 27.

68. Ibidem.

69. Santos, 1994. p 32.

em razão da organização hierárquica imposta pela *Ordem Social Puritana*. Embora não fosse a única ferramenta aplicada pelo sistema paternalista a favor da submissão feminina, tal disposição social colocava a mulher em uma posição inferior ao homem, impedindo-a de desempenhar papéis relevantes na sociedade. Esses impedimentos nos apontam para um quadro cultural que negava à mulher o direito de qualquer representação, não somente a sua, mas também a de representar qualquer outro integrante da comunidade, uma vez que a *Ordem Social* cerceava a mulher do direito de exercer cargos políticos, de ocupar cargos na magistratura e em qualquer repartição pública.⁷⁰ Notadamente, isso se dá em razão da natureza ter favorecido o homem em sua capacidade decisória, tornando-o mais apto para o exercício de funções administrativas de relevância comunitária - pelo menos de acordo com o princípio puritano de *Hierarquia Recíproca*,⁷¹ parâmetro unicamente biologizante para a determinação das representatividades sociais que torna o poder inalcançável para a mulher; encontramos, portanto, o grupo social feminino legado à submissão ao grupo social dos homens em todos os aspectos da vida pública. Entendemos que essas sujeições ao grupo masculino expressavam-se socialmente por um conjunto de incapacidades por ele ditadas. Por ser mulher, era incapaz de julgar, mas estava ao alcance das leis, cuja dosimetria era diferenciada sobre ela, sujeita a restrições morais mais severas: Por quê? Por ser mulher. Também por isso, era incapaz de governar, sujeitando-se a políticas públicas e direcionamentos de sua comunidade voltadas para o grupo social antagônico,⁷² mas era essencial à existência do Estado. Por ser mulher, era incapaz de frequentar universidades e outras instituições de formação de consciência,⁷³ estando, por isso sujeita à consciência social masculina; esses cerceamentos expressavam-se inclusive no campo econômico, pois, embora consumidoras, tinham sua participação nas práticas comerciais bastante limitadas.

Dessa forma, o “o que” representado na fala das mulheres puritanas é uma espiritualidade e um valor moral construídos hierarquicamente de modo a favorecer o grupo social opressor. Como resultado dessa prática discursiva hierárquica paternalista temos um fortalecimento do homem nesse grupo social dominante. Como vemos,

A hierarquia de gênero não apenas libertou os homens de ter que viver uma vida completamente moral, mas os sustentou em seu papel de mais poderosos. A crença tradicional ocidental no valor superior dos homens tinha apoiado (e sido apoiada) um maior poder tanto legal como social do sexo masculino. As idéias do Iluminismo quanto à mulher forneceram novos argumentos para a já antiga exclusão delas da vida pública, bem como os argumentos para a nova exclusão no comércio. Os

70. Baym, 1986. p 7.

71. Ibidem. p 195-196.

72. Woodward in Silva, 2009. p 71.

73. Leites, 1986. p 178 – aqui o autor se refere à restrição da mulher à universidades e demais instituições como anterior ao século XVIII, não sendo abrangendo todo o Puritanismo, no entanto *The Scarlet Letter* se refere a um período anterior, século XVI, permitindo-nos aplicar essa referência às mulheres apresentadas no romance.

puritanos tinham já esperado que as mulheres tomassem parte no comércio na medida em que tinham que partilhar da gerência da economia doméstica, que produzia tanto como consumia. Mas, de acordo com a idéia iluminista de gênero, as mulheres eram por demais inocentes e elevadas para tomar parte na sujeira, rudeza e confusão, tanto da vida política quanto dos negócios.⁷⁴

Esse apontamento nos mostra uma inferiorização feminina, descrita por Mary Wollstonecraft como destrutiva na *Reinvindicação dos Direitos das Mulheres* de 1792;⁷⁵ segundo a autora, essa relação hierárquica se dispõe como uma herança presente no caráter humano, fazendo com que as mulheres sejam mais rebaixadas e limitadas tanto quanto possível pelo homem, o qual se “*mantém em certo degrau manifestando suas faculdades transformando-se em soldados e homens do estado.*”⁷⁶ O que Leites nos mostra, contudo, é que inúmeros aspectos da vida pública eram vetados à participação feminina. Considerando a importância do comércio para uma economia incipiente como a da colônia, a exclusão feminina da vida comercial/econômica restringe ainda mais a participação social do grupo feminino, submetendo-o ainda mais às direções dadas pelo grupo dominante. Para Wollstonecraft,⁷⁷ “*é vão esperar virtude das mulheres até que elas sejam, em certo grau, independentes dos homens*”. Essa dependência, por sua vez, é o lastro que sustenta todo o ciclo de sujeição feminina; uma vez sendo aplicada a política da submissão entre os gêneros, aqueles dominantes tendem a se manter nessa posição, e sendo recompensados pela opressão que executam através da “*bajulação, carinho e afeto*” de suas esposas⁷⁸. Isso ressalta uma submissão feminina superior ao campo da organização social hierárquica. Ainda que essa hierarquia fosse executada de maneira um pouco mais branda dentro do lar, permitindo à esposa certo posicionamento quanto aos assuntos relativos à vida familiar, sem, contudo, qualquer capacidade decisória, entendemos que a hierarquia de gêneros puritana tem extensão não somente na vida pública da colônia, refletindo-se também na vida privada de maneira a sedimentar os alicerces necessários para a construção de um grupo feminino socialmente desvozeado.

Uma vez que o objeto da representação na fala da mulher puritana não é um eu individual; a representação feminina está atrelada a uma coletividade cuja subjetividade é limitada somente à parte que lhe cabe na construção desse eu coletivo. Isso nos leva a mais uma das representatividades vedadas à mulher da Nova Inglaterra. Considerando as

74. Leites, 1986. p 199.

75. in Cudd and Andreasen, 2005. p 13.

76. Ibidem.

77. in Cudd and Andreasen, 2005. p 11. “Nay, it is vain to expect that strength of natural affection which would make them good wives and mothers. Whilst they are absolutely dependent on their husbands they will be cunning, mean, and selfish; and the men who can be gratified by the fawning fondness of spaniel-like affection have not much delicacy, for love is not to be bought” Tradução Nossa.

78. Ibidem.

características religiosas e paternalistas da colônia, não seria de se estranhara proibição da mulher na prática do ministério religioso. Embora essa seja uma restrição comum a diversas outras culturas, a peculiaridade da sociedade retratada em *The Scarlet Letter* é a disposição do homem não apenas como monopolizador da representação religiosa no grupo, ocupando os cargos de ministério religioso. O que percebemos é uma sociedade em que a figura do marido ganha um status de líder religioso para toda a família, atribuindo-se a ele tanto a capacidade quanto a responsabilidade de regular suas atitudes como *cabeça da família* a fim de alcançar o “*Amor Universal e Sagrado Afeto, abstraindo-se a si mesmo com a Divina Essência*”; devendo “*ligar seu próprio centro, se ele o tem, ao centro do Divino Ser.*”⁷⁹ Embora todos pudessem orar independentemente, todas as “criaturas tinham acesso a Deus apenas através de seu superior, o homem,”⁸⁰ dispondo, assim, a figura masculina como essencial ao núcleo espiritual da família, do casamento, “*a pequena igreja dentro da Igreja,*⁸¹” bem como de sua *Ordem Social* baseada na *Lógica dos Relacionamentos*;⁸² essa *Lógica dos Relacionamentos* era parte do discurso puritano que estabelecia a ordem das coisas de acordo com a ordem da criação, visando estabelecer modelos de relacionamentos entre as pessoas; em diversos níveis, essa *Lógica* constituía mais um elemento de categorização da sociedade, fortalecendo as hierarquias sociais e de gênero. Como aponta Morgan,⁸³ esse discurso apoiava o congregacionalismo puritano, delegando força às classes dominantes (invariavelmente masculinas) de maneira a constitui-las como o único poder, estando acima até da própria democracia. Dessa forma, além da subordinação imposta ao grupo social feminino, a subordinação espiritual deste também é visível. Percebe-se, pois, a ausência de espaços sociais em que a mulher pudesse se reconhecer como indivíduo portador de subjetividades; esses espaços de performance subjetiva eram irrestritamente masculinos, não restando à mulher sequer o próprio lar, pois a organização familiar não era muito diferente da organização da igreja e da sociedade puritana.

O discurso religioso puritano moldava a família como uma instituição espiritual baseada no modelo social da colônia. Assim como os clérigos possuíam uma autoridade tanto ou mais influente quanto aquela de que dispunham os políticos e magistrados na Nova Inglaterra, dentro do lar essa autoridade era executada pelo marido em uma espécie de delegação do poder dos ministros. Sendo o marido o ente responsável pela representação de toda sua família, ele tinha em suas mãos a obrigação de zelar pela formação espiritual dos seus membros, dando-lhes lições sobre as *Sagradas Escrituras* e interpretando-as de forma a

79. Leites, 1986. p 44.

80. Milton in Morgan, 1966. p 20. “for although the creatures had access to God only through their superior, man” Tradução Nossa.

81. Campbell, 1990. p 211.

82. Morgan, 1966. p 21-25.

83. ibidem. p 25.

fazer com que suas palavras ressoassem em sua casa como a própria palavra de Deus. De fato, ele era para sua esposa e os demais membros o próprio Deus dentro de casa, devendo ser adorado como tal. Segundo Jonathan Mitchel⁸⁴, as “*esposas eram instruídas que a mulher foi feita para Deus como propósito final, mas para o homem como propósito imediato.*” Não havia, portanto, possibilidade para a existência de um *eu* independente daquele caracterizado pelo papel de esposa puritana, pois a subserviência ao homem era um elemento presente na educação da mulher; não percebemos essa mulher como capaz de se reconhecer na execução de um papel submisso, uma vez que suas raízes culturais estavam atreladas a políticas paternalistas reprodutoras de um pensamento androcêntrico. Tanto a educação quanto a manutenção desse sistema opressivo à mulher era legitimado nas práticas religiosas realizadas dentro e fora da Igreja. No ambiente eclesiástico, a privação da prática de liderança religiosa era expressa nitidamente por meio da exaltação do homem como o responsável pela glorificação de Deus; observa-se então a figura do cabeça da família como caminho pelo qual a família deveria seguir em direção à salvação, objetivo primordial de todo membro da comunidade puritana. Essa salvação, por sua vez, era vista mais como um resultado automático conseguido através da completa obediência às ordens sociais impostas pela Igreja do que necessariamente um bem adquirido ao final de uma vida santificada.⁸⁵

2.3. REPRESENTATIVIDADE E REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA

Como vimos até agora, as relações sociais no puritanismo de *The Scarlet Letter* estão diretamente relacionado ao fiel cumprimento das leis divinas. Essa obediência mencionada por autores e pregadores se refere àquilo que os puritanos chamavam de “*contrato*,”⁸⁶ termo figurativo que representa o compromisso de Abraão com sua fé, através da qual o homem alcançaria uma vida santificada.⁸⁷ Esse compromisso de Abraão é o mesmo a ser admitido pelo homem e pelos seguidores (cabeça e membros por ele comandados), como já afirmava o reverendo John Cotton em 1641: “*Se Deus fez o Contrato para ser o vosso Deus, então é vossa responsabilidade que vossas crianças e servos sejam pessoas de Deus.*”⁸⁸ Embora o recorte do discurso doessee reverendo não faça menção diretamente à responsabilidade de instrução religiosa das crianças e servos, os versos poeta puritano John Milton em *Paradise Lost* nos permitem compreender que, uma vez a ordem da criação

84. in Morgan, 1966. p 20. “*Wives were instructed that woman was made ultimately for God but immediately for man*” Tradução Nossa.

85. Morgan, 1986. p 1.

86. Ibidem. p 6.

87. Ibidem. p 7.

88. Cotton in Morgan, 1986. p 7. “*If God make a Covenant to be God to thee and thine, then its thy part to see it, that thy children and servants be Gods people*” Tradução Nossa.

favorecer o homem, ele a antecede também na relação com Deus. Para Milton,⁸⁹ assim se estabelece a relação do homem e da mulher perante o Criador : “*ele para Deus unicamente, ela para Deus nele.*”⁹⁰

Essa relação direta do homem com seu Criador, em contraste com a relação indireta da mulher, devendo alcançar a *Divina Essência* por intermédio do marido atribuí, portanto, à ordem da criação uma vontade divina de que o comando sobre as criaturas do universo fosse dado ao homem, o qual seria uma criação direta de Deus; a mulher, ao contrário, nos parece observada como uma criação divina que poderíamos dizer ser indireta, pois, tendo saído do homem, a esse deveria gratidão eterna. A precedência de Adão na chegada ao universo torna-se então uma justificativa para os puritanos estabelecerem em sua *Hierarquia Recíproca* também uma hierarquia espiritual dos líderes masculinos. O Puritanismo nos aponta, portanto, para uma perspectiva dual do homem perante Deus. Por um lado, o homem é objeto da criação, obviamente por ter sido criado; essa criação, contudo, tem características diferenciadas quando comparada a de outros seres. A idéia do homem em relação a Deus é a de perfeição, pois sua criação se deu a fim da vontade divina de completar aquele universo recém concretizado, no qual os lugares sequer ainda tinham nome, com uma criação perfeita, com uma obra prima capaz de comandar todos os seres ali viventes. Para os puritanos, portanto, a figura masculina foi criada em razão de que, no princípio,

“Pela terra frutífera caminhavam
Répteis, insetos, vermes e quadrúpedes
Mas perfeito de todo o sexto dia
Não era; uma obra-prima lhe faltava,
De toda a criação remate augusto
Vivente que, dos brutos mui diverso,
De santidade e de razão dotado,
Sua origem sublime conhecendo,
Sustido a prumo aos Céus levante a fronte
E sobre as outras criaturas reine”⁹¹

Por outro lado, essa perspectiva dual define o homem também como causa da criação, pois ao moldar outro ser, “*como o homem, mas diferente no sexo,*”⁹² uma relação de gêneros está disposta a fim de que eles operem entre si de forma complementar na perpetuação da espécie, como já eram os planos em relação aos demais seres criados naquele sexto dia; no discurso puritano, entretanto, fica também estabelecida uma relação de dependência feminina, uma vez que para possibilitar a sua existência, o próprio Deus tirou do homem a matéria prima para sua criação. Tal qual numa relação paternal em que um filho ou uma filha têm sua

89. Milton, 1667. Canto IV, Verso 299.

90. Milton in Morgan, 1966. p 20 “Hee for God only, shee for God in him” Tradução Nossa.

91. Milton, 1956. p 259.

92. Milton, 1667. Canto VII, Verso 1008.

geração biológica vinculada aos pais, a mulher puritana têm sua geração espiritual ligada a Deus e ao homem. A mulher, portanto, criada do homem e para o homem, passa na cultura puritana a um papel de submissão à figura masculina em razão de que sem ele a mulher sequer existiria. Assim, “*Macho e Fêmea os criou*,⁹³” ordenando diretamente ao homem, sua obra prima, para que ele “*sobre as outras criaturas reine*;⁹⁴” a ordem dada à mulher, contudo, não é exclusiva, mas parte de uma espécie a ser multiplicada, tal qual seria a mesma ordem dada aos outros seres naquele sexto dia, fossem eles dotados da razão e santidade de que dispunha o homem. Além de nos permitir questionar a consideração puritana sobre a mulher ser ou não dotada de razão, os versos apontam também a mulher como uma das criaturas a serem governadas pelo homem por ordem do próprio Deus. Isso afirmamos pois, ao narrar o ato da criação feminina, Milton,⁹⁵ afirma que após Adão ter sido curado da “*larga ferida*” resultante da retirada de sua costela, foi moldada pelas mãos divinas: “*sob suas mãos a formar, uma criatura surgiu*.” Reconhecemos ainda na fala de Adão, dos homens o primeiro, a representação dessa condição da mulher como um bem criado por seu Pai para seu deleite. Embora diga que o universo tenha sido feito para o proveito de ambos, ele aponta Eva como uma de todas as delícias criadas, sendo a mulher a mais prezada porque mais o encanta.⁹⁶

Encarando o texto de Milton como uma representação do texto mais sagrado para o Puritanismo, entendemos que suas interpretações e recriações a partir da Bíblia se tratam de práticas de significação⁹⁷ pertencentes a um sistema simbólico que visava segregar sexualmente os grupos sociais dos homens e das mulheres; como vimos, essa separação sexuada é estabelecida hierarquicamente, o que faz do poema um exemplo claro da construção do discurso por parte do grupo masculino, agregando elementos existentes em suas crenças espirituais a fim de impor à mulher a execução dos conceitos vinculados às significações paternalistas dominantes. Isso nos parece bastante claro quando percebemos o discurso de Eva em resposta ao pronunciamento de Adão sobre as criaturas divinas; o que vemos é uma mulher puritana alegorizada na figura bíblica da primeira mulher. Seu discurso é permeado de marcas caracterizadoras dessa *Hierarquia Recíproca* que temos discutido; entende-se como um dos seres a ser comandado pelo homem, devendo a ele a vida e a felicidade. Para uma cultura em que a ordem da criação era tão influente na organização e no funcionamento de todas as construções socioculturais, a palavra da *primeira das mulheres* ao

93. Gênesis 1:27.

94. Milton, 1956. p 289.

95. 1667. Canto VII, Verso 1106-1107 – the Rib he formd and fashond with his hands/under his forming hands a creature grew” tradução nossa

96. Milton, 1956. p 154-155

97. Woodward in Silva, 2009. p 17.

primeiro dos homens, como tanto enfatiza o autor, nos parece um discurso que estabelece relações entre a cultura e a religiosidade histórica possuidor de relevante autoridade, capaz de indicar aos seus leitores os caminhos pelos quais seguir a fim de alcançar a desejada salvação. A narrativa mostra, assim, tanto o bom exemplo, ou seja, a maneira correta de como uma mulher deve idolatrar seu homem, quanto as consequências da desobediência às ordens do Criador. Isso faz da obra uma verdadeira lição de comportamento para homens e mulheres; sim, homens e mulheres em razão de que essa doutrina opressiva precisava ser ensinada também aos homens, a fim de que observassem e regulassem o comportamento das mulheres que estavam sob seu comando dentro e fora do lar de acordo com as sagradas escrituras e suas devidas interpretações. A presença da subserviência impregnada no discurso de gratidão feminina desde a criação nos parece bastante clara no trecho que abaixo destacamos:

*“Ó tu, de quem e para quem formada,
carne de tua carne, aqui existo,
meu guia e chefe meu, sem quem eu fora
em todos os sentidos imprestável, -
tudo quanto disseste é reto e justo.
Sempre sinceras, quotidianas graças
Devemos dar-lhe, - mormente eu que gozo
O mais feliz quinhão em seus favores
Estando unida a ti, que te avantaças
A mim por tantos dotes sem que encontres
Outrem que possa emparelhar contigo.”⁹⁸*

Creemos que a divulgação de doutrinas comportamentais criadoras de significados como essa era bastante eficaz para a construção da chamada “*utopia de virtude e felicidade*,”⁹⁹ pois, pautando suas vidas pelos princípios doutrinados pelo Pai, cientes dos erros cometidos pelos primeiros homens criados, a salvação seria alcançada muito facilmente; para nós, este é um caminho lógico para entendermos a razão pela qual a narrativa de Hawthorne descreve esse ideal puritano como uma “*utopia*”.

Entendemos que essa relação de Adão e Eva reproduzida pelo escritor puritano salienta aqui mais uma dualidade classificatória assumida pela figura feminina ali representada; na relação direta entre criador e sua criação, os personagens envolvidos são Deus e o homem. Destacamos, contudo, um segundo aspecto dessa dualidade, estabelecido entre criador e co-criação, na qual um terceiro participa além dos anteriormente citados: a mulher. Destacamos essa personagem como o elemento co-criado, uma co-criatura produzida a partir de uma cooperação entre Deus e o homem, para quem ela foi formada. O motivo de nomearmos a Eva de Milton como co-criatura se baseia no fato de que o homem era um ser

98. Milton, 1956. p 156.

99. Hawthorne, 1850. p 57.

diferenciado das demais criaturas já criadas. Dentro do planejamento do universo proposto em *Paradise Lost*, as diferenças caracterizadoras da espécie humana já estavam marcadas em relação aos demais seres. Por isso a responsabilidade do homem na criação da mulher, que veio a complementar o quadro das criaturas a serem guiadas pelo homem. Dessa forma, não entendemos que essa obra contempla uma mulher diferente das demais criaturas do universo; essa indiferenciação final mostra uma mulher primeira bastante animalizada, sabidamente inferior a “espécie” masculina, a qual reconhece não somente como superior a ela, mas também como superior às demais espécies. Essa noção autoconsciente de inferioridade é, talvez, o único indício de uma razão presente na feminilidade puritana. Os três últimos versos do trecho acima destacado fortalecem esse caráter animal da mulher; sendo eles o primeiro homem e a primeira mulher no universo, cabendo-lhes a responsabilidade pela reprodução de toda a espécie, uma vez que não mais homens e mulheres foram criados diretamente por Deus, ao falar “*Estando unida a ti, que te vantagens a mim por tantos dotes sem que te encontres outrem que possa emparelhar contigo*”, a personagem feminina ali declara tanto sua inferioridade quanto sua relação de criatura como as outras perante o seu *Cabeça* (na tradução aqui utilizada a palavra *head* – cabeça – foi traduzida para guia). Isso se esclarece ao atentarmos para a certeza dessa personagem de não ser capaz de encontrar outrem que seja comparável àquele homem. Considerando um universo em que não haveria qualquer outro homem, a palavra de Eva expressa que uma subversão nos motivos da criação seria impossível simplesmente em razão das qualidades excepcionais do homem, insuperáveis pela natureza feminina, e não por causa de serem eles os únicos daquela espécie, o que nos faz questionar se o discurso de Milton entende homem e mulher como sendo da mesma espécie, ou se essas considerações se davam somente para salientar a superioridade masculina, inculcando nas mulheres uma submissão categórica.

Diante disso, esse poema de 1667 nos faz acreditar que, para os puritanos, a mulher ocupava mesmo uma posição secundária perante a vontade de Deus; nessa relação com ele, repetimos, ainda que seus pensamentos pudessem se elevar ao Pai, era para o homem que suas ações deveriam se dirigir, para alcançar por meio dele a salvação. A proximidade desse poema com a relação entre os sexos na execução da religiosidade puritana nos parece ainda mais fortalecida quando lembramos a pouca influência da literatura ficcional naquela cultura; como veremos mais detalhadamente adiante, para os puritanos a ficção chegava a ser considerada uma distração, tendo efeitos nocivos para os seus consumidores, devendo ser evitada pelo desvio que poderia criar das *Sagradas Escrituras*, o que permeava mesmo os

discursos políticos de um posicionamento contrário à leitura ficcional.¹⁰⁰ O que se pregava em relação à educação infantil, por exemplo, era: “*Ensine-os a ler, mas ensine-os a ler a bíblia.*”¹⁰¹ Assim, ao observarmos os versos de Milton, apreendemos uma grande quantidade de informações relacionadas ao texto bíblico; apesar dos direcionamentos religiosos de sua escrita, *Paradise Lost* não deixa de ser um texto ficcional. O que observamos, contudo, é uma grande relação com as Escrituras de forma a dilatar o texto sagrado para uma melhor interpretação por parte daquele grupo que buscava a salvação. Não acreditamos que sua produção como capaz de ser compreendida como ficção para seus leitores, pois o Puritanismo pregava a liberdade de interpretação da bíblia, cabendo aos líderes religiosos, no âmbito da congregação, e aos cabeças da família, no âmbito doméstico, interpretá-la para seus membros. Nessa perspectiva, *Paradise Lost* nos parece uma ferramenta de divulgação de uma interpretação bíblica capaz de reproduzir os elementos formadores daquela cultura, entre os quais a já discutida obediência ganha um lugar de destaque. Essa relevância do ser obediente àquela cultura está presente já no verso de abertura de sua obra, retratando-a como a responsável por trazer a morte e todo o mal para o mundo na expulsão do homem e da mulher dos Jardins do Éden.¹⁰² Iniciando, pois, o canto com os resultados catastróficos para o homem em razão de sua desobediência, o autor nos indica o fiel cumprimento aos mandamentos divinos como o único caminho possível para alcançar o *Reino de Deus*. Esse único caminho possível, no entanto, encontrava-se dualizado, tal como toda a estrutura social puritana. Para alcançar a salvação, homem e mulher tinham os mesmos deveres para com a santificação de sua existência; a retidão de conduta exigida, no entanto, era expressa com alvos diferenciados de acordo com o sexo daquele que pretendia ser salvo. Nessa dualidade, vemos o homem em uma relação construída a partir do anteriormente citado conceito de *contrato*, ou seja, de acordo com o compromisso de Abraão com sua fé; dessa forma, o homem é definido aqui como o elo entre o *Reino de Deus* e sua expressão visível na colônia, uma vez que, acreditamos, essa figura bíblica em que se baseia a relação do puritano com sua fé é fortemente patriarcal; sendo assim, entendemos que a mulher não se relacionava com sua fé da mesma forma que o homem, uma vez que deveria alcançar Deus por intermédio de seu marido. Vemos aqui o homem não somente como o caminho para o Criador, mas como um ente sem o qual o próprio Criador não existiria para sua esposa; para nós, essa dualidade reforça a deificação masculina naquela sociedade em que todos os esforços do homem deveriam ser voltados para reatar os laços do seu matrimônio sagrado com Deus, “o único que

100. Baym, 1986. p xv.

101. Morgan, 1966. p 88. “learn them to read, but learn them to read the Scriptures” Tradução Nossa.

102. Milton, 1667, Canto I, Verso I.

*nunca poderia ser dissolvido;*¹⁰³ o discurso religioso, no entanto, salienta esse matrimônio espiritual com o Criador como inatingível para aqueles que dessem muito valor às relações humanas.¹⁰⁴

Ainda que ambíguo, dado o valor do casamento entre homem e mulher para aquela cultura, esse apontamento de Edmund Morgan nos mostra certa liberdade do homem em suas relações com a mulher em virtude de que seu objetivo final não era a manutenção de uma união humana, mas na reabilitação do pecado cometido por “*Adão, o melhor dos homens*”¹⁰⁵. Vemos então uma *Hierarquia Recíproca* que classifica a partir do gênero o conceito de contrato com a fé para o Puritanismo, uma marcação pela diferença cuja importância se mostra tão notória para aquela cultura que uma das observações mais contemplativas de Satã sobre essa espécie que habitava o Éden é justamente sobre os elementos diferenciadores daqueles seres baseados na anatomia:

Como o homem, mas de sexos diferentes, tão amavelmente belos
Que o que parecia belo em todo o mundo, parecia agora estranho¹⁰⁶

2.4. BRADSTREET E O VÉU DA MULHER PURITANA

Embora tenhamos dedicado uma parte relevante da nossa discussão acerca da representação feminina nas práticas discursivas baseando-nos no texto literário de Milton, abordaremos agora essa discursividade literária na expressão feminina, o que consideramos importante para compreendermos a maneira como o discurso feminino estava dominado por marcas do poder paternalista puritano. Vimos que o poeta se propõe a desenvolver seus escritos de forma a sustentar a elite dominante da qual fazia parte; para isso, centra seu discurso na religiosidade sobre a qual sua cultura foi construída, fortalecendo, assim, as fronteiras demarcadoras das diferenças entre os gêneros. Dessa forma, entendemos como necessário investigar a forma pela qual a mulher se representava nessas práticas discursivas, a fim de comparar o *quem* e o *que* representado pela mulher com a figura feminina verificada em *Paradise Lost*. Servindo tanto para discutir as relações puritanas afetivas quanto as conjugais, os poemas de Anne Bradstreet nos servem para essa comparação entre a representação discursiva da mulher pela mulher e dela pelo homem. Ao nos dedicarmos aos seus textos literários, o fazemos à procura dos indícios da subjetividade feminina, a fim de

103. Morgan, 1966. p 21.

104. Ibidem.

105. Milton, 1667, Canto IV, Verso 323 “Adam the Goodliest man” tradução nossa.

106. Milton, 1667. Canto VII, Versos 1108-1111 “Manlike, but different sex, so lovly faire, that what seemd fair in all the World, seemd now mean – Tradução Nossa.

identificar em seu discurso a existência ou não de qualquer elemento capaz de mostrar um eu individual na mulher puritana. O que se percebe logo de início é que, como aponta Edmund Morgan,¹⁰⁷ os poemas de Bradstreet são dotados de uma carga profunda e sincera de afeto pelo seu marido, podendo ser comparados com cartas de expressão religiosa e amorosa trocadas entre o Reverendo John Winthrop e sua esposa Margaret. Vários são os autores a apontar Anne Bradstreet como um expoente na Literatura,¹⁰⁸ principalmente em razão da produção literária feminina na colônia ser muito incipiente e restrita, oprimida como qualquer outra expressão da opinião feminina. Seus textos narram fatos muitas vezes corriqueiros da vida cotidiana de uma mulher na Nova Inglaterra, tratando de situações como o incêndio de sua casa em *Upon the Burning of Our House, 1666*, e suas relações afetuosas com seus entes queridos, como os filhos, em *I had eight birds hatched in one nest*, de 1659; e é justamente na expressão afetiva que nos concentramos, atentando inicialmente para os títulos de alguns de seus poemas, como *To my Dear and Loving Husband, For the restoration of my dear Husband from a burning Ague, Upon my dear and loving Husband his going into England, In my Solitary houres in my dear husband his Absence, In thankfull acknowledgment for the letters I received from my husband out of England, In thankfull Remembrance for my dear husbands safe Arrival*¹⁰⁹ e *A Letter for her Husband absent upon a Publik employment*. Observa-se, a partir desses títulos, o quanto de sua escrita se dedicava a sua relação com seu marido, o que nos chama a atenção para a maneira como essas relações se estabeleciam dentro do seu discurso literário.

A demonstração de afeto não pode ser vista aqui simplesmente como um ato voluntário de uma das partes do casal para a outra. Como veremos mais detalhadamente ao tratarmos da construção dos sentimentos dentro das relações matrimoniais puritanas, tal afeto era também uma obrigação social a ser executada pela mulher, devendo ser expresso diretamente ao marido como uma forma de respeito à sua condição de cabeça da família. Assim, os poemas dessa escritora puritana apontam para o cumprimento de uma função social da mulher, ou seja, a idolatria ao seu marido, visível já nos títulos de seus textos pela constante repetição das palavras *Dear* e *Husband*, querido/adorado e marido. Dos títulos acima mencionados, dois nos chamam mais atenção em razão de não transparecerem essa extrema devoção à relação conjugal, ao menos inicialmente, são eles *In thankfull acknowledgment for the letters I received from my husband out of England* (Em reconhecimento agradecido pelas cartas que recebi de meu marido fora da Inglaterra) e *A Letter for her Husband absent upon a Publik employment* (Uma carta para seu marido ausente

107. Morgan, 1966. p 61.

108. Sobre Anne Bradstreet e sua relevância literária, ver: Johnson, 1995; Baym, 1986; Morgan, 1966.

109. Morgan, 1966. p 61.

por causa de um ofício público). Esse segundo, no entanto, nos chama a atenção primeiramente em razão de não conter nenhuma palavra que expresse essa afetividade no título. O texto nos mostra, contudo, uma devoção extrema ao marido, reproduzindo os mesmos pressupostos da *Hierarquia Recíproca* vistos em *Paradise Lost* e nas demais referências à cultura puritana; isso é perceptível já nos primeiros versos do poema, quando chama a atenção do marido para o restante de seu discurso referindo-se a ele como:

Minha cabeça, meu coração, meus Olhos, minha vida, mais,
Meu prazer, meu depósito da loja terrena¹¹⁰

Nesse primeiro destaque dos versos de Anne Bradstreet, nota-se a reverência à figura de seu marido Simon Bradstreet, atribuindo-lhe logo de início uma condição de essencialidade à sua vida, uma vez que interpretamos “*Minha cabeça, meu coração, meus Olhos*” não somente como metáforas utilizadas para exaltar seu amor pelo esposo, mas certa relação biológica com funções essenciais de sua existência; além disso, o verso mostra também uma referência direta a um papel que, segundo Gouge,¹¹¹ ele desempenhava para ela, o de véu dos olhos. Gouge ainda afirma que a mulher sequer deveria olhar adiante, senão pelo véu que lhe cobria, ou seja, o homem estava diretamente colocado entre a visão feminina e o universo que se apresentava diante dos seus olhos. Se anteriormente afirmamos que o homem era o caminho pelo qual a mulher deveria alcançar a Deus, percebemos aqui uma dimensão ainda maior da influência da hierarquia de gêneros no Puritanismo. Ao nos referirmos à construção da sociedade vinculada à ordem da criação, dispusemos uma relação de superioridade espiritual do homem; os versos de Bradstreet nos mostram, no entanto, uma nova diversificação dessa superioridade, que se estende do campo espiritual para o campo social. Destacamos, assim, que as responsabilidades do homem como chefe da família não eram apenas restritas à liderança espiritual, e ao provimento material dos seus membros; o que antes nos parecia uma relação direta de alimentação do corpo e do espírito, provendo-lhes comida e interpretando-lhes as Sagradas Escrituras, agora se transforma em uma interpretação da própria sociedade em que vivem. Dadas as características religiosas e paternalistas daquela sociedade, vemos o homem não como responsável pela formação, mas como detentor de um poder de formatação espiritual e social daqueles a ele subordinados.

“*Minha cabeça,*” por sua vez, expressa claramente a idéia de dominância masculina em que “*os homens eram a cabeça, as mulheres o corpo,*”¹¹² sobre a qual trabalhamos anteriormente. Nesse trecho, contudo, a presença de “*meu coração*” nos aponta para um

110. Bradstreet, <http://www.vcu.edu/engweb/webtexts/Bradstreet/bradlet.htm>- My head, my heart, mine Eyes, my life, nay more/My joy, my Magazine of earthly store” Tradução Nossa.

111. apud Leites, 1986. p 29.

112. Leites, 1986. p 32.

desdobramento do sentido de cabeça-corpo. Amplamente utilizado no lirismo ocidental como um elemento de representação sentimental, ao coração se atribui a centralidade da afetuosidade; nos referimos aqui à literatura Ocidental de maneira geral em razão de que nos faltam recursos para explorar a literatura feminina colonial, visto a escassez de referências literárias femininas na Nova Inglaterra; por isso, Anne Bradstreet acaba se tornando o único modelo de uma literatura colonial feminina aplicável à discussão; embora não seja a única referência de produção escrita, Anne foi uma das poucas mulheres cujos textos chegaram a ser publicados como obras literárias nesse período, sobrando-nos como referência somente cartas femininas posteriormente publicadas como fruto de investigações históricas, que também nos serviriam para nortear as discussões sobre o discurso, mas que não compreendem uma produção literária da época. Assim, nossa leitura de *Letter for her husband* nos evidencia uma essencialidade do ser a quem o poema se destina que se afasta de uma simples metaforização do papel que o ser amado ocupa em sua sentimentalidade.

Comparando os sentidos que vislumbramos em *Minha cabeça* com os sentidos aqui atribuídos a *Olhos* (originalmente escrito em inicial maiúscula, o que reforça a tenacidade da expressão), percebemos a mesma relação de essencialidade. Um corpo sem olhos, naturalmente, teria mais dificuldades para encontrar as direções corretas, nesse caso, as direções ideológicas paternalistas puritanas; da mesma forma, um corpo sem cabeça seria, primeiramente, incapaz de realizar interpretações ou processamento de informações recebidas por estímulos externos. Assim, se fortalece a idéia da necessidade do homem para realizar a interpretação do mundo; sendo as identidades construídas a partir de relações dialógicas, vemos, pois, uma relação estabelecida a partir de apenas uma voz capaz de definir o entendimento do outro sobre si mesmo, ditando as regras sobre o eu. Dessa forma, Bradstreet nos revela uma mulher puritana aprisionada a um discurso masculino usurpador do discernimento.

Inicialmente, as relações homem-mulher eram de submissão em virtude de derivar materialmente do relação ao homem sendo que uma costela justificaria a inferioridade da mulher. O sentido que abstraímos do vocábulo cabeça no contexto do poema citado demonstra uma subordinação também expressa no exercício das faculdades intelectuais desdobrada na leitura do mundo e na interpretação das interações com este na construção de si, ficando sua inferioridade agora justificada em uma espécie de costela intelectual, cujo desenvolvimento se deu a partir de diferenças realizadas no campo da sexualidade moral; assim, enquanto o Satã de Milton destacava a diferença anatômica entre os sexos em sua

contemplação de Adão e Eva, um possível Satã discursivo de Bradstreet provavelmente não dedicaria sua fala à afirmação de óbvias disparidades anatômicas dos seres que perambulavam pelos Jardins do Éden, primeiramente porque o Éden estaria estabelecido no *Visível Reino de Deus*, mais precisamente em um lar puritano; em segundo lugar, as diferenças a serem observadas agora não haviam sido estabelecidas por aquele Criador que ele, Satã, tem em comum com a humanidade, pois o homem e a mulher moralmente sexuados pelo puritanismo são criações de um modelo masculino puritano socialmente deificado. Independentemente do ponto de observação utilizado, religioso ou social (considerando aqui uma possibilidade puramente teórica de tal separação), o Puritanismo estava repleto de justificativas para a submissão feminina. De um lado, vemos que a cultura cristã puritana observa a mulher como uma criação fisicamente derivada do homem, por isso devedora da gratidão eterna pela vida que lhe foi dada a partir de um pedaço do objeto de sua criação, submissa espiritualmente ao homem, elo de contato com Deus; por outro lado, a política segregadora dos gêneros aplicada na colônia aponta para o homem como criador de si e da mulher puritana, reproduzindo na submissão feminina as relações de Adão para com Deus dentro o lar. Dessa forma, observamos o que Kergoat¹¹³ dispõe como relações sociais de sexo configuradas por um sistema patriarcal que constitui esse lar como um espaço de interação social que recria o socialmente instituído na *Ordem Social Puritana*, consequentemente dinamizando o processo de sexuação do social e do poder. Tendo essa sociedade sido desenvolvida a partir de princípios religiosos bastante fortes, essa sexuação do social se desenha a partir de um androcentrismo espiritual, do qual se extrai um poder masculino capaz de revesti-lo de propriedades divinas, exigindo da mulher uma posição de devoção e obediência aos mandamentos desse ser superior.

Poemas de Bradstreet nos conduzem para um homem puritano santificado, sagrado, em oposição ao *Homem Civil*,¹¹⁴ que primava pela retidão de sua conduta, mas não tinha necessariamente vínculos estreitos com a religiosidade puritana. Essa sacralidade do homem aparece claramente na produção textual de Anne, podendo ser localizada nesse mesmo *Letter to Her Husband*,¹¹⁵ onde, ao falar dos sentimentos por ela carregados na ausência de seu marido, ela emprega metáforas que vinculam imagens da natureza e do espaço universal para descrever a grandiosidade de seu marido e a sofreguidão por ela enfrentada em razão da distância. Como vemos em:

113. in Hirata, 2009. p 72.

114. Milton, 1667. Versos 7 a 16. "I like the earth this season, mourn in black/My Sun is gone so far in's Zodiack,/Whom whilst I'joy'd, nor storms, nor frosts I felt;/His warmth such frigid colds did cause to melt,/My chilled limbs now nummed lye forlorn;/Return, return sweet Sun from Capricorn;

In this dead time, alas, what can I more/Then view those fruits which through thy heat I bore/Which sweet contentment yields me for a space,/rue living Pictures of their Fathers face" Tradução Nossa

115. Bradstreet, Versos 7-16.

Eu, como a terra nessa época, lamento na escuridão,
 Meu sol se foi tão longe em seu Zodíaco,
 De, quem enquanto na presença, nem tempestades, nem geadas eu senti
 Seu calor tais frios glaciais causou derretimento
 Meus membros gélidos, agora dormentes, pousam desamparados;
 Volte, volte meu Sol de Capricórnio
 Neste tempo morto, infelizmente, o que posso eu mais
 Que ver aqueles frutos que emprestei do teu calor? As quais doces contentamentos
 me renderam pelo espaço
 Verdadeiras figuras vivas da face de seu Pai.

a autora estabelece uma relação entre a Terra e o Sol para representar a si e a seu marido. Vislumbrando o distanciamento entre o planeta e sua fonte de calor e luz, o eu lírico do poema se vê imerso em trevas na ausência de seu ente tão valioso. Não desconsideramos nessa análise os recursos estilísticos da produção poética empregados na construção desse texto, e utilizados até hoje na textualidade contemporânea, mas a hiperbolização do homem como a fonte de vida para a mulher nessa relação entre o planeta e seu astro nos dá indícios de que esse recurso estilístico está a serviço do discurso paternalista de sacralização e adoração homem que temos discutido; isso afirmamos em razão da inevitável comparação entre as trevas nas quais a voz poemática do texto afirma estar imersa e as trevas da condenação espiritual repelida pela cultura puritana.

Os rigorosos princípios religiosos fundamentadores do Puritanismo exigiam dos seus membros a assunção da salvação como objetivo máximo a ser alcançado em sua vida; tal objetivo seria atingido, como já dito, principalmente por meio da fé e da obediência aos mandamentos divinos. Como o poema em discussão, vários outros escritos de Bradstreet estão relacionados ao distanciamento trazido pelas constantes ausências de seu marido Simon, o que lhe proporcionava longos e constantes momentos de solidão. Assim, essas trevas ganham um significado muito próximo da sensação de desamparo, responsável por fazê-la sentir o gelo que só a presença do seu marido era capaz de derreter. Além disso, esse desamparo acarreta ainda as trevas de uma cegueira espiritual; afinal, lembremos que o eu poemático desse texto está carente dos seus “*Olhos*” desde o primeiro verso. Destituído de “*Olhos*”, “*Cabeça*” e “*Coração*”, esse poema de Bradstreet nos mostra uma representação feminina puritana inexistente durante o afastamento do marido, pois se transforma em um corpo incompleto, acéfalo, cego, incapaz de sentir senão a carência das bênçãos que o marido lhe possa trazer; sequer podia se direcionar pelos caminhos da vida, pois para os homens em Deus *era a vida, e a vida era a luz dos homens*,¹¹⁶ para a mulher puritana representada pelo

116. João 1:4

poema, no homem estava a vida, longe dele restavam-lhe somente as trevas. Sem vida, sem luz, na desolação do desamparo, a mulher puritana de Bradstreet expressa seu amor pelo ser sagrado que lhe está distante, num impulso que atendia à obrigação matrimonial e social de buscar a Deus por intermédio do marido. Ao reproduzir esses elementos delineadores da dependência e subordinação ao homem no seu discurso, Anne reforça o discurso religioso vigente que apontava o homem como “*canalizador de toda a variedade de bênçãos nutridas por Deus,*”¹¹⁷ representando um ser feminino para quem o masculino opera uma função sagrada comparável com aquela desempenhada por Jesus Cristo para seus discípulos no Novo Testamento; a autoridade espiritual dedicada ao homem para guiar a mulher pelos caminhos que levam à salvação nos soa como a própria voz de Jesus ao responder a Tomé sobre como encontrar o caminho do Pai: “*Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim.*”¹¹⁸

2.5. O MARIDO, O SAGRADO E O HOMEM SANTIFICADO

As relações entre a sacralidade do homem para a mulher puritana e a fala de Jesus presente no livro de João tonificam as relações entre os gêneros no discurso poético de Bradstreet. Assim como o poema que vimos anteriormente, o texto bíblico também faz menção ao afastamento físico daquela figura idolatrada pelos discípulos. Enquanto interpretamos a fala de Jesus como confortadora para seus seguidores no vislumbre de sua partida, entendemos que Anne se expressa como uma seguidora em plena experiência de desamparo ocasionado pela ausência do seu guia. Dessa forma, vemos em sua escrita uma proclamação do homem como um ente sagrado, uma vez que “*o sagrado é, podemos dizer, um reflexo dessa experiência de desamparo. O sagrado é o que transcende os nossos poderes de compreensão, comunicação e ação.*”¹¹⁹

Estando, assim, o sagrado no homem e o homem no sagrado, tal qual a fala de Jesus aos seus apóstolos -“*Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim,*”¹²⁰” a deificação da figura masculina fica clara não somente em uma investigação do passado histórico que aponta que “*ele exercia a autoridade de Deus sobre ela,*”¹²¹” mas também no plano discursivo feminino,

117. Boston Sermons in Morgan, 1966. p 45. “the Conduit Pipe of the variety of blessings that God suplyeth them with Tradução Nossa.

118. João 14:5-6

119. Bauman, 2005. p 78.

120. João 14:11

121. Morgan, 1966. p 45. “He exercised the authority of God over her” Tradução Nossa.

visto nos versos de Anne, que apontam para um homem deificado reprodutor das obras de Deus. Ao se referir aos seus filhos nesse mesmo poema, Bradstreet os descreve como “*Verdadeiras figuras vivas da face de seu pai*,¹²²” o que nos remete tanto ao texto de Milton quanto às Sagradas Escrituras, as quais descrevem o homem como um ser criado à imagem e semelhança do Pai. A partir de sua metáfora, portanto, observamos um homem-criador, cuja responsabilidade como cabeça da família é sacralizada na imagem de um criador paralelo ao Divino ser; enquanto Deus formou do barro e da costela os seres a ele semelhantes e semelhantes entre si, ainda que hierarquizados desde a origem, o homem-criador multiplica da sua carne seres a ele semelhantes e igualmente hierarquizados. Reforçando a relação direta de gratidão e derivação da mulher ao homem, visível no poema de John Milton, em “*Carne de tua carne, osso dos teus ossos*”¹²³ Bradstreet reproduz a existência feminina derivada pregada por aquela cultura.

A informação trazida por Bauman nos remete ainda à questão anteriormente exposta sobre ser ou não a mulher puritana da Nova Inglaterra um ser dotado de razão; ao compararmos esse ser feminino construído discursivamente por Bradstreet, dono de um corpo metaforicamente deformado, sem cabeça, olhos, nem coração, à mulher primeira descrita por Milton, em cuja fala pronuncia um homem a ela avantajado “*por tantos dotes sem que encontres outrem que possa emparelhar*”, encontramos uma representação feminina carente de discernimento próprio não somente em relação à definição de si, mas também em relação ao homem que a acompanha. Dessa forma, percebemos que o relacionamento hierarquizado entre esses grupos sociais antagônicos¹²⁴ também é classificado por propriedades intelectuais impostas à sociedade como sendo mais avantajadas no homem. Não dizemos aqui que os puritanos considerassem a mulher como dotada de uma inteligência menos capacitada que a do homem; Anne Bradstreet é um exemplo da presença de mulheres cultas naquela sociedade. É fato que Hawthorne aponta certo enfraquecimento das qualidades das mulheres ao comparar as que realizaram a travessia do Atlântico com as nascidas no Novo Mundo, no entanto não as dispõe como seres ignorantes, apesar de suas opiniões cruéis e de seu “*caráter menos inteiriço*.”¹²⁵

Esse caráter menos inteiriço, associado à derivação da criação feminina, impõe à mulher um tipo de submissão que extrapola o caráter espiritual das relações sociais entre os sexos no puritanismo. Percebemos que a *Hierarquia Recíproca* cria um elo de dependência material em que a esposa, independentemente das posses que ela possa ter levado consigo ao

122. Bradstreet, V. 16.

123. Bradstreet, V. 25.

124. Kergoat in Hirata, 2009. p 71.

125. Hawthorne, 1850. p 59.

contrair matrimônio, é submetida ao controle masculino. Embora ela pudesse opinar nos assuntos de interesse doméstico, Bradstreet deixa clara a dependência material feminina ao se referir ao marido como “*Meu depósito da loja terrena.*”¹²⁶ Com base nisso, não podemos concordar com Marion Wynne-Davies, que em *Sidney to Milton*¹²⁷ assim assinala sobre a relação de Anne e seu marido: “*o casamento parece ter sido intensamente feliz, com Anne se referindo ao marido com um amor intenso em diversos poemas*”. Nossa discordância se mostra em razão de que uma análise de seus poemas desconectada dos elementos históricos e sociais formadores daquela cultura opressiva à mulher não é capaz de prever as obrigações femininas de demonstrações afetivas ao marido. Não afirmamos também o contrário, que seu casamento não tenha sido feliz, qualquer afirmação dessa natureza seria uma especulação, no entanto, o que se colhe desse e de outros textos de Anne Bradstreet é a imagem de uma mulher puritana submissa e inferior ao homem, reproduzindo em seu discurso os pressupostos culturais paternalistas da construção social hierárquica cujas ferramentas de opressão e inferiorização não são unicamente ideológicas, mas também materiais.¹²⁸

A partir dos poemas de ambos os autores puritanos, podemos perceber que as relações de dependência material e espiritual entre mulher e homem estão diretamente relacionadas às necessidades individualizadas de cada grupo social sexualmente dividido, sendo em razão delas e a partir dessas necessidades que são construídas as divisões hierarquizantes da sociedade. Essas necessidades, por sua vez, não são observadas a partir de uma perspectiva prática do que cada grupo realmente necessita, seja materialmente ou espiritualmente, mas de acordo com a percepção do grupo dominante; dessa forma, o posicionamento da mulher na sociedade é estabelecido a partir da visão masculina a respeito dos elementos objetivos e subjetivos necessários para a mulher se exercer naquele meio social. O próprio exercício de sua feminilidade era inteiramente baseado no discurso do grupo social dominante.

Independentemente da sexualidade de quem se posiciona discursivamente em relação à comunidade puritana, como vimos na breve comparação entre Anne Bradstreet e John Milton, o discurso presente em suas produções é inteiramente dedicado ao poder dominante, ou seja, o discurso patriarcal puritano é expresso em todas as práticas textuais observáveis durante a construção da Nova Inglaterra. Dessa forma, observamos a relação social entre as sexualidades dos habitantes da colônia estereotipando linhas binárias do masculino e do feminino “*baseado nas necessidades e nos valores do grupo dominante e ditado pelo que os membros desse grupo compartilham entre si e consideram convenientes para seus*

126. Bradstreet. V. 2.

127. Wynne Davies, 2003. p 81. “The marriage seems to have been intensely happy, with Anne addressing her husband with intense love in several poems, as in “To my Dear and Loving Husband”” Tradução Nossa.

128. Kergoat, 2009. p 71.

subordinados.¹²⁹ Percebe-se, portanto, que os elementos atuantes na construção social atribuem qualidades como agressividade, inteligência, força e eficácia para o grupo masculino, enquanto que, ao grupo feminino, são atribuídas as qualidades de passividade, ignorância, docilidade, virtude, e ineficácia.¹³⁰

As qualidades reservadas à mulher dentro dessas relações sociais entre os sexos aparecem sempre como uma disposição oposta ao homem, as quais nem sempre podem ser entendidas como qualidades desejáveis a qualquer indivíduo, independentemente de sua sexualidade. Como vimos, Millet nos apresenta de maneira diferenciada a virtude feminina em relação ao homem, destacando-a dos demais adjetivos dedicados à mulher. Embora a autora não esteja se referindo diretamente às relações sociais entre homens e mulheres no puritanismo, entendemos como plenamente cabível esse especial destaque à mulher como mais virtuosa que o homem também em relação à realidade colonial. Posteriormente, veremos mais detalhadamente como a construção moral feminina tinha desdobramentos convenientes ao homem dentro do sistema patriarcal puritano, neste momento da discussão, destacamos apenas que essas aporias entre as qualidades masculinas e femininas agem dentro do jogo de conveniência salientado por Millet de maneira a perpetuar a obediência feminina ao seu marido e às figuras do poder masculino presentes na sociedade em geral. Segundo a autora, a garantia da manutenção do status do homem como líder absoluto e da mulher como seu inferior está diretamente relacionada às relações de persuasão e preconceito por parte do homem.¹³¹ Percebemos, portanto, o Puritanismo como um período em que a prática do preconceito sexual era comum nas relações sociais, sendo esse preconceito institucionalizado pelos poderes dominantes, evidentemente o religioso com maior intensidade. Acreditamos que a percepção dessas relações de inferioridade não eram facilmente percebidas pelas mulheres em razão da força que a religiosidade tinha sobre aquela cultura, o que lhes impunha uma obediência ao sistema que lhes oprimia de maneira automatizada, sem que se dessem conta de sua inferiorização em razão de que todos os seus objetivos coletivos tinham na obediência o caminho a ser seguido para o sucesso; como vemos no sermão do Reverendo Samuel Willard,¹³² “*a felicidade se torna a recompensa da verdadeira obediência*” A cega obediência aos mandamentos fica bastante clara no texto de Milton ao observarmos:

129. Bradstreet. V.2.

129. Millet in Cudd and Andreasen, 2011. p 38.

130. Ibidem.

131. Millet in Cudd and Andreasen, 2011. p 38.

132. Willard. Sermon II, p 4. “Happiness is made the reward of true obedience” Traução Nossa.

“Dos frutos que produz inteiro o globo
 aqui tens as múltiplas espécies;
 para sustento teu dispões de todos.
 Mas... da Árvore que o mal e o bem revela
 A quem se atreva saborear-lhe os frutos...
 Não é dado comer: olha o que fazes;
 Se come dela, nesse dia morres:
 Tal pena impõe-se ao que esta lei transgride.
 Teus apetites pródigo regula;
 Vigia, teme que hórridos te assaltem
 Os dois sócios cruéis Pecado e Morte¹³³”

Contudo, entendemos que a prática social religiosa puritana na colônia da América era executada de maneira bastante restritiva, devendo a mulher uma obediência mais ampla àquela do que o homem, pois devia a mulher também ser obediente ao seu líder terreno. De acordo com a religiosidade puritana, homem e mulher eram regidos pelos mesmos mandamentos divinos, estando igualmente submetidos às proibições das *Sagradas Escrituras*, versificadas por Milton, que se dedica a apresentar, em sua narrativa, as consequências da desobediência a Deus, descrevendo as razões para a expulsão do homem e da mulher do paraíso; sendo o homem o representante de Deus na Terra, no *Visível Reino de Deus*¹³⁴ a mulher estava sujeita a um rol de restrições internas e externas¹³⁵ baseadas nas considerações dos seus legisladores patriarcais. Ao contextualizarmos as limitações do comportamento feminino nos acontecimentos de *The Scarlet Letter*, percebemos uma clara aproximação entre as condutas femininas e as consequências espirituais temidas pelos colonos. A relação entre a letra escarlate e a maçã colhida da árvore que revela o bem e o mal é significativa para compreendermos os motivos pelos quais a costureira foi taxada como responsável por lançar sobre a comunidade a morte e a condenação. Como veremos adiante, a letra e seus significados são para Hester um símbolo da feminilidade ausente entre as mulheres da colônia; sendo assim, entendemos que o exercício da feminilidade por parte da mulher constitui, para a compreensão masculina puritana, um atrevimento capaz de expulsar os pecadores também do paraíso visível que se propunham a manter na colônia.

133. Milton, 1956. p 290.

134. Morgan, 1966. p

135. Leites, 1986. p 178.

2.6. HIPOCRISIAS SOCIAIS NO REINO DOS DEUSES VISÍVEIS

O desenho da sociedade puritana que nos propomos a averiguar nos mostra uma mulher no desempenho de uma posição de sujeito inferiorizada. Esse quadro nos aponta para uma categorização social

*altamente elaborada como um código de conduta, comportamento e atitude para cada sexo. Em termos de atividade, o papel social designado ao feminino é exclusivamente o do trabalho doméstico e do cuidado das crianças, todo o resto dos compromissos humanos, interesses e ambições são relacionados ao masculino.*¹³⁶

Tal categorização sexuada, entretanto, estava sujeita a alguns limites formais para sua execução. A *Ordem Social Puritana* baseada na *Hierarquia Recíproca* era, evidentemente, latente em todas as práticas sociais da colônia. Contudo, as limitações da subordinação feminina em todos os desdobramentos da vida social, embora presentes no discurso da colônia, não eram percebidas nas relações sociais entre os sexos. Segundo Morgan, a organização social puritana era firmemente estabelecida entre os representantes e os representados, governantes e governados, líderes religiosos e seguidores, marido e mulher, enquanto que “*as outras formas de relação social eram ditadas por ações voluntárias entre os indivíduos*;¹³⁷” apesar dessa voluntariedade, a partir da nossa observação acerca do discurso feminino, entendemos a mulher como um ser direcionado pelo discurso patriarcal dominante, de modo que suas ações, mesmo as voluntárias, eram aprumadas por considerações masculinas sobre como deve ser o comportamento e a expressão da mulher na sociedade e nas relações conjugais; o ponto de vista do homem sobre a mulher era tão importante naquela cultura que, enquanto a mulher expressa seus sentimentos e afetos através de inúmeros atos de subserviência, “*a afeição do marido para com a mulher deve ser respondida pela opinião dele sobre ela*;¹³⁸” ou seja, para o homem a mulher é um objeto constante de avaliação, não necessariamente uma cúmplice na construção da vida em comum, na qual homem e mulher são independentes entre si, mas complementares na união. Dessa forma,

O papel limitado dedicado ao feminino tende a prender a mulher em seu nível de experiência biológica. Portanto, praticamente todas as atividades que podem ser descritas como distintivamente humanas, ao invés de animais (de sua própria

136. Millet in Cudd and Andreasen, 2011. p 38 — “highly elaborate code of conduct, gesture and attitude for each sex. In terms of activity, sex role assigns domestic service and attendance upon infants to the female, the rest of human achievement, interest and ambition to the male” Tradução Nossa.

137. Morgan, 1986. p 25.

138. Gauge apud Leites, 1986. p 29.

maneira, animais também dão à luz e cuidam de seus jovens) são amplamente reservadas para o macho.¹³⁹

Essa relação de dominação homem-mulher, portanto, encontra-se dinamizada nas práticas sociais e discursivas por meio de uma configuração patriarcal na qual o apagamento identitário da mulher é inculcado nas relações sociais sexuadas no cotidiano cultural da colônia; ao contrário de uma masculinização da mulher puritana, que facilmente derivaríamos da narrativa de Hawthorne, percebemos o Puritanismo como um sistema categorizador em que esse processo de transformação feminina é mais pungente em um campo em que as identidades não estão definidas, embora estagnadas nos conceitos dos regentes paternalistas. Não entendemos uma mulher puritana com características masculinas, pelo contrário, são suas características não-masculinas que a tornam um ser inferior; embora a ausência do falo não importa diretamente na observação da mulher como um homem desprovido do falo, isso a reveste de características específicas que determinam a própria identidade masculina a partir das diferenças anatômicas. Embora tenhamos nos empenhado em observar como a identidade feminina aparece na obra de 1850, entendemos que, para o grupo dominante da Nova Inglaterra, isso era um elemento irrelevante para sua própria constituição identitária, pois vemos sua identidade masculina puritana se desenvolver a partir de um contraste com o que, para eles, era uma não-identidade.

As perspectivas discursivas desses autores coloniais podem ser também visualizadas na expressão da opinião por parte das mulheres representadas por Hawthorne em seu romance; percebe-se no discurso feminino uma consideração sobre o ser mulher completamente alheia a fatores intelectuais, ou de desempenho de um papel social por parte da protagonista da obra, caracterizada junto de sua filha como antagonistas não somente dos grupos sociais masculino e feminino do puritanismo da Nova Inglaterra, mas também como antagonistas dos pressupostos históricos e culturais em que o Puritanismo se encontrava sediado. Paralelizando o reconhecimento da feminilidade puritana e os motivos da condenação da personagem pelo pecado/crime de adultério, percebemos uma sociedade em cuja visibilidade estavam depositados todos os critérios de julgamento e classificação. Isso evidencia que as punições sofridas por Hester não foram motivadas somente pela violação dos valores matrimoniais, ou pela memória do marido supostamente morto em um naufrágio durante a travessia para a América. O texto não traz referências sobre o período compreendido entre a chegada de Hester Prynne de Amsterdã e sua exposição perante o

139. Millet in Cudd and Andreasen, 2011. p 38 – tradução nossa - The limited role allotted the female tends to arrest her at the level of biological experience. Therefore, nearly all that can be described as distinctly human rather than animal activity (in their own way animals also give birth and care of their Young) is largely reserved for the male.

público de Boston; dessa maneira, qualquer apontamento sobre os motivos e a forma como se deu o envolvimento amoroso entre ela e Arthur Dimmesdale seria apenas especulação sobre o texto.¹⁴⁰ Baseando-nos, contudo, nos propósitos norteadores dos puritanos para a instalação da colônia, essa visibilidade, somada à hipocrisia moral apontada por Baym,¹⁴¹ e as comuns ocorrências de fornicação e outros pecados posteriormente assumidos por fiéis¹⁴² nos permitem inferir que a publicidade de sua gravidez foi a verdadeira razão para o desenvolvimento de todo o processo legal e religioso que resultou nas tensões apresentadas na trama.

Dessa forma, entendemos que a disposição do *Visível Reino de Deus* como uma “*Utopia de virtude e felicidade coletivas*,”¹⁴³ assume uma nova significação, pois a justiça, a fé e as relações sociais executadas por aquela comunidade estavam atreladas a elementos meramente visíveis, escapando das considerações comunitárias qualquer fator invisível, fosse um acontecimento contrário aos mandamentos religiosos ou subversivo à lei. Prova disso são as considerações puritanas sobre a definição do pecado/crime de adultério; como nos mostra Morgan,¹⁴⁴ a traição não era um desvio de conduta a que estavam sujeitos somente aqueles que tivessem efetivado seus laços matrimoniais perante o Estado e a Igreja. Trair fisicamente o cônjuge mantendo relações sexuais com outro parceiro(a) não era a única condição para que uma pessoa ou um casal sofresse uma condenação. Manter relações sexuais em qualquer condição alheia ao casamento era também considerado adultério; dessa forma, um casal de namorados ou noivos que praticasse o sexo era, da mesma forma, considerado adúltero, mesmo que seu matrimônio estivesse já em vias de realização. Tais fatos eram comuns na colônia, entretanto não alcançamos registros de punições a esse tipo de conduta, o que nos faz acreditar que a publicidade e, no caso de Hester, a repercussão dos atos tornados públicos pela sua gravidez, foram os elementos verdadeiramente responsáveis pela aplicação das medidas punitivas, ao invés do desrespeito aos pressupostos religiosos contrários ao adultério.

As entrelinhas dessa interpretação puritana sobre a aplicação dessas medidas, portanto, revela uma ambiguidade nos conceitos puritanos de Reino de Deus e *Visível Reino de Deus*. A entrada no Reino de Deus era um objetivo a ser atingido pelos integrantes da congregação, tal qual se percebe também nas demais vertentes cristãs. Essa salvação se baseia em concepções religiosas sagradas para aqueles que nelas acreditam e a elas se dedicam, e tem tido nos mandamentos divinos o marco do desenvolvimento de seus princípios. Esse reino é, obviamente, comandado por Deus, ser onisciente cujas capacidades não estão

140. especulação essa desenvolvida em adaptações cinematográficas da obra, como a mais recente delas, de 1995

141. Baym 1986. p xiv.

142. Morgan, 1986. p 33.

143. Hawthorne, 1850. p 55.

144. Morgan, 1966. p 33.

limitadas à visibilidade social dos atos dos seus servos; a crença puritana era ciente dessa capacidade divina, por isso a sublimação da fé era tão necessária, pois o julgamento dos seus atos seria realizado pelo próprio Criador. O *Visível Reino de Deus*, por sua vez, também tinha seu deus (ou seus deuses, dependendo da posição hierárquica do servo desse reino), contudo esse homem-deus é limitado, não é onisciente, baseia-se no que é visível para ditar as regras de seu reino visível. A ambiguidade (ou hipocrisia?) se salienta a partir do momento em que vemos esse grupo dominante ditando regras como se o verdadeiro objetivo da coletividade fosse a permanência naquele *Visível Reino de Deus*, e não a entrada no verdadeiro reino divino objetivado pela sua cultura cristã. Dessa forma, percebe-se o homem se destacando como um legislador moral e social baseando-se exclusivamente em uma livre interpretação da própria cultura exercendo poder sobre a população, mulheres e homens fora do círculo responsável pela tomada de decisões, ditando regras de comportamento apoiados na auto afirmação de uma representatividade das vontades divinas. Obviamente, essas vontades divinas favoreciam o grupo dominante masculino esse grupo dominante; sendo ele masculino, invariavelmente os homens se fortaleciam cada vez mais na liderança comunitária, necessitando, para isso, construir papéis sociais para o grupo dominado, restringindo a mulher a uma posição moral irrepreensível; nesse campo moral, a mulher é posicionada como menos propícia a desvios morais, mas incapaz de exercer a liderança em virtude da fragilidade natural do seu sexo. Dessa forma, o *Visível Reino de Deus* busca em fatores visíveis biologicamente determinados os fundamentos reguladores de uma política paternalista classificatória e discriminante, formatando a mulher puritana e seu discurso de modo a reproduzir os fatores estruturantes do ideal utópico de virtude e felicidade.

A formatação de um discurso feminino alheio aos fatores não-biológicos envolvidos na construção da mulher como indivíduo naquela sociedade – e, portanto, não simplesmente apegada aos elementos visíveis que diferenciam a mulher do homem – fica bastante clara ao observarmos novamente os discursos proferidos pelas mulheres em *A Praça do Mercado*; nesse momento, percebemos como a construção social da mulher estava ligada ao ideal utópico de virtude criado pelos grupos dominantes, fortemente enraizado na construção social do feminino puritano:

- Mas por que é que ainda discutimos emblemas e ferretes, ou se devem ser aplicados no corpete ou na frente?! – bradou outra velhota, a mais feia, a mais cruel daquelas julgadoras autoconstituídas. – Essa mulher lançou a vergonha sobre todas nós e deve morrer! Não haverá sanções para isso? Há, sim! Tanto na Escritura como

no Código. Pois que os juízes, que não as aplicaram, agradeçam a si mesmos se suas esposas e filhas se perderem¹⁴⁵

As palavras dessa julgadora autoconstituída mostram de forma clara como a mulher era observada somente a partir do desempenho de seus papéis sociais, ou seja, a partir da sua visibilidade social na idéia de coletividade feminina construída pela liderança androcêntrica. Note-se que a expressão de seu julgamento é ouvida simplesmente por outros puritanos presentes naquela massa anônima que aguarda por Hester; disso, apontamos a mulher puritana como excluída do processo decisório da comunidade, ainda que fosse esta uma vítima indireta das ofensas da costureira, em razão da moral feminina agredida pelo adultério. Independentemente de critérios razoáveis de julgamento em uma perspectiva do direito moderno, a falta praticada pela costureira provocou na velhota cruel um sentimento de vergonha tão pleno que somente a morte da pecadora aliviaria as consequências da ofensa. Tamanha era a retidão moral a que a mulher estava sujeita a apresentar perante a congregação, que o visível pecado de Hester deveria desaparecer das vistas da comunidade. Considerando a previsão legal da aplicação da pena capital ao crime de adultério na colônia, a prática do poder pelos homens da liderança de Boston ultrapassava as leis do Estado e as leis Divinas; isso fica claro ao observarmos a afirmação da velhota anônima na multidão, mostrando que tanto a Escritura como o Código favoreciam penas mais severas. A omissão dos juízes em satisfazer a crueldade daquela que se manifestava poderia acarretar, segundo ela, a perdição das esposas e filhas desses omissos. Assim, mais uma vez, observa-se o poder que os atos praticados pelos líderes comunitários tinham sobre o público feminino, pois permitir que a pecadora saísse viva (o não extermínio de sua visibilidade) – ou sem ao menos uma marca inapagável sobre a pele –, e transitasse entre os santificados, poderia contaminar outras mulheres da congregação.

A partir dessas colocações, visualizamos uma mulher puritana cuja subjetividade é volátil e desconhecida por aquela que deveria portá-la. Os depoimentos femininos na multidão mostram um desconhecimento das capacidades de julgamento e autodeterminação do sujeito por parte do público feminino. Além de favorecer o grupo social estruturante, donos do poder de mando sobre aqueles incapazes de comandar-se, imprime à mulher um novo papel de subserviência ao homem. O que já se observava no plano espiritual e material, também se concretiza no plano moral, pois ao dever de buscar a Deus através do seu marido, adorando-o como a própria divindade dentro do lar, bem como ao abandono material de suas posses em detrimento do marido, responsável pelo provimento, associa-se agora o dever de se deixar escrever subjetivamente pelo homem, buscando nele sua própria percepção de si e do

145. Hawthorne, p 58.

ser mulher, ainda que essa seja uma experiência inalcançável para o homem da época fora do plano teórico. Repleto de crítica ao modelo social reproduzido nas falas das personagens biologicamente femininas contra Hester, o mesmo capítulo nos traz uma justificativa para tais posicionamentos serem manifestados pelas colonas. Segundo Hawthorne,

Tanto moral, como fisicamente, aquelas senhoras nascidas ou geradas na Velha Inglaterra possuíam uma fibra mais rija que a dos seus legítimos descendentes, delas separados por cinco ou seis gerações. Porque por meio dessa cadeia ancestral, cada mãe transmitiu ao filho uma seiva progressivamente mais fraca, uma beleza mais delicada e mais efêmera, uma estrutura mais frágil também um caráter menos inteiriço e menos sólido. As mulheres que se aglomeravam diante da porta da prisão achavam-se menos de meio século do período em que a máscula Elizabeth não deixara de ser um tipo representativo do sexo. E o bife e a cerveja forte da terra natal, de par com uma educação mais branda, participavam largamente da sua formação. Por isso o sol brilhante da manhã incidia sobre os ombros largos, bustos fartos, rostos redondos e rubicundos, amadurecidos lá na ilha longínqua, e que pouco mais pálidos e murchos se haviam tornado no clima da Nova Inglaterra. Notava-se também, entre as matronas – como parecia ser a maioria delas – um modo de falar petulante e palavroso, que atualmente nos espantaria, não só pelo tom, mas também pelas opiniões.¹⁴⁶

compreende-se a clara disposição de um enfraquecimento dos elementos caracterizadores da mulher puritana. O que observamos na expressão daquela destacada como a velhota mais feia e cruel das presentes se trata de uma prática identitária baseada em valores petrificados em sua cultura; cremos que tal petrificação se deu após um desvio do caminho seguido pela construção do conceito de ser mulher na Velha Inglaterra. A partir desses trechos destacados, observamos a “*hipocrisia moral*”¹⁴⁷ expressa no discurso das mulheres que aguardavam pela exposição pública de Hester. Ao mencionar a Rainha Elizabeth como um elemento representativo do seu sexo, apesar de sua figura máscula, acreditamos ficar claro a caracterização de uma mulher puritana na Nova Inglaterra historicamente desviada de valores referenciais essenciais para uma autoconstrução identitária. Logo no início, percebe-se uma mulher masculinizada tanto fisicamente quanto moralmente. Como afirma Bauman,¹⁴⁸ a identidade não possa ser delimitada por bordas e fixada na parede como um quadro, “*ela se mantém em constante movimento*”. O que percebemos a partir de *A Praça do Mercado* é exatamente uma tentativa de fixação de um padrão identitário no tempo, no espaço e na cultura de um povo; nesse início do romance, Hawthorne nos apresenta uma mulher puritana da colônia incapaz de se perceber em um movimento constante de construção de si e do grupo social feminino do qual é parte. Ironicamente, a única voz a se pronunciar de maneira mais sóbria na cena é masculina, clamando justamente por uma releitura daqueles pressupostos

¹⁴⁶. Hawthorne, p. 58.

¹⁴⁷. Baym, 1986. P. xxvii

¹⁴⁸. Bauman, 2005. p. 32.

opressivos que as formataram moralmente mais fracas geração após geração, como vemos a seguir:

- Valha-nos Deus, minha senhora – exclamou um homem na multidão. – Então não existe numa mulher outra virtude a não ser a que nasce do medo dos cadafalsos? Oh, isto é muito duro! Silêncio agora, amigas! A chave está rangendo na fechadura e aí vem a Senhora Prynne em pessoa!¹⁴⁹

Destacamos a ironia dessa voz masculina, pois, tendendo o homem a construir posições de sujeito para a mulher, tomando a si mesmo como referencial, um homem criticando essas posturas femininas nos parece um alerta de que a mulher puritana, historicamente oprimida, se encontrava tão enclausurada naquele círculo opressor de valores sociais cristalizados no contexto social e discursivo do qual fazia parte, que sequer era capaz de se reconhecer como indivíduo, bem como de se observar em um panorama que acreditamos ser de ridicularização da subjetividade feminina por parte do homem. O sussurro de identidade que carregava era praticado a partir de posições de sujeito construídas socialmente pelos homens que as dominavam nos diferentes ambientes da vida comunitária. Fosse o cabeça da família, o ministro religioso responsável pela liderança espiritual da congregação e portavozes da vontade divina, os magistrados detentores da força legal ou os governantes executores de uma democracia fálica, a mulher encontrava-se posicionada socialmente de acordo com um modo de fazer sociedade ditado pelo homem e para o homem. Assim, a narrativa nos apresenta uma mulher cujo tênue sussurro de identidade que é capaz de expressar é marcado biologicamente pelos poucos traços anatômicos que ainda a diferenciam do homem, seu modelo e objeto de devoção. *A Praça do Mercado* estabelece um contraste entre os conceitos de aprisionamento e liberdade, pois, ao passo que aguardamos a saída de Hester Prynne do confinamento ao qual foi condenada em virtude de comportamentos que revelaram a libertação de certos valores morais puritanos, do lado de fora encontramos mulheres em plena performance puritana de um ser mulher aprisionado pelos valores dos quais a prostituta a quem se referiam havia se libertado. O tênue sussurro de identidade que aquelas mulheres exerciam estava centrado em critérios biológicos já empobrecidos pelo tempo, ou seja, a feminilidade daquelas matronas se limitava aos elementos de sua anatomia que nem mesmo o tempo, a fragilidade de caráter e a efemeridade da beleza foram capazes de apagar. E assim observamos uma narrativa que constrói um não homem puritano ao invés de uma mulher puritana, pois esse não homem assim o é pela ausência do falo e de características primitivas de liderança e virilidade; essa ausência, por sua vez, atribui à mulher o direito/obrigação de defender exaustivamente o constructo masculino da mulher santificada,

149. Hawthorne, 1850. 59.

tão moralmente mais forte e menos corruptível, por isso execrável no caso de uma falta como o adultério, bem como mais fraca para a liderança comunitária. A capacidade de transitar pela cidade enquanto a pecadora se encontra atrás das portas da prisão lhe impede de se dar conta de seu aprisionamento social e moral; ao sair da prisão, Prynne não caminha apenas para o cadafalso a fim de ser exposta ao escárnio público, mas também para encarar as verdadeiras prisioneiras da congregação, prisioneiras essas de uma *Ordem Social Puritana* em que a mulher se permite ser servil simplesmente pelo medo do cadafalso.

Esse conflito conceitual entre liberdade e restrição é trazido à tona por Hester a partir do momento em que a personagem se vê diante de dois elementos incapazes de coexistir naquela cultura, ainda que não sejam opostos: indivíduo e autonomia. Existir individualmente não era uma possibilidade para aquela comunidade congregada, principalmente para a mulher. Isso fica perceptível ao considerarmos os Puritanos de *The Scarlet Letter* retratados praticamente como um personagem coletivo. Excetuando-se aqueles responsáveis pelo exercício do poder religioso, político e magistrado, ou seja, os legisladores do corpo e da alma puritana na colônia, todos homens, poucas são as referências voltadas para a descrição particular de algum membro da comunidade. Não nos esquecemos aqui de Mrs. Hibbins, no entanto acreditamos que sua existência particularizada no romance evidencia também a hipocrisia moral da colônia, uma vez que, praticante de bruxaria, sobrevive à religiosidade puritana em função de sua relação com o poder, pois ela era viúva de um juiz. Sabemos que, em qualquer estado organizado, a autonomia está vinculada à obediência às regras de conduta comunitária, havendo sanções sociais contra os que desobedecerem os dispositivos normativos; assim, o indivíduo é dotado de autonomia para fazer tudo aquilo que a lei não proíbe; essa dicotomia disposta entre norma e sanção visa, obviamente, a manutenção de um estado de paz social. Não podemos deixar de considerar, entretanto, a possibilidade de que mesmo uma ação contrária à norma pode ser, e na maioria das vezes o é, realizada a partir do exercício da autonomia do indivíduo. Se colocamos aqui o indivíduo e a autonomia como incapazes de coexistir no puritanismo da Nova Inglaterra é em razão de que consideramos o exercício da individualidade como resultado de uma prática subjetiva, na qual o sujeito tem a possibilidade de escolher por seguir ou não as normas, independentemente do resultado que sua conduta alcance. Não percebemos, no entanto, essa prática subjetiva por parte da comunidade retratada por Hawthorne, para quem “os Puritanos são todos iguais e, tomando a si mesmos como o padrão, veem toda diferença e variedade como não naturais, más.”¹⁵⁰,

150. Baym, 1986. p 59. “The Puritans are all alike and, taking themselves for the standard, see all difference and variety as unnatural, bad.”
Tradução Nossa.

Hawthorne não nos narra, portanto, um grupo de indivíduos dotados de subjetividade organizados em sociedade, “os Puritanos como um todo são simplesmente uma turba que Hawthorne chama ocasionalmente [à história] para efeitos gerais.”¹⁵¹ Não estamos afirmando que a narrativa prega contra a obediência às normas, ou uma subversão completa à organização social; pelo contrário, acreditamos que a obra clama pelo desenvolvimento dinâmico da sociedade, contrariando-se à vida calcada na inércia de tradições inventadas estabelecidas pela Igreja como um formato a ser seguido pelo povo e fiscalizado pelo Estado, como verificável em *The Scarlet Letter*. Essas tradições inventadas, entendemos como

*um conjunto de práticas, normalmente regulamentadas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade com o passado histórico apropriado.*¹⁵²

A expressão da individualidade da costureira no romance é manifesta exatamente a partir do momento em que sua autodeterminação entra em questão. Conhecedora das tradições puritanas, Hester optou pelo adultério, não há como negar esse fato. Entendemos essa ação autônoma da personagem como um ato em busca de sua bem-aventurança. Como aponta Campbell,¹⁵³

qualquer caminho de vida que eu escolha, no encalço da minha bem-aventurança, deve ser escolhido nesses termos; ninguém nem nada deve assustar-me e demover-me da escolha. Não importa o que aconteça, isso é a validação da minha vida e da minha ação.

Para nós, essa é a validação de Hester como indivíduo sujeito, capaz de realizar ações autônomas e de questionar a validade das normas e das tradições. Observando esse conflito entre o exercício da subjetividade e as tradições, é identificável, como apontam Hobsbawn e Ranger,¹⁵⁴ um contraste entre as mudanças e inovações de um mundo em desenvolvimento e a tentativa de um modelo tradicional em estruturar a vida social de maneira imutável e invariável. Como apontam os autores,

“na medida em que há referência a um passado histórico, as tradições ‘inventadas’ caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade bastante artificial. (...) Elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória,”

151. Baym, 1986. p 53. “the Puritan people as a whole are simply a crowd that Hawthorne calls on occasionally for general effect” Tradução Nossa.

152. Hobsbawn e Ranger, 1997. p 9.

153. Campbell, 1990. p 202.

154. 1997. p 10

ou seja, as tradições passam a construir um passado próprio a partir da repetição, firmando-se na coletividade de maneira artificial, pois ignoram as contínuas transformações sofridas pela sociedade.

Esse paradoxo da liberdade puritana nos revela uma característica falha na formação identitária do Puritanismo da Nova Inglaterra de Hawthorne; percebemos que a narrativa do autor tende a um posicionamento contrário a uma identidade una. Como aponta Hall,¹⁵⁵ as identidades não são nunca unificadas,

elas são, (...) cada vez mais fragmentadas e fraturadas; (...) elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas.” O pesquisador ainda aponta que “as identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação,

o que nos permite afirmar a cultura puritana como contrária ao processo de transformação constante da identidade, realizada a partir de uma relativa negação da autonomia do sujeito e de sua individualidade dentro da sociedade. Essa idéia paradoxal é, ainda, fortalecida ao aplicarmos a Hester Prynne os apontamentos de Bauman¹⁵⁶ sobre a obediência às regras de conduta. Referindo-se a essa obediência como uma atividade exercida “*raramente de bom grado*”, o autor discorre sobre o apego às regras do mundo moderno como um sinal de privação social. Embora Hawthorne não trabalhe com os mesmos conceitos de modernidade que Bauman, a saída de nossa personagem da prisão rumo ao cadafalso nos declara um aprisionamento social puritano; tal aprisionamento cultural é, por sua vez, responsável pela criação dos elementos dos quais Prynne tenta escapar em busca de sua experiência como indivíduo. Dessa forma, a liberdade de ir e vir das julgadoras autoconstituídas em *A Praça do Mercado* nos revela “*sintomas da privação social e um estigma do fracasso na vida, da derrota, da desvalorização, da inferioridade social.*” Assim, a partir do discurso feminino lançado em repúdio à pecadora, entendemos que as restrições morais que resultaram nas penas privativas de liberdade recaídas sobre a personagem, bem como o ostracismo social sobre ela depositado, fundamentam-se na restrição moral feminina e na falta de pleno reconhecimento da subjetividade da mulher puritana, fazendo mãe e filha serem “*classificadas como pertencentes à detestada e abominada ‘subclasse’*”, confinadas “*nos campos de refugiados sem pátria,*¹⁵⁷” como veremos mais detalhadamente quando tratarmos da exclusão de Hester e Pearl para a cabana fora do perímetro de Boston.

Entendemos essa postura exclusória por parte das mulheres da colônia em relação às personagens como uma aporia; isso em razão de que no Puritanismo representado por

¹⁵⁵. in Silva, 2009. p 108

¹⁵⁶. Bauman, 2005. p 60.

¹⁵⁷. Bauman, 2005. p 60.

Nathaniel Hawthorne, não somente as mulheres, mas quaisquer pessoas não relacionadas ao poder não passam de corpos presentes na sociedade, seres animados, mas sem qualquer traço individual. Os Puritanos de Hawthorne, homens e mulheres, são anônimos, o que faz das mulheres naquele sistema hierárquico seres abaixo daqueles cuja individualidade é inexistente. A aporia se fortalece quando observamos a sociedade da Nova Inglaterra como fortemente dependente do indivíduo para o alcance dos seus objetivos comunitários. Como vimos, a subordinação feminina era expressa em todos os níveis da sociedade; contudo, o poder dominante na colônia era restrito a um grupo bastante limitado de homens. Assim, a *Hierarquia Recíproca* se mostra como uma prática social hierarquizante que se constrói a partir de elementos desconsiderados pelos próprios líderes, em que os valores estruturantes da sociedade se mostram falivelmente organizados. Vemos, então, uma oposição dos termos de Campbell,¹⁵⁸ para quem “a função da sociedade é promover o indivíduo. Não é função do indivíduo sustentar a sociedade;” a cultura puritana, entretanto, prevê nas ações individuais as atitudes determinantes para o futuro de toda a coletividade. Dessa forma, observamos um grupo social com compromissos individuais no qual o indivíduo não existe. Considerando as consequências sofridas por Hester Prynne diante das suas faltas, entendemos que a prática subjetiva independente dos padrões preestabelecidos pelo grupo dominante é, na verdade, considerado nocivo. Perante isso, uma questão parece importante: Quem é o indivíduo puritano? Anteriormente mostramos a representação da mulher puritana como participante de uma subjetividade coletiva, fazendo com que a diferenciação do indivíduo era percebida unicamente pelo grau de expressão cabível a cada posição de sujeito por ele desempenhado em determinados papéis sociais a ele cabidos. A esse indivíduo coletivo, portanto, é admitido certo grau de autonomia e auto representação de acordo com o círculo de poder em que ele se encontra inscrito. A família, para os puritanos, era o grau mínimo de execução do poder; nela todos os homens poderiam executar sua parcela de poder, reproduzindo a hierarquia social a partir da subordinação de sua esposa, filhos e servos. À mulher caberia uma parcela ainda menor nesse sistema de individualização, pois, mesmo que obtivesse certa liberdade para expressar suas opiniões a respeito dos assuntos estritamente domésticos,¹⁵⁹ sua autoridade era sempre executada a partir da autoridade do cabeça do casal. Tal como o homem na sociedade, vemos a mulher na família como uma promotora daquele embrião social, ou *Pequena Igreja*, como chamavam os puritanos. Nesse papel de sustentação da família, a mulher não ocupa uma posição distinta, como a do homem; como citamos, a representação feminina, sempre subordinada ao seu mentor, está ainda restrita ao doméstico,

158. Campbell, 1990. p 203.

159. Leites, 1986. p 116.

local em que desempenha as únicas funções sociais que lhe denotam certa importância para o alcance dos objetivos comunitários. Dessa forma, sua promoção familiar se dá a partir da reprodução dos modelos gerais da sociedade puritana, ou seja, na assunção de seu papel como membro a ser comandado pelo cabeça familiar, tomando conta do lar e zelando pelo crescimento dos filhos. Essas funções apontam novamente para a mulher em uma perspectiva utilitarista e biologizante, pois, como comentamos ao citar Millet,¹⁶⁰ essa visão não afasta a mulher de qualquer outro animal que dê a luz e crie seus descendentes de maneira a reproduzir a espécie da mesma maneira como ela tem sido reproduzida, ou seja, os machos devem aprender o que é ser um macho, quais as funções que ele deverá desempenhar quando atingir sua maturidade e ser o macho de uma fêmea e sua prole, bem como as fêmeas devem aprender como se comportar diante de seu macho, como zelar pela sua cria e como reproduzir esse ciclo a fim de que a natureza se perpetue.

Seguindo essa linha em que a mulher aparece como mera ferramenta de reprodução de um modelo social e da espécie a que pertence, observamos que “*o reconhecimento e o respeito do indivíduo como entidade viva*,¹⁶¹” apontados por Campbell como a melhor parte da tradição ocidental, não é visível no seio da sociedade puritana, criando uma dissemetria social entre o grupo social masculino e o grupo social feminino. Essa assimetria ocorre em virtude de que, independentemente do ambiente social e da proximidade do homem com o poder, é sempre a figura masculina que determina os limites e os direitos daqueles que lhes são subordinados, fazendo com que a união entre homem e mulher se transforme em um contrato de servidão unilateral na relação de dominação homem-mulher, estando esse contrato subordinado àquele socialmente estabelecido como essencial a todos os membros da comunidade para o alcance dos objetivos espirituais, o contrato de Abraão. A partir do momento em que o homem detém um poder totalitário sobre a sociedade em todos os níveis, esse grupo dominante adota seus valores e normatizações como universais, designando os valores alheios como particulares,¹⁶² não somente dispensáveis ao alcance da salvação da coletividade, como também passíveis de restrições quando a individualidade possa ser entendida como perniciosa ou ofensiva àquele poder totalitário, derivado diretamente da autoridade divina em razão de sua natureza masculina.

O poder totalizante do homem puritano, perceptivelmente executado tanto no plano material quanto no plano espiritual, se mostra, portanto ambíguo; a partir do momento em que a subordinação feminina era executada em ambos os domínios, vê-se a unificação entre esses dois planos nas relações sociais entre os sexos no puritanismo, o que vai na contramão da

160. Cudd in Andreassen, 2011. p 38.

161. Campbell, 1990. p 202.

162. Apfelbaum in Hirata, 2009. p 76.

separação cristã entre ambos apontada por Campbell.¹⁶³ A ambiguidade a que nos referimos se dá em razão de que, segundo o autor, essa separação seria responsável por castrar a natureza humana, legando à união matrimonial entre duas pessoas o caráter de caminho mais curto para a verdadeira espiritualidade; contudo, o Puritanismo, ao agregar matéria e espírito, o faz em apenas um dos elementos da união, o homem, o qual se destaca como centralizador de todas as relações que poderiam ser expressas tanto na graça natural quanto na sobrenatural na vida em comum. A castração, portanto, permanece ativa em qualquer tentativa feminina de executar algum papel relevante tanto na vida material quanto na vida espiritual dentro do matrimônio, na mínima expressão social, bem como na comunidade como um todo. Enquanto Campbell,¹⁶⁴ aponta a vida espiritual como *“o florescimento e a plenitude da vida humana, não uma virtude sobrenatural imposta a ela,”* ao estabelecer o homem como o centro das relações espirituais e o caminho a ser seguido para alcançar a Deus, a cultura puritana afasta a possibilidade de que tal plenitude seja alcançada pela mulher. Vemos, portanto, que as integrantes do grupo social feminino estão distanciadas de qualquer reconhecimento como indivíduos, ficando alheias à própria individualidade; dessa forma, o feminino sobrevive na sociedade puritana com objetivos claros: 1) promover o ciclo biologizante de reprodução da espécie, legando à mulher um papel não muito diferente daquele oferecido às demais criaturas presentes no paraíso de Milton; 2) Suportar o homem no seu caminho à plenitude da vida, alheando-se à própria subjetividade em prol de seu líder espiritual e provedor material, pelo qual e para o qual dedica sua vida, carente de qualquer idéia de plenitude.

Alguns aspectos da rigidez social puritana só passaram a ser observados com maior permissividade a partir do momento em que o puritanismo começou a perder sua força.¹⁶⁵ Da mesma forma, os conflitos entre as sexualidades presentes na sociedade e suas respectivas capacidades de autorreconhecimento como indivíduos, assunção das subjetividades e autorrepresentação se tornaram possíveis apenas a partir do momento em que a sociedade patriarcal puritana passou a ser mais tolerante. Antes disso, o elemento fundamental para a sociedade era a própria hierarquia, não o indivíduo. A força dessa hierarquia era necessária à manutenção do regime puritano, pois, como aponta Edmund Leites¹⁶⁶ tais conflitos entre sexualidade e indivíduo são capazes de criar uma convicção igualitária entre os membros da sociedade, deixando a hierarquia em segundo plano e o indivíduo como centralizador das relações sociais. Segundo Leites,

163. Campbell, 1990. p 207.

164. Ibidem.

165. Johnson, 1995. p 29.

166. Leites, 1986. p 202.

Quando as pessoas se encontram como indivíduos, encontram-se como iguais, não importando o sexo. Diferem naquilo que fazem de sua individualidade; pode haver um grupo de pessoas em relação ao uso, ao abuso e à negligência da individualidade, mas o que torna alguém um indivíduo pode ser encontrado, em grau igual, em todos.

Dessa forma, entendemos que um tratamento igualitário entre os homens e, principalmente, entre o homem e a mulher na sociedade puritana de *The Scarlet Letter* seria inviável para a construção do almejado *Visível Reino de Deus*, pois em uma cultura em que todas as tradições foram criadas a partir do princípio da *Hierarquia Recíproca*, dispor o feminino e o masculino como indivíduos diferenciados simplesmente por aquilo que fazem de sua individualidade e não da sexualidade biológica que carregam ou do desenvolvimento de seus papéis sociais dissociados de seus vínculos com o poder, importaria na contrariedade de todos os princípios formadores daquela cultura totalizante. Lembremos que, no âmbito comunitário, nem todos os homens eram capazes de se exercer como indivíduos; no âmbito familiar, por sua vez, esses mesmos membros masculinos não individualizados assumiam a postura totalizante que o Estado/Igreja lhes impunha a fim de evitar que a mulher fosse capaz de ocupar uma posição igualitária em relação ao seu marido.

2.7. SOCIEDADE X SUBJETIVIDADE – AMOR X MATRIMÔNIO: ELEMENTOS DE UMA PRISÃO IDENTITÁRIA

Como vimos até agora, a maternidade de Hester teve desdobramentos sociais que afetaram grandemente a congregação puritana representada em *The Scarlet Letter*. Além dos pressupostos legais ignorados, ou voluntariamente postos em conflito pela costureira em seu processo de reconhecimento da própria subjetividade e da formação de sua identidade como ser independente da perspectiva patriarcal da mulher na sociedade, a família e o matrimônio foram as instituições sociais mais seriamente ofendidas por seus atos pecaminosos. Devido ao fato de a família ser um dispositivo embrionário da sociedade presente de diferentes maneiras em diferentes segmentos do nosso estudo, bem como ao fato de, no puritanismo, ser ela constituída unicamente a partir de uma união conjugal, consideramos importante salientar alguns aspectos relacionados às bases dessa união a fim de investigar as condições em que se deram as faltas cometidas por Hester Prynne.

Da mesma forma que a maternidade, entendemos que a união conjugal, ou a libertação da personagem dos laços que a mantinham ligada ao seu esposo, são fundamentais para discutirmos a alteridade de Prynne e a maneira pela qual os rumos por ela tomados, e o

próprio pecado que deu origem à narrativa, apontam para o casamento como um dos elementos responsáveis pela manutenção de um modelo social opressivo à identidade feminina na Nova Inglaterra. Assim, a partir dos motivos da falência do matrimônio vivido por Hester Prynne e Roger Chillingworth, podemos tomar conhecimento do desenvolvimento das relações entre os sexos dentro da cultura puritana, bem como do modo como esse instituto social reproduzia os padrões falocêntricos causadores da invisibilidade social e identitária da mulher. Todos os homens, mesmo os afastados do poder decisório na colônia, podiam contribuir com sua parcela de opressão à mulher, colocando-se como o cabeça material e espiritual da sua família; sendo assim, nossa meta quanto ao casamento no puritanismo é localizar, nas motivações dessa relação matrimonial, os elementos culturais responsáveis por reproduzir o sistema patriarcal opressor, que desconsiderava o papel feminino e mesmo os interesses da mulher.

Ao observar os propósitos sociais da obrigatoriedade de se levar uma vida santificada para se conseguir alcançar a salvação, Edmund Leites¹⁶⁷ questiona a objetividade social que exige dos membros da comunidade puritana um comportamento constante; buscando identificar os beneficiados com esse tipo de conduta na vida comunitária, o pesquisador informa que essa exigência se constitui como um mecanismo de controle social que responde unicamente “*aos interesses do seu possuidor, acima de tudo porque a sua platitude não é facilmente desalojada pelo que acontece com ele,*”¹⁶⁸ ou seja, a manutenção de um comportamento uniforme e obediente permitiria aos poderes totalizantes daquela sociedade o equilíbrio necessário para que a utopia de felicidade almejada desde a travessia do Atlântico fosse alcançada. A inclusão desse compromisso no discurso puritano, subsidiado pelo compromisso entre Abraão e o Criador nas *Sagradas Escrituras*, explica a necessidade da constância na criação das tradições puritanas. Sendo a sociedade puritana formatada sobre um regime patriarcal, não há dúvidas de que o possuidor beneficiário desse comportamento constante é o homem. No plano geral da comunidade, sobretudo a elite eclesiástica personificava esse possuidor, seguida dos poderes políticos e magistrados da colônia. Enquanto essa característica de posse por parte dos poderes estruturantes era exercido sobre toda a coletividade puritana, percebemos o casamento como responsável por identificar um outro possuidor nessas relações de constância, o marido. Assim como as lideranças eclesiásticas para a comunidade, no matrimônio o homem era alvo da idolatria por parte da esposa e dos demais membros da família. Em razão disso, Margaret Thickstun¹⁶⁹ aponta essa idolatria, e não o adultério, como o principal tema de discussão em *The Scarlet Letter*,

¹⁶⁷ Leites, 1986. p 81.

¹⁶⁸ Leites, 1986. p 81.

¹⁶⁹ Thickstun, 1988. p 133.

esclarecendo sua afirmação com base na construção das relações entre Roger Chillingworth e Arthur Dimmesdale. O interesse vingativo da vítima direta do adultério cometido pelo reverendo e sua paroquiana ilustra a forma pela qual as relações de idolatria na cultura puritana se sobrepunham aos motivos de um casal contrair matrimônio. Enquanto o casamento era para os homens puritanos “*um mal necessário para que eles se tornassem um bem necessário*,”¹⁷⁰ a relação entre médico e paciente, apesar de simbolizar para os colonos uma verdadeira luta entre o bem e o mal, pode ser vista pelos leitores, os quais têm conhecimento pleno a respeito dos segredos dos personagens, como uma sedução por parte de Chillingworth durante a investigação sobre o parceiro de sua esposa no adultério. Para Thickstun,¹⁷¹ a relação entre esses dois personagens significativos na representação do domínio masculino sobre a comunidade feminina ilustra a chamada “*Hierarquia do Pecado*,” que a crítica de Hawthorne dispõe como crime do espírito, encenado tanto pelos personagens masculinos quanto pelo discurso patriarcal inculcado na palavra das mulheres da colônia, e que seria superior ao crime da carne, o adultério.

Partindo dessa hierarquia, Hawthorne desenvolve sua crítica de modo a salientar o desvio de Arthur Dimmesdale de seu caminho para Deus como muito mais sério do que o desvio de Hester contra seu marido terreno, colocando novamente em contraste a visibilidade e a invisibilidade do pecado para aquela cultura, pois a ofensa cometida pelo pastor foi diretamente contra seu compromisso com a religiosidade puritana e, em razão disso, contra seu próprio Deus. Ao longo do texto, esse pecado do espírito passa despercebido aos olhos da comunidade da Nova Inglaterra, mesmo tendo sido parcialmente responsável pelo adultério, portanto também presente no crime da carne. Mais uma vez, a hipocrisia da invisibilidade é atacada por Hawthorne, pois o crime invisível contra um Deus invisível não foi merecedor de qualquer punição por parte dos colonos, por outro lado um crime carnal cujo resultado foi a gravidez de Hester mereceu todo o ostracismo social, ainda que a vítima maior desse adultério tenha permanecido na invisibilidade para os colonos. Dessa forma, observamos a união matrimonial puritana como vinculada unicamente a aspectos visíveis presentes em relações interpessoais, constituindo-se num contrato entre dois entes físicos alheios aos próprios compromissos assumidos diante dos representantes religiosos.

Observando a união como um contrato formal, passamos a considerar o matrimônio, e a idolatria necessária ao marido dentro dessa relação, como dotados de considerável

170. Morgan, 1966. p 29. “a necessary Evil for they are a necessary Good” Tradução Nossa.

171. Ibidem 166. p 133.

responsabilidade no apagamento identitário da mulher, bem como identificamos o casamento, ou a falha estrutural que a ele estava vinculada, como o causador dos conflitos presentes em *The Scarlet Letter*; embora a marca carregada por Hester desde os primeiros capítulos do romance aponte para o adultério como o centro dos conflitos da narrativa, percebemos uma preocupação constante no romance em apresentar alguns elementos capazes de revelar a fraqueza daquele modelo matrimonial, cujos fundamentos não estavam necessariamente vinculados aos interesses pessoais dos cônjuges. Ao ser educada para reproduzir um modelo feminino constante historicamente construído, a mulher puritana transitava unicamente por papéis sociais preestabelecidos: o de filha, de esposa, de mãe e de viúva. Esse trânsito, por sua vez, estava sujeito a fatores imprevisíveis uma vez que, no caso de Hester Prynne, não fosse o nascimento de sua pequena pérola, a costureira teria se mantido no desempenho dos papéis mencionados acima, ainda que eles fossem matizados pela hipocrisia moral puritana dado seu relacionamento com o reverendo. Assim, ela teria mantido a função de filha, anterior a sua chegada na Nova Inglaterra e a de esposa de Roger, bem como, durante o período anterior ao seu retorno do cativeiro, a de suposta viúva. Assim sendo, o adultério de Hester Prynne não somente revelou novas posições de sujeito a serem ocupadas pela mulher na sociedade, mas tornou visível uma série de questionamentos sobre as relações matrimoniais no Puritanismo.

A maior parte desses questionamentos está relacionada aos valores subjetivos ligados à união matrimonial; a supervalorização dos interesses públicos, eminentemente masculinos, em detrimento dos interesses particulares nas relações sociais puritanas também está presente na formação do matrimônio naquela cultura. Notadamente, o casamento não dependia diretamente da vontade dos indivíduos, principalmente da mulher, pois ela era vista como um ser coadjuvante na consagração do marido como elemento santificado perante Deus; sua posição nesse matrimônio era simplesmente funcionalista, ou seja, o homem visualizava a mulher e, derivadamente, os filhos, como peças integrantes de uma máquina a ser obrigatoriamente construída por ele ao longo de sua vida. Como esposo, portanto, o homem desempenhava um papel que chamaríamos de Máquina da Salvação, pois era através dele que a salvação de todos aqueles a ele subordinados seria garantida. Mesmo para um homem, os valores subjetivos eram inferiores aos propósitos coletivos, sendo o próprio casamento uma obrigatoriedade social. Para a mulher, contudo, os valores socialmente instituídos colocavam-na como objeto de uma obrigatoriedade imposta a outro ser. Não estamos afirmando aqui que, no período colonial, não havia casamentos puritanos realizados com base no sentimento

mútuo, em que ambas as partes tinham interesse em se unir no matrimônio; *The Scarlet Letter*, entretanto, nos evidencia relações conjugais construídas a partir de necessidades sociais opressivas à mulher, a quem, muitas vezes, o casamento se torna uma obrigação contra o perecimento até mesmo material; essa necessidade de sobrevivência fica bastante clara ao percebermos que a própria união ofendida no romance foi estabelecida a partir de interesses desiguais, o que colocou Hester numa posição de vítima social muito anterior a sua exposição pública sobre o cadafalso.

No capítulo *O Encontro*, temos a primeira entrevista entre Roger Chillingworth, recém chegado a Boston do cativo entre os nativos, e sua esposa adúltera. Recém saída da humilhação perante a comunidade na praça do mercado, e de volta à prisão, Hester tem com seu marido uma discussão reveladora, pois mostra a ausência de qualquer sentimento afetivo por Roger, o que já acontecia mesmo antes de terem se unido pelo casamento: “-Sabes que fui franca contigo – disse Hester – porque, embora deprimida, não pôde suportar a última e serena referência ao símbolo da sua vergonha. – Nunca te amei, nem fingi te amar.”¹⁷² A declaração da costureira, contudo, é antecédida pelo reconhecimento de seu esposo da superficialidade que envolvia sua relação conjugal; de certa forma, Chillingworth começa a desenvolver certa empatia pelo pecado cometido contra sua honra, em razão de que considera seu envolvimento matrimonial baseado na sua própria levandade e fraqueza. Ao se descrever como “homem de pensamento, traça das grandes bibliotecas, já decadente, tendo empregado os meus melhores anos em saciar a fome de conhecimentos,”¹⁷³ o médico nos mostra que os únicos atributos que possuía eram intelectuais, ou seja, a atração que poderia causar em uma mulher, por ele mesmo descrita “moça e bela”¹⁷⁴ como Hester, seria relacionada ao desempenho do papel que ele melhor representa no desenho da cultura puritana no romance, o de cabeça do casal, responsável pelo encaminhamento moral de sua família. Esse papel de liderança é ainda reforçado quando lembramos que Chillingworth era uma pessoa de grandes recursos financeiros, tão plenamente capaz de prover o sustento material de sua família que, ao final do romance, a herança deixada em nome de Pearl fez dela a jovem mais abastada do Novo Mundo. Assim, o dinheiro e a intelectualidade são as únicas qualidades daquele homem; contudo, não eram suficientes para fazer com que Hester o amasse, sendo a união de ambos fundada nos princípios de subordinação e dependência feminina.

172. Hawthorne, 1850. p 76.

173. Hawthorne, 1850. p 76

174. Ibidem.

Tendo em vista seu papel crucial no perecimento físico e espiritual do cúmplice de sua esposa no adultério, e a função do Reverendo Dimmesdale como elemento representativo da coletividade puritana na obra, essa empatia de Chillingworth pela situação de Prynne nos mostra o médico como dotado de um discernimento ímpar sobre as faltas cometidas contra sua própria reputação, uma vez que consegue se enxergar como parte culpada pelo pecado/crime. Apesar de ter condições de amplificar o martírio vivido pela personagem por meio da revelação de sua identidade, a concordância com a condição oprimida vivida por Hester no seu matrimônio fica clara ao observarmos o seguinte diálogo entre marido e mulher:

-Eu te fiz muito mal! – murmurou ela.
-Fizemo-nos mal, mutuamente – replicou ele. – **Errei, primeiro, quando atraí a tua juventude que amanhecia.** Portanto, como um homem que não pensou nem profetizou em vão, não procuro a vingança, não tramo nenhum mal contra ti. **Entre mim e ti o fiel da balança se equilibra.** Mas, Hester, está vivo o homem que nos infelicitou. Quem é ele?¹⁷⁵

Como vemos, Chillingworth considera o mal praticado por Hester, tanto contra os valores morais daquela cultura, quanto diretamente a sua condição de marido, como a resposta a um mal anteriormente praticado por ele contra a esposa. Entendemos que seu esclarecimento se relaciona diretamente à situação opressiva à mulher vigente na cultura puritana, uma vez que, mesmo ciente de todas as suas limitações, como também da insustentabilidade dos motivos de sua união, se permitiu o casamento com Hester em razão de ser aquele matrimônio, naquelas condições, uma concessão da cultura patriarcal em razão unicamente de sua condição masculina abastada. E é a partir desse esclarecimento apresentado por Roger – que acreditamos ser o único personagem masculino no texto a se mostrar como partícipe confesso do adultério em razão do caráter opressivo da cultura à qual pertenciam – que chamamos a atenção para a forma como o amor era visto pelo Puritanismo. Chillingworth afirma que, apesar de sua condição física deformada desde o berço, o amor não lhe parecia um sonho louco, *“mas uma pura bênção lançada para que toda a espécie humana recolhesse, e que também podia ser (...)”*, afirmando ainda: *“e por isso, Hester, eu te trouxe para o meu seio, para o mais íntimo dele, e pensei te aquecer no calor que lhe emprestavas.”*¹⁷⁶ As palavras do médico apontam para a sustentação de uma relação matrimonial baseada em um amor conjugal, em que as satisfações mútuas são, novamente, uma obrigação culturalmente imposta ao casal, e em que são ignorados os fatores pessoais relacionados a convicções subjetivas do amor como algo pessoal experimentado unicamente

175. Hawthorne, 1850. p 76

176. Hawthorne, 1850. p 76.

na vida privada, independentemente de possíveis considerações sociais a respeito do que sentir e como proceder em relação aos sentimentos.¹⁷⁷ Como ensina Leites,¹⁷⁸

O puritanismo tem, em seu núcleo, uma ética que é afirmadora do mundo. Na filosofia do casamento – um dos mais importantes domínios da vida para o puritanismo –, os pregadores e teólogos pedem uma satisfação espontânea, um prazer sexual e mútuo. Afirmam o valor intrínseco do prazer e do conforto que os esposos podem dar uns aos outros. Na opinião deles, estes prazeres não necessitam ser justificados por algum tipo de uso espiritual futuro (embora achem que o casamento tenha propósitos espirituais); as alegrias do casamento são boas em si mesmas, e respondem às necessidades naturais humanas de companheirismo e amor

Esse amor, entretanto, deveria, segundo Baxter,¹⁷⁹ ser “*um Amor Conjugal integral*”, de cujo principal conforto, segundo Gataker,¹⁸⁰ dependeria a vida de um homem, podendo essa relação fazer de sua casa um inferno ou um céu na terra., isso porque, para esses teólogos puritanos, o matrimônio era visto como um negócio. Nessa negociação encontravam apoio teórico nos próprios discursos religiosos da época, como nos sermões do Reverendo Jeremy Taylor,¹⁸¹ que descrevia os que se uniam no matrimônio como aqueles que estavam em meio a um jogo de contingência com os interesses do mundo em busca da eternidade em que somente a felicidade mútua poderia proporcionar a alegria terrena. Essa felicidade, entretanto, estava sujeita a condições sociais opressivas à mulher, pois Leites¹⁸² aponta que esses discursos religiosos preconizavam que o verdadeiro lugar da mulher era seu lar, lá devendo ela permanecer, independentemente da necessidade do marido de “fugir ‘por várias horas da tristeza’” e dos sofrimentos que advém desse jogo, mas sempre retornando a sua esposa com a certeza de que só no casamento ele encontra a verdadeira paz.

Essa possibilidade dada ao homem de fugir das tristezas oriundas do casamento demonstra uma profunda contradição nos aspectos morais formadores da cultura puritana. Ao mesmo tempo em que a fidelidade no casamento era defendida pelos discursos religiosos, e severamente punida como percebemos no caso de Hester Prynne no romance, percebe-se relativa permissividade à traição por parte dos homens, sendo maiores as restrições morais a que a mulher estava sujeita. Isso fica claro se lembrarmos que, para os puritanos, uma mulher não deveria ter interesses sexuais, pois ela representava um tipo de sustentáculo moral da civilização, enquanto o homem representava o sustentáculo da energia, da vitalidade e da sexualidade.¹⁸³ Ao contrário do que se poderia inferir dessa posição de destaque moral

177. Campbell, 1990. p 196.

178. Leites, 1986. p 114.

179. apud Leites, 1986. p 127.

180. Ibidem. p 127.

181. XV Sermons, apud Morgan, 1986. p 75.

182. Leites, 1986. p 128.

183. Ibidem. p 33.

conferida às mulheres, os resultados não eram nada benéficos ao grupo social feminino; essa diferenciação retirava das mulheres o reconhecimento de seu grupo como indivíduos dotados de uma sexualidade tão natural quanto a pertencente ao grupo masculino. Notadamente, essa particularização atendia aos interesses patriarcais, uma vez que as mulheres “*eram vistas como sendo primeiramente responsáveis pelo avanço dessa cultura e, portanto, tinham que ser verdadeiramente puras na conduta e no sentimento.*”¹⁸⁴ Apesar da *Constância Moral* ser também exigida, em menor grau, do grupo masculino, o desenvolvimento desse discurso patriarcal permitia ao homem ser mais luxurioso e cometer mais desvios morais, uma vez que eram homens. A eles era conveniente o desapego a essa necessidade de ser puro e arcar com os altos custos de uma vida constante, ainda que o termo *Puritano* remeta diretamente à pureza e à obediência; quanto à relação dos homens com os valores sociais de constância e fidelidade, nota-se que “*eles apoiavam o padrão mas não eram compelidos a viver por eles.*”¹⁸⁵

Dessa forma, o homem se constrói como sustentáculo do autocontrole, revestindo-se de um poder fiscalizador indisponível à mulher, que, como aponta Leites,¹⁸⁶ estava sujeita restrições morais internas, oriundas de uma construção discursiva histórica que a colocava como mais moral que o homem, por isso menos sujeita a transgressões éticas. Essa contradição visivelmente a favor do grupo social dominante decorre da “*narrativização do eu*”¹⁸⁷ feminino, essa realizada pelos únicos capazes de ditar as normas e as posições de sujeito a serem obedecidas por todos os integrantes da comunidade. Embora a natureza ficcional dessa narrativização do eu seja evidente,¹⁸⁸ a funcionalidade dessa construção narrativa do outro se mostra bastante eficaz ao observarmos o panorama discursivo de *The Scarlet Letter*, bem como os dados históricos relacionados ao romance. Hall¹⁸⁹ aponta esse processo como responsável por dar origem a identidades a partir do imaginário, construídas sobre um campo fantasmático; no Puritanismo, como detectável no romance de Nathaniel Hawthorne, essas identidades baseadas no imaginário e sexualmente determinadas capacitavam a cultura puritana – tanto homens quanto mulheres – “*a expressar uma ambivalência fundamental quanto aos valores da pureza moral,*”¹⁹⁰ ilustrada por Leites através de um tipo de hierarquia presente no período medieval originada na oposição moral verificável entre o monge e o príncipe; assim como o monge naquele período, a mulher no Puritanismo era vista como um ser que vivia uma vida imersa na pureza religiosa, enquanto o

184. Leites, 1986. p 34.

185. Ibidem.

186. Ibidem. p 178.

187. Hall in Silva, 2009. p 109.

188. Ibidem.

189. Ibidem.

190. Leites, 1986. p 35.

príncipe e o homem puritano levavam uma vida mais dada às oportunidades oferecidas pelo mundo, portanto, mais próximos da luxúria. O sentido ambivalente dos conceitos que opõe Monge-Mulher x Príncipe-Homem se deve ao fato dos primeiros serem melhores que os demais em razão de todos os princípios por eles admitidos em sua vida bem como os significados desses valores para os ideais da coletividade; no entanto, os segundos são melhores em razão do poder que exercem na sociedade, sendo, dessa forma, melhores porque podem ser melhores.

A partir disso, entende-se que, apesar das deformidades físicas que o acompanhavam desde o berço, Roger Chillingworth podia pertencer Hester Prynne, enquanto a costureira, apesar de sua beleza de traços orientais, não podia pertencer a si mesma, nem pertencer ou ser pertencida pelo seu amante. Essa relação aparentemente impossível entre o pastor e sua cúmplice no adultério coloca em questão outro elemento das relações sociais de poder naquela sociedade. Nem mesmo a revelação da identidade do seu cúmplice de adultério permitiria a Hester viver com seu amado; a identificação de Roger como seu marido traído, por sua vez, seria capaz de potencializar a rigidez das penas que pairavam sobre ela. Seu isolamento, portanto, não foi meramente ocasionado pelas faltas cometidas, mas também pelas condições sociais puritanas, as quais faziam com que a costureira se encontrasse sem qualquer condição de revelar a verdade sobre os personagens envolvidos na trama, mergulhando em uma solidão tanto provocada pelo pecado por ela cometido, quanto pela hipocrisia moral puritana, cuja rigidez religiosa era avessa à verdade. Essa cultura que puniria Prynne com mais severidade, caso revelasse a verdade, é a mesma que exige de Arthur Dimmesdale um comportamento tipicamente puritano em relação ao casamento, denotando o poder masculino sobre a mulher como justificativa para a realização de um matrimônio. A narrativa nos mostra Arthur Dimmesdale como dotado de uma especial condição de reverendo santificado e adorado pela congregação; isso lhe dava a condição, inclusive, de escolher uma mulher para desposar, como vemos em:

lhe haviam sugerido os que para isso tinham autoridade, que ele escolhesse uma das muitas lindas moças que lhe eram espiritualmente devotadas e a transformasse em esposa carinhosa. Esse, todavia, não era o passo que Arthur Dimmesdale se achava inclinado a dar. Rejeitava todas as insinuações em tal sentido, como se o celibato clerical constituísse um dos seus dogmas de disciplina religiosa. Condenado, portanto, por livre vontade, a comer o seu dessaborido prato sempre em mesa alheia e a se aquecer sempre em lareira estranha (...)¹⁹¹

191. Hawthorne, 1850. p 115.

Esse recorte nos mostra que, tal como a cultura puritana permitia a um homem como Roger Chillingworth escolher e desposar Hester Prynne em razão dos seus bens materiais e de sua peculiar intelectualidade, a posição social de Dimmesdale como líder religioso venerado na comunidade puritana o revestia de um poder sobre a mulher, claramente expresso na consideração dos líderes puritanos para que escolhesse uma entre as inúmeras moças que lhe eram espiritualmente devotadas. Essa devoção espiritual seria, portanto, suficiente para que a escolha fosse feita; novamente, sentimentos amorosos são visivelmente desconsiderados pelos puritanos no momento de uma união matrimonial. Na verdade, o modelo conjugal tipicamente puritano não previa a necessidade de amor entre os cônjuges, exigia-se apenas que sua relação ultrapassasse os limites de uma “*mera coabitação, mas insistiam que fosse uma coabitação pacífica*.”¹⁹² Antes, contudo, da coabitação pacífica, “*a união sexual constituía a primeira obrigação de um casal, uma obrigação sem cujo cumprimento nenhuma pessoa poderia ser considerada casada*,”¹⁹³ constituindo-se, portanto, um dos deveres fundamentais de um casal cuja desobediência importava em uma das possibilidades para que o divórcio fosse concedido. Apesar de a narrativa nos sugerir uma ausência de Roger Chillingworth no campo da sexualidade, só podemos de fato considerá-lo ausente no período em que foi mantido em cativeiro pelos nativos. A ausência do lar poderia ser também um motivo para a concessão do divórcio, mas, como já comentado, o período de ausência era preestabelecido pela colônia, não sendo o caso de Hester e Roger observável pela legislação puritana como passível de divórcio. Destacamos ainda que casos de deformidade como a do médico recebia certa atenção por parte dos discursos religiosos coloniais, como nos aconselhamentos de Daniel Rogers,¹⁹⁴ nos quais afirma ele que

as deformidades físicas não devem enfraquecer o prazer para com o esposo. Se há, objetivamente, mais mulheres ou mais homens bonitos, comparações desvantajosas não devem ser feitas. O prazer que você tem em seu esposo deve ser tão grande que não haverá lugar para defeitos.

Apesar de, muitas vezes, não existir atração física por parte da mulher em relação ao homem (ainda que ela cumprisse fielmente com seus deveres sexuais no matrimônio), tais discursos apontavam que o contentamento da mulher nessa relação deveria ser conseguido a partir do afeto a ela dedicado pelo esposo. Como escreve Gouge;¹⁹⁵ “*a afeição do marido para com a mulher deve ser respondida pela opinião dele sobre ela*.” Essas considerações acerca do contentamento no próprio cônjuge era também expressa em relação aos homens,

192. Morgan, 1966. p 39. “mere cohabitation but insisted that it be peaceful” Tradução Nossa.

193. Ibidem. p 42. “Sexual union constituted the first obligation of married couples to each other, an obligation without the fulfillment of which no persons could be considered married” Tradução Nossa.

194. apud Leites, 1986. p 28-29.

195. apud Leites, 1986. p 29. Grifo Nosso.

que deveriam ter um comportamento apropriado ainda que sua esposa não fosse muito bonita ou possuísse alguma deformidade no corpo, devendo ele “*ter prazer com ela, como se ela fosse a mais bonita e de qualquer forma a mais completa mulher no mundo;*”¹⁹⁶ na relação de Chillingworth com a costureira, entretanto, a deformidade do marido é vista por ele mesmo como algo que dificilmente seria ignorado pela sua bela esposa ao se unir a ele pelo casamento, motivo pelo qual se considerou, de certa forma, ingênuo e leviano ao acreditar que suas outras capacidades e seu potencial de lhe fornecer um amor conjugal insípido poderiam satisfazê-la; isso nos mostra que, apesar de a atração física ser algo desnecessário à existência e à manutenção de uma relação afetiva em um matrimônio, de acordo com os discursos religiosos puritanos, nota-se no esclarecimento do médico que a mulher necessitava muito mais do que a opinião do marido para encontrar sua felicidade no casamento.

A necessidade de manter um comportamento constante inclusive nas relações conjugais, formata o amor no puritanismo de acordo com padrões exclusivamente relacionados com valores sociais. Nesse aspecto, entendemos a constância como uma comunhão dos valores medievais de temperança e lealdade, de acordo com os apontamentos de Campbell.¹⁹⁷ Esses valores, entretanto, não existem independentemente dos demais apresentados pelo autor: coragem, amor e cortesia, que “*é o respeito pelo decoro da sociedade em que se vive;*”¹⁹⁸ em nenhum momento da narrativa o pecado cometido pela costureira é visto como de acordo com o decoro da sociedade em que a personagem estava inserida – tanto ele é indecoroso que a própria mulher se submete às punições impostas. No entanto, percebemos que mesmo a leitura sobre a validade de sua ação tende a apresentar os valores por ela quebrados como superdimensionados naquela comunidade. Já nos mostra o mitólogo que “*uma boa maneira de enlouquecer é permitir que uma função domine o sistema todo e não sirva ao conjunto;*”¹⁹⁹ o que fica bastante evidente quando se considera que a constância prevalecia sobre qualquer outro dos elementos pertencentes às relações puritanas, sendo o amor um conceito, senão desconhecido, pelo menos desnecessário à existência da vida conjugal. É justamente através de um comportamento constante demonstrado após a revelação do seu pecado que Hester ilustra a hipocrisia moral puritana, bem como a necessidade de revisão dos valores relacionados aos outros componentes necessários à vida comum. Sua presença em meio à comunidade como irmã de caridade demonstra a coragem com que a personagem respondeu às ofensas e ao ostracismo. A permanência da pecadora no solo da Nova Inglaterra, da mesma maneira, aponta sua coragem na perseguição dos seus

196. Leites, 1986. p. 35

197. Campbell, 1990. p 203

198. Ibidem.

199. Ibidem 197.

propósitos de revisão daquele modelo social opressivo ao indivíduo. Mais do que qualquer outro personagem em *The Scarlet Letter*, Prynne se destaca como um cavaleiro medieval respeitador da unidade de princípios que lhe permitiria alcançar uma vida plena, consagrada não pela obediência cega a um grupo de normas sociais particularizadas pelo grupo dominante, mas pelo trânsito entre muitos valores morais abandonados na evolução daquela cultura a fim de favorecer o regime patriarcal. É, portanto, a partir de uma multiplicidade de valores, e não apenas no comportamento constante, que Hester edifica uma identidade inicialmente avessa ao puritanismo, mas emparelhada a uma perspectiva de igualdade entre os seres, independentemente de qualquer *Ordem da Criação*, ou hierarquia social sexualmente estabelecida. Notadamente, Prynne se dedica ao amor como uma experiência humana subjetiva a ser vivida entre duas pessoas, não em uma união matrimonial em que o amor não passa de uma obrigação conjugal publicamente determinada.

Seu caminho em busca dessa experiência humana é visivelmente favorecido pelas condições que antecederam a publicidade do seu pecado. Como já apontado, o seu relacionamento com seu marido não foi, em nenhum momento, baseado em laços afetivos. Ao se perceber viúva, a costureira se viu livre dos obstáculos visíveis que a impediam de alcançar uma realização amorosa. A denúncia do seu pecado provocada pela gravidez, no entanto, lançou-a em um mundo de experiências humanas desconhecidas por ela, bem como por todos os demais colonos de Boston. Como mostra a narrativa, Hester permaneceu na Nova Inglaterra em razão de que “*ali morava, por ali andava alguém a quem ela se julgava ligada, numa união que, apesar de ignorada na terra, levaria a ambos às barras do julgamento final, transformando-as em altar de um novo enlace para a punição terrena,*²⁰⁰ demonstrando, pois, um ideal espiritual na sua permanência, que se revela como parte de uma busca simbólica de “*outra pureza, tão grande quanto a que perdera [porém] mais santificada, porque resultaria do martírio.*²⁰¹” A pureza perdida, inferimos, foi justamente a decadência dessa mulher puritana, sua morte simbólica perante a comunidade sobre o cadafalso. Uma vez estando simbolicamente morta essa mulher puritana, a pureza a ser atingida por meio do martírio se desapega dos conceitos puritanos sobre a irrepreensibilidade moral feminina; dessa forma, seu propósito de subverter o sistema social puritano não implica destruí-lo, mas purificá-lo das máculas opressivas e desviadas dos propósitos de igualdade entre os seres. Entendemos, portanto, que seu martírio está intrinsecamente ligado à impossibilidade de convivência harmoniosa entre o mundo utópico do *Visível Reino de Deus* e aquele isolado em que a *Hierarquia Recíproca* não alcançava, principalmente em razão de não haver um homem que

200. Hawthorne, 1850. p 80.

201. Ibidem.

pudesse reclamar suas prioridades referentes à *Ordem da Criação*. Como aponta Campbell²⁰² não se pode permitir que a sociedade diga como se deve viver, mas ao mesmo tempo “o objetivo da vida é viver dentro do campo oferecido pela sociedade, que efetivamente sustenta você.” O campo oferecido pela sociedade puritana não tinha espaço para o amor que a personagem nutria pelo seu cúmplice; dessa forma, vemos a prática desse amor subjetivo de Hester Prynne como um elemento norteador do seu pecado e justificador da sua culpa e obediência penitente.

Por outro lado, essa busca subjetiva pelo amor se mostra também responsável pela edificação de um mundo paralelo naquela cabana coberta de colmo, pois é a partir dos ensinamentos obtidos no uso constante da letra escarlate que ela passa a educar sua filha de maneira a poder, no futuro, se exercer como mulher na sociedade. Isso se justifica ao lembrarmos que, com base na constância, o amor conjugal puritano se constituía essencialmente em uma autovigilância, bem como uma vigilância constante do parceiro (feminino). Hester, contudo, prima seu método educativo pela alternativa de deixá-la seguir seus próprios impulsos naturais, ao invés de um controle suave, porém vigilante.²⁰³ Isso se deve principalmente, como veremos adiante, pelo fato de a menina, assim como a letra escarlate que carregava sobre o peito, simbolizarem significativamente a natureza feminina no romance. Dessa forma, entendemos que tal natureza feminina não pode ser vigiada de maneira opressiva como fazia o sistema puritano, sob o risco de amortilhar a possível lealdade existente em uma relação conjugal, bem como provocar um apagamento identitário feminino, principalmente em uma sociedade sexualmente desigual como a representada por Hawthorne.

Outra razão para o apagamento identitário da mulher dentro do casamento puritano pode ser percebida ao considerarmos a união matrimonial puritana como um contrato que a hierarquia sexual transformou em unilateral; isso porque os direitos femininos eram extremamente limitados, como também os possíveis papéis da mulher nessa relação. Ao contrário do que aponta Campbell,²⁰⁴ que se refere ao casamento como um compromisso com aquilo que se é, em que um encontra no outro sua outra metade, formando, pois, um só corpo, o puritanismo estabelecia o casamento como um conjunto de compromissos hierarquizados. Nesse, a mulher estava comprometida com seu homem e sua família, enquanto o homem tinha compromisso com seu Deus e com os ideais gerais da sociedade; ainda que tivesse responsabilidades acerca da manutenção material e espiritual da família, isso não fazia parte

202. Campbell, 1990. p 208.

203. Ibidem 198. p 89.

204. Campbell, 1990. 211.

de um compromisso assumido perante sua esposa, mas diante das obrigações sociais que lhe impunham uma relação direta com Deus, que seria por ele representado dentro do lar. Não se detecta a existência de um amor-paixão, tal como a expressa por Hester em relação ao seu amante.

Entendemos que mesmo essa carência da paixão nas relações conjugais se deve à tentativa (eficiente) de suprimir a mulher de uma participação social em qualquer nível; além das questões avessas à paixão relacionadas à constância, que via na entrega amorosa um destempero capaz de desviar o homem do seu caminho sagrado, se o amor fosse vivido pelos puritanos como uma experiência dinâmica e arrebatadora entre duas pessoas,²⁰⁵ o modelo social, e mesmo a identidade masculina puritana estariam em jogo. Hester Prynne teve, a partir desse arrebatamento amoroso, a oportunidade de se experimentar como indivíduo, exercendo sua subjetividade e se diferenciando daquele grupo que a marcava. Sua experiência pessoal nesse campo desconhecido pelos puritanos foi libertadora, pois, apesar de condenada também pelos clérigos de Boston, a personagem não estava mais aprisionada pelo discurso religioso avesso ao sentimento. Dessa forma, fossem as experiências amorosas vividas de acordo com a entrega mútua, não necessariamente adúlteras, o reconhecimento da mulher como metade daquele todo que forma o corpo social seria inevitável. Dessa forma, percebemos uma relação de aprisionamentos múltiplos e contraditórios, pois, ao afastar a si e a mulher dessas experiências, o homem aprisiona a mulher dentro de seu discurso de manutenção de vida constante, no entanto se vê também aprisionado nesse discurso, não sendo capaz de se reconhecer fora dele. Contraditórios em razão de que, naquela cultura, as relações sexuais se manifestam simplesmente por impulsos biológicos relacionados ao amor erótico, que se resume no “*entusiasmo dos órgãos por outros órgãos. O fator pessoal não conta,*”²⁰⁶ ou seja, através da mecanização do amor e do sexo em prol da manutenção da moralidade social, desenvolve-se o apagamento das subjetividades dos cônjuges. Acerca dessa relação entre amor e moralidade, Campbell²⁰⁷ aponta que

O amor viola a moralidade (...) na medida em que se expressa a si mesmo, o amor não se está expressando em termos das formas de vida socialmente aprovadas. Por isso é que tudo é tão secreto. O amor não tem nada a ver com a ordem social. É uma experiência espiritual mais elevada do que aquela do matrimônio socialmente organizado. (...) O amor é uma visitação divina, e por isso é superior ao matrimônio.

Não defendemos aqui a idéia da inexistência do amor dentro do matrimônio, ou que o adultério seja institucionalizado, pelo contrário, observamos que *The Scarlet Letter* não

205. Ibidem. . p 197.

206. Campbell, 1990. p 196

207. 1990. p 196

oficializa, nem autoriza relações adúlteras. Percebemos que o romance ataca diretamente os modelos sociais instituídos de maneira a ilustrá-los como falhos em sua origem e, por isso, responsáveis pela reprodução de opressões, principalmente à mulher, como visto nos acontecimentos envolvendo Hester Prynne. Essas ausências de afetos recíprocos, comuns nos casamentos puritanos, podem ser vistas como um impedimento social para que o homem alcance uma experiência humana mais completa, bem como a mulher se experimente em papéis exclusivamente masculinos, pois “*o casamento é o reconhecimento simbólico da nossa identidade, dois aspectos da mesma coisa (...) o matrimônio é a maneira de você entrar em contato com seu lado feminino,*” no caso do homens; e masculino, no caso das mulheres.²⁰⁸

E foi por ter experimentado o amor de várias formas, e se constituído homem e mulher na mesma sociedade, que Hester Prynne estabeleceu tantos conflitos com a cultura puritana. Ao se dedicar a ações beneficentes como irmã de caridade, a costureira revelou um amor incondicional, superior às ofensas que muitos, ainda que por ela ajudados, lhe lançavam. Isso mostra um tipo de devoção que nem mesmo os puritanos eram capazes de oferecer, pois somente após suas inúmeras atividades em prol daquela sociedade é que os colonos passaram a considerá-la uma amiga, transformando o significado original da letra “A” que carregava sobre as vestes. Observando sua dedicação à comunidade que a humilhava, a pecadora demonstrou um tipo de coragem atípica no Novo Mundo, pois personificou a força civilizadora que as próprias mulheres representavam²⁰⁹ no Puritanismo, mas não colocavam em prática na Nova Inglaterra.

Além disso, através de sua experiência como indivíduo no campo do amor, bem como em consequência das necessidades de sobrevivência, Hester Prynne teve a possibilidade de perambular entre diferentes papéis sexualmente separados na sociedade, construindo sua identidade a partir do próprio amor e de suas consequências; como sabemos, “*não há nada mais no mundo capaz de preencher a sensação de identidade como a experimentada pelo amor.*”²¹⁰ Verifica-se que essa identidade preenchida por suas experiências eram distanciadas das modalidades de poder vigentes, pois o modelo social vigente segregava os grupos sociais masculino e feminino, tendo suas identidades formatadas a partir das construções patriarcais. Hester, entretanto, construiu para si uma “*identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação externa,*”²¹¹ na qual ela representava simbolicamente a unidade, a experiência do ser feminino e masculino, a exemplo do mito de Tirésias;²¹² assim como esse personagem mitológico provocou a inveja dos deuses, sendo punido em razão de experimentado uma vida

208. Campbell, 1990. p 211-212

209. Campbell, 1990. p 203.

210. Ibidem. p 200.

211. Hall in Silva, 2009. p 109.

212. Ibidem 207. p 203.

mais completa do que aquela acessível aos demais seres, inclusive os imortais, pois teve a oportunidade de ser mulher e homem na mesma vida, Hester Prynne pode também ser vista como oprimida e detestada pela cultura patriarcal puritana em razão de ter conseguido se construir como indivíduo, bem como edificar sua identidade a partir de experiências humanas independentes da sua sexualidade, transformando-se, assim, em um ser humano mais completo que todos os homens da colônia.

CAPÍTULO 3 - A LAVOURA ARTÍSTICA

Ao firmar a colônia puritana na Nova Inglaterra, o objetivo primordial dos puritanos era estabelecer naquelas terras um Estado de retidão moral composto apenas por pessoas santificadas, um *Visível Reino de Deus*,²¹³ no qual os colonos pudessem se manter afastados do pecado e de todos os fatores motivadores da travessia do Atlântico. Apesar desse forte critério religioso vinculado à instalação dos colonos em Boston, bem como em outras colônias da Nova Inglaterra, o potencial produtivo das terras da colônia é um elemento de proximidade entre os puritanos e qualquer outro processo de colonização não associado a valores religiosos. Acreditamos que essa questão produtiva é fundamental para analisarmos a relação de Hester Prynne com a sociedade que a excluía, uma vez que, como aponta Bosi²¹⁴ a raiz das palavras cultura (*culture*), culto (*cult*) e colonização (*colonization*) deriva do mesmo verbo latino *Colo*, que, por sua vez, significa “*eu moro, eu ocupo a terra e, por extensão, eu trabalho, eu cultivo o campo*”. O autor afirma apenas duas motivações possíveis para a formatação de uma colônia: povoamento ou exploração do solo; ambos abrigam a raiz *Colo*, “*eu moro; eu cultivo*.”²¹⁵ Dessa maneira, observamos uma penalidade não declarada imposta à pecadora: em razão da sua falta, os habitantes de Boston não apenas passaram a desconsiderá-la como parte do grupo santificado a que pertenciam, mas também destituíram-na da condição de colona, pois o banimento obrigou Hester a residir nos limites da península, sem estreita vizinhança com qualquer outra habitação puritana, em uma cabana cuja distância do centro urbano tornava fora de mão a vida social do morador²¹⁶. Como Hawthorne nos informa no início da sua narrativa, tal vida social era um costume já dos primeiros colonos que se assentaram em Boston; dessa forma, além da infertilidade do terreno, a inviabilidade de uma vida congregada com os demais habitantes da cidade fazia da residência de Hester um local impróprio para a moradia de um membro daquela sociedade. Percebe-se, portanto, uma medida restritiva do direito de *Colo* Puritano, ou seja, a possibilidade de morar, cultivar e, incluímos, se socializar da maneira como era possibilitada aos puritanos fora usurpada de Prynne e seu bebê.

213. Morgan, 1966. p 10.

214. Bosi, 1992. p 12.

215. Ibidem.

216. Hawthorne, 1850. p 81.

3.1. ALINHAVANDO A IDENTIDADE

Considerando as condições improdutivas do solo que rodeava sua cabana, entendemos que o banimento promovido pela justiça puritana ultrapassa a simples repulsa religiosa pelo pecado, criando a necessidade de expulsar os pecadores a fim de manter a colônia como um reino de Deus visível. Essa exclusão constitui-se numa medida tomada na tentativa de impor a Hester uma privação material capaz de obrigá-la a deixar definitivamente as redondezas da cidade, livrando os habitantes santificados de Boston de sua presença ameaçadora; mesmo não participando da vida comunitária daquela cidade da mesma maneira que fazia antes do descobrimento de sua gravidez, a presença da personagem entre os puritanos era considerada uma ameaça em razão do conflito trazido pela sua falta em relação à cultura puritana. Era salutar aos puritanos que a retidão comportamental e a obediência às leis de Deus fossem seguidos não meramente a fim de afirmar sua santidade e provar a si mesmo sua salvação; o comportamento de um integrante da comunidade puritana, mesmo quando praticada na esfera privada de sua vida, era considerado capaz de implicar em consequências a que toda a comunidade estava sujeita. Uma falha individual no seguimento dos propósitos religiosos norteadores da congregação implicava, por certo, na condenação pessoal do pecador perante o criador. No entanto, suas atitudes eram consideradas graves o suficiente para que a ira temporal de Deus fosse despejada sobre sua família, Igreja e Estado.²¹⁷ Sendo assim, o contato, mesmo com pequena frequência, de Hester com os santificados de Boston era capaz de atrair a fúria divina contra a congregação, transformando a condenada em um fantasma cuja manifestação causaria terror e aversão,²¹⁸ Diante de uma restrição à subsistência da pequena e recém formada família, composta apenas por Hester e Pearl, observamos a punição aplicada à pecadora como fruto de uma relação de poder mais ampla do que aquela a que todos os indivíduos estão sujeitos quando integrantes de um estado organizado. A colonização é naturalmente um projeto totalizante,²¹⁹ no caso particular de *The Scarlet Letter*, além dessa característica totalizante, encaramos uma colônia dotada de arbitrariedade suficiente para contradizer seus próprios estatutos morais em busca da manutenção de seus ideais santificados. Considerando que no Puritanismo o provimento material era uma obrigação do cabeça de cada família, o isolamento de Hester tinha desdobramentos contrários às obrigações puritanas diante da família. Prynne foi submetida a uma série de penalidades em razão de que sua desobediência às normas implicaria em consequências que atingiriam toda a congregação. Os clérigos e magistrados, contudo,

²¹⁷ Morgan, 1966. p 10.

²¹⁸ Hawthorne, 1850. p 84

²¹⁹ Bosi, 1992. p 15

executaram seu banimento de maneira a impedi-la de cumprir com obrigações tão essenciais quanto aquelas por ela desobedecidas. Apesar do adultério ter sido na história da colônia um crime passível de ser punido com a pena capital, registros mostram casos como o de William Franklin e Mary Gadbury, condenados somente à prisão e a confissão de ambos como fraudes perante a comunidade, tendo em vista o adultério por eles cometido ter sido justificado como uma união sexual santificada, pois Franklin se autoproclamava a encarnação de Jesus Cristo, enquanto Gadbury a amante espiritual do próprio Deus.

Observando que a personagem assumiu a costura e o bordado como profissão a partir do momento em que se viu como cabeça de sua pequena família, sendo suas habilidades com a agulha desconhecidas pelos responsáveis pela sua condenação, no momento de seu banimento, sua pena se estendeu também a diferentes formas de perecimento naquela cabana localizada em terras sabidamente inférteis, abandonadas muito antes de sua chegada da Europa. Primeiramente, note-se o claro abandono material a que as personagens femininas foram condenadas. Lembrando a personagem histórica Anne Hutchinson, morta por nativos na região em que hoje é o estado de New York após seu banimento do estado de Massachusetts, entendemos que, ao banir Prynne e seu pecado encarnado do convívio social, as lideranças patriarcais puritanas intentavam mais do que a consumação material da execução simbólica à qual foi submetida, mas a execução de um sepultamento muito mais prático do que simbólico; ainda que não tenha sido enterrada viva, a precariedade dos meios a sua disposição nos permite entender essa condenação como um ato em que, certos da incapacidade da personagem de sobreviver, as lideranças patriarcais puritanas aguardavam a morte do pecado fora de seus domínios. Essa condenação implícita à morte, obviamente, não foi concretizada em virtude de Hester contrariar, apesar de repelida pela sociedade puritana, as imputações que a difamavam, encontrando nos próprios princípios da responsabilidade paterna e materna defendidos pela cultura puritana a razão para não se deixar vencer pelas condenações impostas e pelos atributos a ela direcionados, como vemos em:

Podia – e decerto isso aconteceria – ser condenada à morte pelos inexoráveis tribunais da época, por tentativa de desagregação dos alicerces da fundação puritana. Mas, na educação da filha, o entusiasmo da mãe encontrava onde se exercer. A providência havia confiado a Hester o germe da floração de uma mulher que devia ser cultivada e se desenvolver por entre dificuldades. Tudo era contra ela. O mundo lhe era hostil. O próprio gênio da criança apresentava qualquer coisa de excêntrico a indicar constantemente que ela nascera diferente – a emanção de um amor ilegal – e muitas vezes obrigava Hester a se perguntar se era para o mal ou para o bem que aquela pobre criaturinha tinha vindo.²²⁰

220. Hawthorne, 1850. p 147-148.

Na contramão de um papel social feminino, inclusive o dedicado às verdadeiramente viúvas, uma vez que o leitor tem conhecimento sobre a identidade, ou identidades de Roger Chillingworth, Hester passa a produzir um contraste entre duas sociedades: uma, a puritana, em que o solo era considerado fértil para a construção do *Visível Reino de Deus*. Essa fertilidade do terreno simbólico sobre o qual se levantou a cidade de Boston é, entretanto, tratada ironicamente por Hawthorne, pois as únicas referências de vida surgidas nessa terra representam também um contraste, dessa vez entre “a negra flor da sociedade civilizada – o cárcere,” simbolizando a ausência de cor, e mesmo de vida, na única flor gerada naquela terra – nem um pouco delicada, como se vê na sua descrição em *A Porta da Prisão*, e a grandiosidade das personagens femininas emblemáticas ao romance, as ficcionais, Hester e Pearl, e a histórica, Anne Hutchinson, ao percebermos que aos pés da prisão em que todas essas personagens, em diferentes tempos, foram aprisionadas, “vicejava uma roseira-brava (...) como se quisesse oferecer a sua fragrância e a sua frágil beleza ao prisioneiro que entrasse ou ao criminoso condenado que marcasse para o suplício.”²²¹ Fora dos limites puritanos, encontramos nossa outra sociedade, essa anônima, composta apenas por mãe e filha, sobre um solo infértil em que as sementes do pecado, e o próprio pecado, foram lançados a fim de que não se desenvolvessem. A partir desse contraste, percebemos o desenvolvimento de uma mulher com a capacidade de transitar, mesmo sem integrar, a comunidade puritana, mas que carrega consigo todos os elementos cultivados e florescidos no isolamento proporcionado pelo banimento. Esse isolamento, afirmamos, é essencial para que sua subjetividade seja levada à tona, servindo de subsídio mesmo para sua subsistência, uma vez que, por intermédio da costura e do bordado, ela se expressa de maneira a ser salientada como artista pela própria narrativa, vinculando, portanto, sua visão do mundo, as interações opressivas com os ambientes sociais em que circula, bem como o ostracismo diariamente vivido em suas caminhadas por Boston e as relações com sua filha a elementos subjetivos reproduzidos em seus trabalhos. A socialização a que Hester se obrigou em razão da necessidade de alimentar sua filha mergulhou a personagem, portanto, em um isolamento ainda maior do que o vivido fora dos limites da cidade; seu convívio com os puritanos fornecia um tipo de matéria prima com o qual trabalhava subjetivamente, vivendo um isolamento de acordo com os apontamentos de Young²²² para quem o artista é o mais isolado dos indivíduos quando no auge da criação, porém exigindo uma conexão vital entre o seu trabalho diário e sua luta, sua alegria e sua tristeza; além disso, necessita relativa conexão

221. Hawthorne, 1850. p 56.

222. Individual and Community in *The Scarlet Letter*. Disponível em:

< <http://www.firstprinciplesjournal.com/articles.aspx?article=1331&theme=home&loc=b>>

com a massa humana no estabelecimento de relações entre as irrealidades e as realidades a serem construídas, bem como para que as criaturas ficcionais de sua imaginação sejam preenchidas com vida. Young ainda salienta que é a saída de um oficialismo burocrático que verdadeiramente isola um indivíduo, não simplesmente o esforço individual em se isolar. Embora os apontamentos de Young nos lembrem muito as condições em que Hawthorne se encontrava no momento em que iniciou os trabalhos de *The Scarlet Letter*, condenado a um isolamento em virtude da perda do cargo burocrático que desempenhava na alfândega de Salem, o banimento da personagem se encaixa perfeitamente nessa saída de um sistema tão burocrático quanto o cargo público desempenhado pelo autor, pois é marcado pela saída de Hester de uma vida de mulher puritana, cuja identidade era exercida de acordo com subjetividades alheias, notadamente masculinas. A necessidade de prover o sustento de sua filha revela, portanto, uma personagem descobrindo-se portadora de subjetividades e, além disso, não somente capaz, mas obrigada a expressá-las em razão de ser a arte seu único modo disponível para ganhar dinheiro.

Desenvolvendo sua arte a fim de sustentar materialmente sua pérola, Hester inicia também um exercício subjetivo sobre a identidade feminina. Conhecedora do papel desempenhado pelas demais mulheres naquela cultura, bem por tê-lo desempenhado durante um longo período de sua vida, a costureira passa a se interrogar sobre as relações sociais em que a mulher estava imersa. Seu estado emocional e psicológico é descrito inúmeras vezes como entristecido e atordoado, principalmente em razão das inúmeras e cotidianas humilhações por ela sofridas; ao invés de mergulhar nesse sofrimento, Prynne passa a se questionar sobre a verdadeira felicidade vivida por uma mulher dentro daquele regime opressor, de modo que as interrogações que se lhe abatiam em seu martírio eram projetadas sobre o papel feminino naquela sociedade, pois a mesma questão acerca da opressão por ela vivenciada, “*se erguia também no seu espírito a propósito de todo o sexo feminino. Mesmo para as mais felizes, a vida seria digna de ser vivida?*”²²³ No momento do romance em que se detecta esse questionamento, Hester acredita na indignidade de viver a própria vida, como se não mais houvesse razões para alcançar algum prazer, ou obter alguma felicidade. Porém, seu contínuo exercício reflexivo, apesar de entristecê-la ainda mais, lhe apresenta uma tarefa assim expressa na narrativa:

Antes de tudo, é preciso que todo o sistema social seja subvertido, e edificado outro. Depois, o próprio caráter do sexo oposto, ou seu hábito, que vem de longe, que se

223. Hawthorne, 1850. p 56.

fez como que a natureza, precisa ser essencialmente modificado, antes que se permita à mulher assumir o que parece uma posição justa e adequada.²²⁴

Seu entristecimento é claramente ligado a sua observação sobre as relações sociais entre os sexos no puritanismo. Percebemos, contudo, que sua observação não é exclusivamente sobre a opressão realizada por parte dos homens, mas também sobre a passividade na submissão feminina, apontando para a participação da mulher nesse quadro opressivo em que se encontrava. Hester observa que seu isolamento também tem desdobramentos no campo subjetivo, pois se vê sozinha diante de tais reflexões. A subversão do sistema social por ela pretendida é uma tarefa, entendemos, a ser desempenhada por todos os participantes da sociedade; a integração tanto do grupo social masculino quanto do grupo social feminino nessas modificações é necessária, pois a unilateralidade dos interesses em questão no momento da citada edificação resultaria simplesmente na construção de uma nova utopia de felicidade, em que somente as figuras centralizadoras do poder seriam trocadas, mas o poder absoluto e opressivo continuaria instituído, recontando “*uma história de fraqueza e sofrimento humano*”²²⁵ em que os personagens poderiam ser outros, mas a hipocrisia moral continuaria a mesma. Os degraus que afastam os grupos masculino e feminino na sociedade, apontado por Wollstonecraft²²⁶ como vinculados diretamente às armas e ao poder político, ao que acrescentamos o religioso no caso da Nova Inglaterra, não são, portanto, meros elementos de segregação social baseados no sexo, mas também definidos de acordo com a participação daquele agente segregado na própria sociedade. Essas reflexões de Hester nos apontam para uma evolução em que os espaços sociais e de poder devem ser necessariamente divididos entre homens e mulheres, mas para isso não bastaria apenas estabelecer posições específicas para grupos determinados sem que os representantes de todos os grupos sejam plenamente capazes de representar a si e ao grupo a que pertencem. Uma posição justa e adequada à mulher, de acordo com o que percebemos na narrativa, não depende unicamente de sua representação no grupo responsável pelas decisões dos destinos da comunidade, mas mais propriamente uma evolução histórica da própria mulher, a fim de que ela possa se reconhecer como indivíduo e praticar suas subjetividades a fim de formar um grupo verdadeiramente capaz de assumir tais posições. Sua dedicação na formação de Pearl nos aponta para a maneira como essa evolução deveria ser realizada para a costureira. A educação da menina não foi apenas afastada dos modelos de educação formal puritanos, mas foi afastada dos modelos ideais de comportamento feminino masculinamente construídos no puritanismo.

²²⁴ Hawthorne, 1850. p 56.

²²⁵. Ibidem.

²²⁶. in Cudd e Andreasen, 2011. p 13

Como resultado disso, vê-se uma garota a caminho de se tornar uma mulher no mundo, não mais um elemento de conflito, como era representada em *The Scarlet Letter* nos sete anos em que lá permaneceu. Tendo em vista que, para Prynne “o pensamento basta-lhe, sem que se invista da carne e do sangue da ação,²²⁷” a revolução proposta é ideológica, não dependendo de derramamento de sangue para que seja concretizada. Assim como sua arte, Hester se propõe a dar forma a essa revolução solitária em prol de toda a coletividade puritana de maneira silenciosa, ponto a ponto, utilizando sua habilidade para fazer com que os elementos mais representativos de sua feminilidade fossem considerados necessários sem que deles os grupos patriarcais dominantes se dessem conta. Desse modo, sua imagem foi sendo absorvida pelos mais altos representantes das forças políticas, eclesiásticas, militares, e até por personalidades puritanas e cidadãos anônimos, que pouco a pouco foram fazendo de Hester Prynne uma companhia necessária, em razão de um perdão a ser dado por ela, sem o qual não se permitiriam acreditar que seriam futuramente recebidos no verdadeiro e invisível reino de Deus.

A partir da subjetividade de Hester, observamos a sociedade puritana como uma terra devastada; conseqüentemente, a própria identidade feminina puritana pode ser entendida como uma devastação superficial dos valores identitários femininos autênticos representados pela costureira e sua filha; como aponta Campbell,²²⁸ “numa terra devastada, a superfície não representa a verdade do que supostamente representaria, e as pessoas vivem inautênticas.” Elas não são capazes de fazer aquilo que querem, de se autodeterminar, pois sempre estão sujeitas a um certo grupo de normas que raramente interessam àqueles que as obedecem. Os únicos beneficiados com essa devastação são, portanto, os responsáveis pela própria devastação, por manter aquele grupo social em um modo de vida inautêntico e, conforme aponta Hawthorne, utópico. Embora os propósitos dessa revolução social proposta na narrativa não sejam expressos claramente – afinal, trata-se de um texto romanesco e não de um tratado –, entendemos que o modelo não hierarquizado desenvolvido na pequena sociedade de mãe e filha, sediado no que materialmente era para os puritanos uma terra devastada, aponta para uma sociedade em que a mulher desempenha qualquer papel que estiver ao seu alcance, independentemente das condições biológicas que a definem. A Reivindicação dos Direitos da Mulher, de 1792, nos mostra exatamente como os papéis sociais em uma sociedade igualitária podem ser desenvolvidos; Assim, atividades historicamente desempenhadas por figuras exclusivamente masculinas podem ser desenvolvidas por mulheres, que ocupariam, por exemplo, a posição de enfermeiras ou

227. Hawthorne, 1850. p 147.

228. Campbell, 1990. p 198.

médicas, no que é definido por Wollstonecraft²²⁹ como a arte da cura, ou estudiosas do campo político e da história, capazes de interpretá-la, ao invés de aceitá-las como um mero romance biográfico. Segundo a autora, esses desempenhos seriam possíveis somente a partir do momento em que a mulher pudesse ser mais apropriadamente educada, fato esse que salvaria inúmeras delas de se dedicarem à prostituição ilegal ou, como observado nas condições em que a mulher encontra no casamento o suporte material para sua vida, a prostituição legalizada. Vemos na consideração de Wollstonecraft acerca do casamento como uma modalidade legal de prostituição uma clara conexão com o casamento na cultura puritana, pois a opressão dentro da vida conjugal não se expressa somente nos casos em que a mulher adere à vida matrimonial a fim de encontrar um amparo para sua sobrevivência, como fica implícito na relação conjugal entre Hester e Roger Chillingworth.

O banimento da costureira, portanto, ganha um significado de libertação de uma identidade feminina culturalmente oprimida, pois não está mais obrigada a seguir a unidade identitária das mulheres da Nova Inglaterra, uma vez que *“a obrigatoriedade de uma identidade una é vivida como uma limitação, e mesmo uma prisão.”*²³⁰ Uma prisão sexualmente edificada a partir de princípios patriarcais que separavam a mulher de um próprio entendimento, aculturando o sexo feminino em vários níveis, desde o desenvolvimento das posições de sujeito cabíveis à mulher, impedindo-a, por exemplo, de ter participação na vida economicamente ativa da sociedade; evidencia-se, assim, um domínio sistemático do homem sobre a matéria, fazendo da mulher e dos homens afastados da execução do poder político a própria matéria prima para o acultramento social, praticado nos fundamentos sociais pelo impedimento, principalmente da mulher, em adquirir os conhecimentos necessários para interpretar a vida comunitária da qual faz parte. Portanto, *“aculturar um povo se traduziria, afinal, em sujeitá-lo ou, no melhor dos casos, adaptá-lo tecnologicamente a um certo padrão tido como superior, [pois] produzir é controlar o trabalhador e o consumidor, eventualmente cidadãos. (...) Saber é poder.”*²³¹ Diante disso, é notável a participação de Hester como elemento responsável por apresentar uma nova possibilidade de caracterização do feminino, perceptível somente a partir da opressão e humilhação a que foi submetida, sendo somente capaz de ilustrar um novo modelo de família, bem como de formação moral dos elementos a ela pertencentes. Wollstonecraft aponta esse tipo de acontecimento como uma verdade melancólica, mas ao mesmo tempo uma benção da civilização. Assim como personificado pela personagem, a

229. in Cudd and Andreasen, 2011. p 15

230. Perrone-Moisés, 2007. p 16

231. Bosi, 1992. p 17

opressão geralmente incide sobre as mais respeitáveis mulheres ao longo da história, sendo necessário que elas disponham de um entendimento superior às correntes gerais do entendimento social para que, em razão de serem tratadas como seres desprezíveis, não acabem por se tornar seres realmente desprezíveis.²³²

Longe de ser observada – ou de se observar –, como um desse seres culturalmente autorreconhecidos como desprezíveis, os desdobramentos da vida de Hester Prynne, bem como suas reflexões acerca da visibilidade social da mulher, nos mostram uma personagem cujos propósitos de pareamento entre os sexos são seguidos apesar do preço que se possa ter que pagar. O próprio fato de ter dado o nome de Pearl, pérola, para sua filha, nos mostra o alto valor a ser pago pela personagem ao contrariar os valores puritanos; outro indicador é sua quase desistência dos atributos visíveis de sua feminilidade a fim de que pudesse salientar as características invisíveis do seu ser feminino, o que aproxima ainda mais o romance de Nathaniel Hawthorne dos ideais presentes na citada reivindicação de 1792, na qual fica dito que “*mais respeitável é a mulher que ganha seu próprio pão através do cumprimento de suas obrigações que a mais perceptível beleza*”.²³³ Abandonando sua beleza, Hester chama a atenção do leitor para sua força de caráter e fibra moral, inúmeras vezes salientada pela narrativa, o que estabelece um contraste entre ela e a mulher tipicamente puritana que, “*orgulhosa de sua fraqueza (...) sempre precisa ser protegida, guardada das preocupações e todas as ásperas labutas que dignificam a mente*”²³⁴ Ainda tomando como referência o texto de 1792, Wollstonecraft²³⁵ aponta:

“Se os homens generosamente rompessem nossas correntes e contentassem com um companheirismo racional ao invés de uma obediência escrava, eles nos encontrariam como filhas mais observadoras e irmãs mais afetuosas, esposas mais fiéis e mães mais razoáveis – em poucas palavras, melhores cidadãs. Nós deveríamos, pois, amá-los com afeição verdadeira, porque nós deveríamos aprender a respeitar a nós mesmos; e a paz de espírito de um homem digno não seria interrompido pela vaidade ociosa de sua esposa, nem os bebês enviados para amamentação em peitos estranhos, uma vez que nunca teriam encontrado um lar no seio de sua mãe.

Percebemos que o modelo social que se sugere a partir da narrativa dos conflitos experimentados por Hester Prynne, portanto, vai ao encontro da já antiga, porém atual, reivindicação; entendemos que tanto para a Wollstonecraft quanto para Nathaniel Hawthorne, as lutas sociais devem ser realizadas pela sociedade de maneira abrangente, como um compromisso assumido não somente por aquelas mulheres que mergulham nessa batalha, mas

232. Wollstonecraft in Cudd e Andreassen, 2011. p 16

233. Ibidem.

234. Ibidem.

235. Ibidem. “Proud of their weakness, however, they must always be protected, guarded from care, and all the rough toils that dignify the mind” – Tradução Nossa.

por todas as partes beneficiadas pelas mudanças, incluindo o grupo social masculino; essas modificações, contudo, não afastariam as responsabilidades e papéis sociais essenciais à sobrevivência social já desempenhados pela mulher, algumas com exclusividade, pois as mulheres não deixariam de ser filhas ou executar suas funções como mãe e esposa.

3.1 BORDANDO EM TERRAS INFÉRTEIS

A situação em que Hester Prynne se encontrava logo após sua condenação poderia ser considerada desesperadora mesmo em tempos modernos, em que o acesso a recursos alternativos para obtenção de renda são maiores em razão da dinâmica econômica; em uma economia incipiente como a da Nova Inglaterra, as dificuldades encontradas pela personagem eram ainda mais difíceis, uma vez que as possibilidades de obtenção de recursos financeiros eram bastante limitadas. Para um homem puritano na colônia, que estivesse em uma situação semelhante à de Hester, as opções disponíveis para a geração de renda já não seriam muito variadas; a economia da colônia de Boston e de várias outras cidades próximas, como Salem, cidade natal de Nathaniel Hawthorne e palco de muitos episódios relevantes da história puritana de opressão à mulher e de várias condenações tão aterrorizantes como a narrada em *The Scarlet Letter*, girava em torno, basicamente, da movimentação comercial relacionada ao porto de Massachusetts Bay.²³⁶ Assim, um homem que não estivesse ligado direta ou indiretamente ligado ao movimento comercial do porto, fosse desempenhando atividades braçais como de carga e descarga dos carregamentos vindos nos navios, na administração portuária, ou como uma das partes envolvidas nas transações comerciais, fosse desempenhando cargos públicos, clericais (como ministros religiosos ou Élderes, auxiliares diretos dos ministros responsáveis por inúmeras tarefas relacionadas à comunidade), atividades comerciais de pequena escala – comércio formal, derivado das atividades do porto, ou informal, geralmente relacionado com uma indústria primária) ou fosse desempenhando atividades variadas como as de servos em famílias abastadas, os quais, segundo Johnson,²³⁷ muitas vezes sequer eram remunerados, o que destaca a existência da escravidão mesmo em uma colônia notadamente orientada por princípios religiosos, fato esse também representado em *The Scarlet Letter* na figura do servo do governador Bellingham. Assim, podemos ter uma perspectiva de como a condenação de Hester Prynne e sua filha Pearl tinha vários desdobramentos que facilmente incorreriam no perecimento material de ambas. As

²³⁶. Johnson, 1995. p 33.

²³⁷. Ibidem. p 36.

personagens estavam imersas em uma realidade econômica desfavorecida mesmo para o grupo social dominante, fazendo parte de um grupo social duplamente excluído, uma vez que o grupo social das mulheres puritanas, excluído de uma participação ativa em vários campos da vida social, também as excluía em virtude de que, para aquela cultura, as condutas de Hester destituíam-na dos elementos identificadores daquela classe. Dessa forma, mãe e filha completariam os autos proclamadores da sentença aplicada pelos ministros e magistrados, cuja sentença capital seria executada pelo tempo e pelas condições que a vida na colônia proporcionavam. Diante disso, podemos atribuir uma dupla significação à referência a Anne Hutchinson já na abertura do romance.²³⁸ Primeiramente, em razão de que essa personagem histórica, também excluída, ter sido morta junto de seu marido após um ataque de nativos na colônia de New York, fato esse tratado pelos puritanos responsáveis pela sua exclusão como uma ação da justiça divina.²³⁹ A segunda vincula-se à idéia de transformação presente na trajetória de Hester Prynne; a menção de Hutchinson é feita no primeiro capítulo, *A Porta da Prisão*, momento do romance em que o leitor é introduzido no ambiente puritano em que a obra se desenvolve. Essa apresentação se dá de maneira a proporcionar a visualização espacial dos arredores da prisão de Cornhill, sendo antes de mais nada representados elementos relacionados à restrição de liberdade, opressores e anacrônicos. O povo puritano também é representado nesse primeiro parágrafo; não distante dos elementos físicos opressores e anacrônicos, aparecem anonimamente como uma turba; assim, *The Scarlet Letter*, contrariando todo o colorido que com o passar da narrativa descobrimos no ferrete que dá nome à obra, começa com a representação de um povo marcado por cores fúnebres, cinzas e empobrecidas. Anne Hutchinson, no entanto, é um marco de transição nas descrições amargas do início da obra. Sua presença nos fornece pistas de que transformações serão realizadas por aquele personagem ainda desconhecido, mas que, a esse ponto, já se suspeita ser uma mulher. Essa transformação narrativa fica clara ao observarmos a quebra dessa imagem acinzentada que até então se desenhava pela presença de uma “*roseira brava*”, que floresceu sob os passos de “*Anne Hutchinson, quando esta transpôs os umbrais da prisão;*”²⁴⁰ cria-se, assim, um contraste entre a fúnebre “*negra flor da sociedade civilizada*”, a prisão de Cornhill, e a colorida roseira que uma vez já floresceu diante dos caminhos de uma santa que servirá de modelo para a leitura da personagem que logo será apresentada.

Compreendendo, portanto, que mesmo para os membros do grupo social estruturante da congregação puritana a obtenção de recursos financeiros para o sustento da família não era fácil, o quadro em que a personagem se encontra no início da narrativa se torna ainda mais

238. Hawthorne, 1850. p 56.

239. Baym, 1986. p 64.

240. Hawthorne, 1850. p 56.

problemático; esse caso se agrava quando lembramos a infertilidade do solo em que ela foi lançada após seu banimento. Hester, portanto, se encontra em uma situação em que é obrigada a assumir a liderança de sua família e prover a ela o sustento material e espiritual necessário. Apesar de ter caído no ostracismo geral da comunidade em que vivia, não temos motivos para acreditar que a pecadora não tivesse vínculos anteriores com a religião puritana; sua imigração de Amsterdã aponta para um momento histórico da colonização do Novo Mundo: no século XVII, foram realizadas “*perseguições particularmente severas durante o reinado dos reis Stuart, James I e Charles I*”, perseguições essas que se estenderam do início do século, por volta de 1603, até 1642.²⁴¹ Nesse período,

Praticar qualquer outra religião que não o Anglicanismo era desafiador aos reis da Inglaterra, os quais eram oficialmente considerados os líderes da Igreja. Os puritanos não eram autorizados a se reunir livremente como uma congregação separada; seus ministros eram frequentemente proibidos de realizar pregações e aprisionados por desobediência; e membros puritanos eram algumas vezes submetidos ao cárcere quando eram encontrados, ainda que apenas lendo as escrituras.

Diante de um ambiente tão opressor às suas crenças e práticas religiosas, os puritanos foram obrigados a buscar espaços em que pudessem praticar livremente sua religião; a única alternativa para se ver livre dessa perseguição era partir da Inglaterra. Inicialmente, a travessia para a colônia inglesa na América não lhes era favorável, motivo pelo qual muitos encontraram refúgio em outros países da Europa, como a Holanda,²⁴² e Escócia, onde, apesar deste país ter unificado a coroa com a Inglaterra em 1603, os constantes conflitos políticos entre as lideranças dos dois países limitavam as perseguições aos puritanos.²⁴³

Embora a territorialidade não seja subsídio suficiente para firmar a crença de um indivíduo, a reação do marido de Hester ao chegar à cidade, recém saído do cativeiro entre os indígenas, e vendo sua esposa sobre o cadafalso, condenada pelo adultério do qual ele era a verdadeira vítima, nos mostra os princípios puritanos presentes em sua cultura. No capítulo *O Reconhecimento*, no mesmo instante em que fica sabendo que era considerado morto para aquela comunidade em razão do naufrágio que sofrera, ele toma também conhecimento das penas impostas a Hester; antes mesmo de sabermos que se tratava daquele que posteriormente se autodenominaria Roger Chillingworth, o marido de Prynne assim se pronunciou:

-Sábia sentença! – comentou o estrangeiro, fazendo uma reverência com a cabeça. – Assim ela será um sermão vivo contra o pecado, até que a letra ignominiosa desapareça sob a lápide do seu túmulo. Todavia, revolta-me que o cúmplice do

241. Johnson, 1995. p 32.

242. Ibidem.

243. Trevor-Roper, 2001.

crime não esteja, pelo menos ao seu lado, nesta plataforma. Mas há de ser descoberto! Há de ser descoberto! Há de ser descoberto!²⁴⁴

Dessa forma, apesar de descongregada pela comunidade, a obediência de Hester em relação ao cumprimento das penalidades que lhe foram impostas é justificável em razão de que, independentemente das faltas por ela cometidas, entendemos que sua religiosidade se identificava com aquela defendida pela cultura puritana.

Supomos que em sua ida para a Nova Inglaterra, Hester tivesse recursos suficientes para se manter até que seu marido chegasse após finalizar seus negócios na Europa; assim a dedicação de Hester Prynne à costura e ao bordado era a única opção para obter sustento para si e sua filha. No momento em que se instalam na cabana, passando a tirar dos trabalhos manuais sua fonte de renda, fatos narrados em *Hester e a Agulha*, percebemos que a narrativa se aproxima de outro momento histórico relevante para a Nova Inglaterra; ao final do século XVII, período em que a narrativa se desenvolve, a coroa inglesa iniciou uma série de restrições à autonomia da colônia no que diz respeito aos direcionamentos políticos e econômicos. Isso se deu em virtude do evidente desenvolvimento da economia das colônias da América, em especial a de Massachusetts Bay, que, ao final da primeira metade daquele século, já contava com mais de vinte mil imigrantes, “fazendo de Boston a maior e mais prospera cidade na América.”²⁴⁵ Nesse período, os pioneiros da colonização haviam transferido de Londres para Boston muitas das sedes das companhias marítimas responsáveis pelas movimentações portuárias coloniais; além das companhias inglesas, a *Massachusetts Bay Company*, empresa fundada já na Nova Inglaterra, se destacava no comércio internacional, estabelecendo transações inclusive com países europeus. Esse crescimento chamou a atenção do trono inglês, que viu no desenvolvimento colonial uma boa oportunidade rentável para a metrópole. Assim, “em 1662, a fim de proteger o comércio inglês, o parlamento aprovou os Atos de Navegação, os quais limitavam o livre comércio entre as colônias e a Europa.”²⁴⁶

Esse momento histórico de restrições econômicas por parte da Inglaterra às colônias na América, também expresso na nomeação de governadores indicados pela coroa para exercer as lideranças políticas na Nova Inglaterra, teve um impacto considerável em vários setores da sociedade colonial, sendo especialmente tratado por Nathaniel Hawthorne em *My Kinsman, Major Molineux*. Nesse conto de 1831, o autor descreve a indignação popular diante das medidas reais, resultando na insurreição que, de acordo com Hawthorne, seria merecedora de registro nos anais de Massachusetts por parte de historiadores, tendo em vista

²⁴⁴. Hawthorne, 1850. p 67.

²⁴⁵. Johnson, 1995. p 33.

²⁴⁶. Ibidem. p 34.

os inúmeros atos de desobediência à coroa tomados pelos puritanos, que chegaram até mesmo a aprisionar esses líderes e expulsá-los da colônia “à bala de mosquetes.”²⁴⁷

Acreditamos que esse contexto histórico representado no conto de 1831 pode ser considerado o panorama histórico e econômico vivido pela sociedade puritana na época em que se desenvolve a trama de *The Scarlet Letter*; a referência a esse período é expressa já no capítulo introdutório do romance, *A Alfândega*, quando se afirma que Hester “vivera num período compreendido entre os primeiros dias de Massachusetts e o fim do século XVII.”²⁴⁸ Isso nos indica que qualquer participação da protagonista em uma atividade diversa daquela a que veio a se dedicar seria ainda mais restrita por parte dos grupos dominantes da época, não somente em função dos já tratados múltiplos impedimentos a que as mulheres puritanas estavam sujeitas no campo profissional, mas também em virtude de que os conflitos políticos e econômicos vividos entre a colônia e a coroa inglesa tiveram consequências em todas as áreas da economia colonial. Esse clima de certa instabilidade na vida econômica dos colonos, não retratado diretamente no romance, mas historicamente verificável, podia ser comparado com a situação política vivenciada pelo autor; a obra foi escrita em um período em que severas depressões econômicas afetavam o país, levando inúmeras pessoas a condições desfavoráveis de vida em razão de perdas financeiras.²⁴⁹

É nesse panorama de extrema dificuldade social que Hester Prynne encontra, em seu ofício, uma maneira de artisticamente se contrapor ao perecimento material a que fora condenada. Moradora de uma terra inóspita, Prynne passou a pertencer àquele terreno impróprio para a lavoura, mas fértil para a composição do produto artístico que lhe daria destaque profissional. Esse contraste entre condições materiais, o requinte artístico e a repercussão da sua produção, é outro elemento de aproximação entre o autor e a personagem. Assim como a trama do romance surgiu após um escândalo pessoal de Hester e social em relação à comunidade,

um escândalo político recaiu sobre Hawthorne pouco antes dele começar os trabalhos de *The Scarlet Letter*: seu vínculo administrativo com a Alfândega de Salem, a que tinha sido nomeado independentemente do partido político que estivesse no poder, foi encerrado quando os Liberais venceram os Democratas em 1848. Assim, em 1849, um altamente respeitado homem literário se viu desempregado com uma família para alimentar.²⁵⁰

Observar, portanto, *The Scarlet Letter* de Hawthorne como um trabalho imerso em uma mesma realidade opressora na qual a letra “A” e os demais trabalhos de Hester foram

247. Hawthorne, 1831. My Kinsman, Major Molineux.

248. Hawthorne, 1850. p 48.

249. Baym, 1986. p xiv.

250. Ibidem. p xxiii.

realizados é uma proposta viável; o que também se manifesta nas variadas recepções e interpretações de seus trabalhos. Leituras com orientações religiosas mais rigorosas condenaram a obra tanto pela escolha temática, um casal adúltero, quanto pelo tratamento muito simpático a eles dispensado.²⁵¹ Por outro lado, o romance foi considerado um clássico mesmo antes de ser publicado, segundo um dos sócios da empresa que publicava seus textos, James T. Fields, após ler os manuscritos.²⁵² Fields também destaca a fraqueza de um colorido histórico no romance, salientando os recursos estilísticos do realismo empregado pelo autor como os responsáveis por realçar a qualidade da obra.²⁵³

Essa ausência de um colorido histórico, que entendemos como a representação grandes acontecimentos que serviriam de pano de fundo para a trama, é contrastada pelo colorido dos bordados de Hester Prynne, que nesse aspecto se estabelece para o romance como as cores ausentes no verdadeiro passado histórico da colônia, a começar pelas marcas mais simbólicas e físicas mais representativas de seu pecado/crime. Primeiramente, pelo ferrete a que fora condenada a usar até o fim de seus dias; ao ser encontrado entre as páginas manuscritas pelo antigo administrador da alfândega, esse emblema já se encontrava praticamente sem cor, mas o homem que o achou notou a peculiaridade daquele enfeite na meticulosidade com que foi bordado, representando uma arte admirável incapaz de ser reproduzida na época em que foi localizado. O romance, contudo, recupera as cores dessa marca da infâmia, unindo seu significado simbólico, também experimentado pelo narrador ao colocá-la sobre o próprio peito, ao significado estético de sua construção. Em segundo lugar, temos a pequena pérola de Prynne, sua filha, expressão de seu pecado e um modelo vivo de exposição de sua arte, uma vez que suas roupas, todas confeccionadas pela mãe “*distinguiam-se por uma fantasiosa, ou melhor, fantástica concepção que, embora servindo para lhe realçar o esbelto encontro, desde cedo desenvolvido, parecia ter um significado mais profundo.*”²⁵⁴ Esse significado era reproduzido nas vestimentas às quais a mãe dedicava horas do talento para fazer da filha uma animada analogia entre a letra de sua infâmia e a menina que, não menos do que a letra “A” de Hester, causava espanto à população. Assim, ambas se tornam o que Henry James chamou de singular ponto de cores vívidas em um romance de escuridão extremamente densa.²⁵⁵

251. Baym, 1986. p. xviii.

252. Ibidem. xxi.

253. Ibidem. xiv.

254. Hawthorne, 1850. p 83.

255. in Bloom, 1998. p 27.

3.2 TECENDO A VIDA DOMÉSTICA

Esse quadro opressor acinzentado no qual a trama se desenvolve e a partir do qual a obra foi escrita nos serve para observar a maneira como a protagonista desenvolveu seus negócios comerciais com seu ofício artístico. Apesar de a sociedade estar fortemente ligada a propósitos religiosos que impediam Hester de manter boas relações com a maioria dos congregados puritanos, sua habilidade com a agulha permitiu que fosse capaz de fornecer à comunidade de Boston um produto que nenhum artesão daquela época era capaz de fornecer. A costura “*era – dantes, como agora, a única de que a mulher tem quase a exclusividade,*”²⁵⁶ isso em razão de que, em geral, tratava-se de uma atividade extremamente relacionada ao trabalho doméstico, todo ele sempre realizado pelas mulheres. Essa relação sexuada com a atividade, associada a uma habilidade tão elevada que fazia do símbolo de sua vergonha uma “*amostra de que as damas de uma corte se teriam utilizado com satisfação para acrescentar às vestes de seda e ouro um magnífico e primoroso adorno de talento humano,*”²⁵⁷ não fosse o significado que sua letra carregava para aquela cultura. Desse modo, a costureira encontrou o ambiente propício para o desenvolvimento de uma clientela a partir da vaidade a que os homens e mulheres puritanos se permitiam sem se considerarem pecadores pela sua ostentação.

O que vemos, portanto, é uma opressão que, antes irrestrita a todos os atos da pecadora, se viu limitada pelas necessidades dos grupos opressores em ornamentar-se. A identificação de Prynne como uma costureira e bordadeira de alta qualidade nos é comparável às reações consequentes da identificação de Roger Chillingworth como médico; em condições desfavoráveis também para o tratamento da saúde da comunidade, a chegada do estrangeiro foi celebrada por muitos como uma verdadeira bênção divina, pois eram escassos os recursos médicos e farmacêuticos na época, o que fez com que os conhecimentos de alquimia e os aprendizados conseguidos no período de cativo entre os nativos acerca da manipulação de ervas medicinais fizessem dele um médico talvez até mais qualificado que muitos dos que havia pela Europa.²⁵⁸ Na mesma proporção, embora em nenhum momento celebrada em razão de suas capacidades, Hester habitava uma comunidade retratada desde o começo como vestida, tanto pragmaticamente quanto simbolicamente, de tons pesados e acinzentados. Ela mesmo, a fim de não ganhar nenhum destaque na comunidade, além daquele do qual era incapaz de se livrar, não utilizava nenhum traje elegante ou exuberante: “*vestia-se do pano mais grosseiro e das cores mais tristes. E de enfeites só usava um – a letra escarlata que*

²⁵⁶. Ibidem 255. p 81.

²⁵⁷. Hawthorne, 1850. p 81-82

²⁵⁸. Hawthorne, 1850. p 74.

*estava condenada a usar.*²⁵⁹” Esse destaque na utilização de vestimentas discretas por parte da costureira nos aponta para um relativo apagamento da feminilidade da personagem. Anteriormente descrita como dona de uma beleza exuberante, “*era dotada de uma rica, voluptuosa característica oriental,*²⁶⁰ jovem e elegantíssima,²⁶¹ a partir de sua saída da prisão de Cornhill, Hester Prynne se veste exatamente como se vestiam as mulheres puritanas; exceto pela letra que carregava ao peito e pela beleza, que com o tempo vai se esmaecendo em razão dos sofrimentos por ela vividos, raras passagens da narrativa estabelecem alguma diferença visual entre Hester e as demais puritanas. Entretanto, entendemos que, sendo a costura e o bordado apontados como artes exclusivamete femininas, essas atividades se mostram importantes na expressão da feminilidade para os puritanos; destacar-se nessa arte, portanto, nos aponta para um significado mais completo do que a simples justificativa para a reunião de sua clientela, mas também a expressão de que não havia na colônia uma mulher cuja expressão feminina pudesse ser comparada à capacidade feminina da pecadora.

Esse contraste entre os seres femininos do romance é assim ressaltado a partir de um jogo entre visibilidades e invisibilidades. Como anteriormente destacado, a classificação biologizante da comunidade puritana exigia de Hester o uso permanente da letra “A” sobre as vestes em razão de que, sem ela, a costureira não teria nenhuma marca da diferença, podendo ser facilmente identificada como uma puritana santificada. As vestimentas, por sua vez, retratam claramente tons de solenidade e sobriedade; isso, independentemente dos atos por ela praticados na invisibilidade social, mantinham a mulher dentro de um conceito de constância moral irrepreensível. Dessa maneira, a vestimenta ganha um papel tão importante na classificação social quanto a construção anatômica dos integrantes da comunidade. Considerando a construção de uma mulher puritana extremamente masculinizada ao longo da narrativa, o fato de Hester ter sido disposta no romance como uma mulher de exímia competência em uma área exclusivamente dominada pelas mulheres ganha, assim, um significado complementar: o de que a personagem é também diferenciada das outras por causa de uma feminilidade ímpar na colônia. O bordado, portanto, além de ter um significado importante para sua independência material, também significa a feminilidade perdida nas gerações de matronas que se distanciavam em muitas características daquelas nascidas na Inglaterra; essa disposição simbólica da arte aponta para um tratamento irônico dispensado à pretensão puritana de estabelecimento de um *Visível Reino de Deus*, pois esse princípio norteador da colonização estava fortemente atrelado à construção biológica das sexualidades,

259. Hawthorne, 1850. p 83.

260. Ibidem.

261. Ibidem. p 60.

comportamentos públicos, opiniões e, como vimos, até vestimentas. Ao se travestir de mulher puritana e comercializar os produtos de sua arte, Hester entra em um jogo de visibilidade, assumindo uma postura visivelmente puritana, eliminando todos os elementos classificatórios visíveis que lhe era permitido retirar; além disso, ela alimenta a vaidade puritana com produtos materiais, ornamentos que distinguiram seu portador. Essa distinção visível, entretanto, estava intrinsecamente relacionada a uma de suas principais características diferenciadoras das demais mulheres daquela comunidade, sua invisível, mas sensível feminilidade. Essa sua característica feminina dialoga ainda com a principal característica puritana que lhe fornecia o sustento, a vaidade. Enquanto o ser feminino para os puritanos se expressava basicamente por meio da anatomia e de um comportamento social irrepreensível, a vaidade, ainda que seja uma característica abstrata do ser humano, era expressa visivelmente nos ornamentos fabricados pela bordadeira.

Ao discorrer sobre o romance, Nina Baym²⁶² aponta *The Scarlet Letter* como um ataque à hipocrisia moral puritana; embora essa afirmação tenha vários desdobramentos em que pode ser aplicada, vemos nessa relação entre ostentação e religiosidade um traço destacável dessa hipocrisia. Não colocando em questão a validade ou os critérios de justiça relacionados à condenação de Hester Prynne, a pecadora quebrou valores morais e sociais essenciais à manutenção da ordem e dos conceitos de constância e retidão moral que pairavam sobre a identidade feminina naquela colônia. Seu banimento, como já comentado, teve desdobramentos que, não fosse a fibra feminina que a pecadora possuía e reproduzia em suas produções com a agulha, a condenariam ao perecimento junto de sua filha. Seu trânsito entre os santificados da colônia foi permitido, portanto, simplesmente porque seus serviços eram necessários à coletividade; assim, em razão de habilidades singulares e práticas beneficentes que se tornaram parte de sua rotina, os valores morais por ela quebrados foram pouco a pouco sendo deixados em segundo plano. Nota-se que a necessidade de ostentação, tanto masculina quanto feminina, dos colonos se tornou mais importante que a manutenção do ostracismo social contra a personagem. Essa relevância diante de sua presença entre os puritanos daquela cidade não denotava um perdão às suas ofensas. Muito tempo se deu até que o uso da letra escarlate sobre suas vestes fosse considerado desnecessário, sendo-lhe até solicitada a retirada daquela marca. Sua relativa participação comunitária assim que deixou a prisão se deu, portanto, não em virtude de um relaxamento das suas condenações, ou de uma releitura dos próprios valores que levaram aos seus castigos, mas em razão da influência da citada hipocrisia na rigidez moral puritana.

262. 1986. p xv.

Essa influência, por sua vez, denota um contraste pungente naquele quadro social dominado pelo homem. As características paternalistas daquela sociedade colocavam a mulher em um segundo plano da vida comunitária. Alheio aos papéis atribuídos à mulher, os espaços domésticos eram os únicos em que a mulher poderia atuar distante de uma dominação tão intensa do grupo social masculino, uma vez que, no lar, apenas um homem lhe ditava diretamente as regras a serem seguidas. Com os pontos de uma arte única, Hester penetrou todos os setores da sociedade, marcando todos os aristocratas da época com a sua marca de especial feminilidade, bem como com as marcas do pecado que seus julgadores consideravam tão aviltantes. Suas mãos pecadoras vestiam a vaidade de seus condenadores, distinguiram-nos entre os demais puritanos; na tentativa de apagar a expressão de liberdade feminina na busca por uma autorrepresentação e autodeterminação diante de suas vontades e desejos, os tribunais religiosos e magistrados construíram uma posição de sujeito execrável para Hester, dizendo-a incompatível com o ser mulher puritano; no entanto, a partir das próprias práticas subjetivas, a costureira revestia os grupos sociais opressores com traços de uma identidade feminina que lhe foi negada.

Não vemos a exceção feita à receptividade de seus bordados aos acabamentos dos véus e vestidos de noiva como um sinal da manutenção da rigidez moral daquela comunidade. Como vemos no corpo da narrativa,

não se tem lembrança de um caso só em que Hester Prynne houvesse sido chamada para bordar o véu branco destinado a cobrir os cândidos rubores de uma noiva. E a exceção exprimia o rigor irredutível com que a sociedade execrava o seu pecado.²⁶³

De fato, o pecado de Prynne afetou principalmente um dos mais importantes institutos sociais puritanos, o casamento; essa restrição, contudo, nos aponta para mais um ato de hipocrisia diante dos próprios conceitos históricos-sociais que construíram a congregação. A narrativa nos mostra como os seus trabalhos tinham penetração em fatos relevantes para a sociedade, como vemos em:

as cerimônias públicas e as ordenações, a posse das autoridades, e tudo mais quanto pudesse imprimir solenidade à forma com que um novo governo se apresentava ao povo, eram por política, realçadas num cerimonial imponente e bem ensaiado e numa austera, mas afetada magnificência. Golas profundas, bandas minuciosamente trabalhadas e luvas de esplêndidos bordados, tudo era considerado necessário à imponência oficial dos homens que tomavam as rédeas do poder e facilmente permitido aos indivíduos dignificados pela casta ou pela fortuna – embora os regulamentos santuários proibissem à plebe estas e outras extravagâncias. Também na organização de funerais – fosse para amortalar o cadáver, ou para simbolizar nos múltiplos modelos das vestes de luto e na alvura das cambraias o pesar dos sobreviventes – era frequente e expressivo o apelo à habilidade de Hester Prynne.²⁶⁴

263. Hawthorne, 1850. p 82.

264. Ibidem.

Diante disso, percebemos que não havia restrições aos seus trabalhos em situações vinculadas à demonstração do poder por parte da classe dominante. Excetuando-se a morte, acontecimento natural que não poupava nem mesmo os plebeus e as mulheres, todos os outros momentos de destaque social em que as habilidades de Hester eram solicitadas estão relacionados ao grupo socialmente estruturante, gerente dos direcionamentos identitários da congregação. Isso fica bastante claro quando destacamos do texto as palavras que determinam os momentos de maior aplicabilidade da arte de Hester eram cerimônias públicas e ordenações, todos repletos de magnificência e imponência oficial dos homens que tomavam as rédeas do poder, homens de casta ou fortuna. Todos os momentos sociais em que sua arte era mais evidente têm conexão com a expressão da autoridade masculina. Não atrelamos esses casos públicos a uma expressão autoritária necessariamente exercida pelo homem exclusivamente sobre a mulher, mas fica evidente que tais solenidades estão relacionadas a um poder atribuído exclusivamente ao homem. É nessa expressão de poder masculino que identificamos a influência da hipocrisia moral na restrição de que seus trabalhos fossem vistos nos véus das noivas. A narrativa não se refere à ausência de seus bordados e costuras nas cerimônias matrimoniais, ou nas vestes do noivo – essa vedação se dá nesse artefato simbólico que vela os olhos da noiva. Como afirmamos anteriormente, a cultura puritana exigia que a mulher desenvolvesse suas atividades domésticas cuidando de suas coisas e deixando que o homem fosse o véu que lhe cobria os olhos;²⁶⁵ dessa forma, o homem representava um meio através do qual a mulher deveria enxergar o mundo. Essa percepção universal por meio do homem fica bastante clara ao lembrarmos dos escritos de Anne Bradstreet, a qual chega a representar seu marido utilizando a expressão “*Meus Olhos*” (Bradstreet, *Letter to her husband*). Sendo assim, apesar das faltas de Hester Prynne terem implicações inegáveis nos valores atribuídos por aquela cultura ao casamento, acreditamos que o motivo da aplicação dessa restrição aos véus das noivas se dá em virtude de que os significados do adultério de Prynne se vinculam diretamente ao autorreconhecimento por parte da personagem de sua capacidade de ler o mundo ao seu redor independentemente de um marido para lhe guiar. Diante dos limites de autoridade impostos também para os homens distantes das posições sociais responsáveis pela tomada de decisão, o casamento era, portanto, o único momento em que todos os homens poderiam assumir o exercício pleno de sua autoridade, pelo menos no âmbito da família do qual era a cabeça. Hester simbolizava a oposição à nomeação de um cabeça familiar baseado unicamente em fatores biológicos; um véu colocado diante de uma mulher que estaria prestes a mergulhar em um mundo de

265. Gouge apud Leites, 1986. p 29.

submissão ao marido poderia proporcionar à noiva a percepção de que ela é capaz de assumir a liderança, ser a cabeça, prover materialmente a família, subverter o paternalismo histórico que construiu a colônia. A prova material de que essa libertação da opressão era possível estaria ali, bem diante dos seus olhos, possibilitando-lhe a percepção do casamento por um ponto de vista diferente daquele apresentado por um passado histórico e cultural comum às mulheres puritanas, inclusive Hester Prynne.

Dessa forma, a ausência de registros da requisição dos trabalhos de Hester na confecção e acabamento de artigos destinados às noivas se deve em virtude da necessidade de manutenção do poder androcêntrico naquela cultura, manutenção essa que se expressa de diversas formas, mesmo em construções simbólicas de rituais religiosos presentes nas tradições inventadas. Ao mesmo tempo, esses apontamentos nos indicam duas possibilidades de interpretação da ausência de registros. Primeiramente, entendendo como uma proibição não expressa, mas praticada no interior da cultura, o que nos mostra o medo dos membros da comunidade em relação a influência de um pensamento subversivo penetrando a vida comunitária, denotando, assim, a consciência da fragilidade daquela cultura. Por outro lado, podemos também entender esse fato como um ato involuntário, em que a negação das mulheres em aceitar que Hester lhes arrematasse os véus se deveriam simplesmente a resquícios da ofensa moral da qual todas as mulheres congregadas eram também vítimas. Considerando essa possibilidade, detectamos, então, elementos de uma representatividade feminina reprodutora dos discursos masculinos que dedicavam à mulher uma postura moral irrepreensível; dessa forma, a mulher puritana estaria se comportando de acordo com uma mulher puritana construída pelos homens puritanos para si, subserviente ao seu comando e incapaz de se reconhecer em sua feminilidade senão guiada pelo seu cabeça.

Ao percebemos que a exceção feita a tais trabalhos “*exprimia o rigor irreduzível com que a sociedade execrava o seu pecado*”, compreendemos que esse repúdio se dá em razão de que a atribuição de significados às faltas extrapola a mera quebra de valores associados ao casamento e à mulher puritana. Entendemos que o ataque a que Baym se refere se dá também na hipocrisia com que as relações matrimoniais eram estabelecidas dentro do puritanismo. Observando as condições em que o casamento de Hester estava baseado, constata-se que a união entre ela e Roger Chillingworth foi sacramentada sem se considerar se havia ou não afetividade entre as partes. No primeiro contato entre esposa e marido após a exposição pública da personagem sobre o cadafalso, Hester declara que nunca nutriu nenhum sentimento amoroso pelo seu esposo. Ao admitir esse fato, Roger expõe o seu posicionamento em relação

ao casamento que mantinha descrevendo-o de uma maneira bastante utilitarista. Nesse momento, sua fala se constrói a partir de um modelo puritano de casamento em que os sentimentos mútuos são irrelevantes para a união; para Chillingworth, o casamento não passava de uma oportunidade para se servir de um carinho que sua vida entre os estudos não lhe permitia. Segundo ele, antes dessa comunhão seu coração era *“uma casa grande, para muitos moradores, e, no entanto, vivia deserto e frio, sem nenhuma lareira.”*²⁶⁶ A partir disso, notamos que o papel de Hester em seu casamento era apenas o de uma moradora responsável por amenizar o frio que o vazio da solidão criava; e isso Roger chama de uma idéia de amor que não lhe pareceu louca, *“mas uma benção lançada para que toda a espécie humana recolhesse, e que também podia ser”* sua. Na visão de Roger, portanto, a consagração de uma união cristã se dava como um direito natural a ser usufruído independentemente de qualquer motivo pessoal comum entre homem e mulher. Ao dizer *“e por isso, Hester, eu te trouxe para meu seio, para o mais íntimo dele, e pensei te aquecer no calor que lhe emprestavas,”*²⁶⁷ o médico assume uma postura central no matrimônio, tal qual o “Sol” na representação do marido de Bradstreet. Embora, ao se reconhecer também culpado pela falência do seu casamento, Chillingworth se mostre também partícipe do adultério do qual foi vítima, fato esse que creditamos ao seu diferenciado esclarecimento de sábio, sua determinação em aquecer a esposa no calor que dele emanava nos mostra um sinal da fragilidade de suas relações conjugais. Isso autoriza Hester a sair em busca do calor que verdadeiramente a aqueceria quando o casamento não fosse mais um impedimento material para sua felicidade. Visto a partir dessa perspectiva, o discurso do Reverendo Wilson, feito na tentativa de arrancar de Hester o nome do seu cúmplice no adultério, ganha novo sentido. Segundo ele, *“a vergonha está na perpetração do pecado, não na sua confissão.”*²⁶⁸ dessa forma, perpetrar uma falta contra si mesmo, na qual a mulher teria mesmo sua identidade formatada pelas considerações do marido, seria, pois, um motivo de vergonha; essa, acreditamos, representada pela manutenção de um modelo matrimonial cujos propósitos eram guiados por parâmetros que favoreciam unicamente o homem. A quebra de Prynne com esses parâmetros denota uma libertação tanto dos modelos rigidamente construídos no passado histórico e religioso dos puritanos, quanto com o modelo feminino puritano. cremos que a limitação do seu trabalho quando o assunto era o véu das noivas está diretamente relacionado à ameaça à perpetração desse modelo feminino puritano carente de voz, de subjetividade cerceada e ditada pelo autoritarismo masculino e submissa à visão masculina para observar e interpretar o universo que a cerca. Deixar que Prynne estivesse diretamente ligada a esse elemento simbólico de um

266. Hawthorne, 1850. p 76.

267. Ibidem.

268. Ibidem. p 69.

ato religioso de extrema importância para a reprodução do poder hegemônico masculino significaria, portanto, permitir à mulher a sugestão de uma autonomia possível, ou, no menos severo dos casos, à percepção de si como um indivíduo portador de subjetividades, independente do marido para alcançar a compreensão do mundo e das escrituras, e não necessariamente dependente do marido no plano material. Uma mulher puritana que pudesse alcançar esse esclarecimento seria também uma ameaça à estrutura social puritana, pois poderia se dar conta de que seu casamento estaria falido desde a origem, como estava aquele entre o médico e a costureira. O posicionamento dos puritanos contra a participação, ainda que simbólica, de Hester nesses ritos matrimoniais aponta, como afirma Bauman, para uma *“tentativa séria e desesperada, ainda que mal orientada, de encontrar um modo de proteger-se dos ventos”* capazes de balançar as estruturas dos *“muros carcomidos”* desse Estado cuja soberania está sediada exclusivamente no poder masculino e seu monopólio religioso que, a partir desses apontamentos, acreditamos estar em processo de erosão desde o princípio da colonização.²⁶⁹

Todas essas afirmações nos levam a acreditar que as marcas identitárias²⁷⁰ depositadas sobre Hester e todas as construções de posição de sujeito que lhe foram determinadas atuaram de maneira bivalente, pois de seu ferrete tirava as marcas com que a própria sociedade puritana passou a se identificar. Hester passou a ser associada diretamente à marca que eles mesmos lhe atribuíram, no entanto, esse era também o símbolo de sua liberdade, de sua cidadania desterritorializada em que as leis e o governo eram estabelecidos somente por ela, para ela e para sua filha, de acordo com as reais necessidades de sua microsociedade, uma microdemocracia em que mesmo uma infante era capaz de se representar, de se expressar, de ser ouvida e interferir nas decisões daquela que detinha o poder para gerir. Uma democracia alegorizada, contrastante com a puritana em máximo nível, pois além de ser do sexo feminino, Pearl era uma criança.

3.3 A ARTE LIBERTADORA

Apesar da infantilidade, Pearl tem características que a diferem das demais crianças puritanas; e é justamente a partir de sua especial capacidade de percepção que identificamos uma peculiaridade do relacionamento entre integrantes da comunidade puritana de Boston e as letras escarlates de Hester. Esses símbolos não apenas a diferenciavam das demais

269. Bauman, 2005. p 62.

270. Woodward in Silva, 2009. p 14.

mulheres, mas serviam também de elementos identificadores sem os quais sequer a própria filha a reconhecia; um momento chave para entendermos a relação de identificação de Hester com seu pecado e os seus significados para seu reconhecimento como indivíduo feminino independente dos modelos de mulher puritana construídos pelo patriarcado é o passeio que mãe e filha dão pela floresta nos arredores da cidade a fim de encontrarem Arthur Dimmesdale.

Logo ao entrarem na floresta, a pequena nota que quanto mais adentro se metem pelas matas, menor é a luminosidade do ambiente em que estão; o diálogo que se estabelece entre mãe e filha em razão desse fenômeno é bem revelador em relação aos significados da letra (e de si) para a mãe e para as transformações sociais necessárias à sociedade:

- Mamãe- notou Pearl-, a luz do sol não gosta de ti. Foge e se esconde, porque teme qualquer coisa no teu seio. Agora vê! Lá está ela, brincando a uma boa distância. Fica, eu vou correr para pegá-la. Eu sou criança. Ela não fugirá de mim, porque eu ainda não tenho nada no peito.

-E não terás nunca, assim o espero! –disse Hester.

-E por que não, mamãe? –perguntou detendo-se logo no começo da carreira. - Quando uma mulher cresce não procede conforme gosta?²⁷¹

Nesse recorte do discurso de Pearl, percebemos que a letra suporta uma significação diferenciada em relação aos propósitos iniciais de seu uso, determinados pelos clérigos e magistrados. Apesar de a menina reconhecer que a letra mergulhou sua mãe em uma atmosfera em que a escuridão lhe servia praticamente como única companhia, principalmente em virtude do ostracismo a que foi lançada pela comunidade, a menina também atribui ao signo uma marca de libertação da mulher em relação às opressões que pousavam sobre as demais mulheres. Aquela marca da diferença era notada não somente pelos habitantes e pessoas que passavam por Boston, mas também pela criança. Acostumada desde seus primeiros dias a observar a mãe como a única portadora daquele sinal, embora não compreendesse os motivos causadores de seu porte, a menina era capaz de reconhecer na marca uma diferença significativa entre sua mãe e as demais puritanas que habitavam a cidade. Estando sujeita à diferenciação social, os mecanismos de classificação daquela sociedade operavam diretamente no exercício de todas as suas atividades comunitárias, fazendo com que essas diferenças fossem vividas diretamente no seio das suas relações sociais;²⁷² tais relações de Hester com a comunidade eram sempre testemunhadas pela sua

271. Hawthorne, 1850. p 163.

272. Woodward in Silva, 2009. p 14.

filha, “*que embora de presença inconveniente, era a companheira indispensável em todas as expedições da mãe*”²⁷³” Dessa forma, Pearl visualizou todos os momentos em que a mãe conflitou os grupos dominantes do puritanismo. A exemplo disso, lembremos que o diálogo acima acontece após a visita da costureira ao palácio do Governador Bellingham, momento em que Hester Prynne desafia os poderes públicos, contrariando a vontade de alguns políticos e clérigos de retirar dela a guarda da criança, que é assim por ela contestada:

-Sei ensinar à minha pequena Pearl o que aprendi com isto! –retorqui Hester Prynne, apontando com o dedo para a letra. (...) Este emblema tem me ensinado, ensina-me diariamente, está me ensinando neste instante lições que minha filha aprenderá mais e melhor do que eu, uma vez que, para mim, elas não podem ter mais nenhum proveito.²⁷⁴

A partir desses conflitos e contestações, percebemos que Pearl observou em Hester um verdadeiro exemplo, no qual a letra funciona como um elemento de diferenciação responsável por proporcionar liberdade suficiente para permitir que “*uma mulher que cresce*” aja conforme sua autodeterminação.

Nesse momento, a narrativa nos mostra uma relação entre mãe e filha que vai ao encontro dos modelos puritanos de liderança familiar. Tal como um homem deveria ser representado e compreendido por sua família, Hester aparece no discurso de Pearl como a responsável por lhe mostrar os caminhos a serem seguidos; é fato que os caminhos pelos quais a menina estava seguindo não eram exatamente os da salvação da alma, tal qual os puritanos preconizavam, mas sim do que podemos chamar de uma salvação moral feminina, na qual a mulher é capaz de agir conforme seu próprio discernimento, alheia aos véus paternalistas através dos quais a cultura em que estava inserida obrigavam-na a enxergar o mundo.

Percebemos que, ao contrário de qualquer outra pessoa na colônia, inclusive Hester, Pearl desejava portar aquela letra em razão dos significados por ela atribuídos àquele sinal. No trecho acima destacado, percebemos uma menina consciente das possíveis consequências a serem enfrentadas em razão de portar essa letra libertadora; ainda protegida pela sua infantilidade, a menina pode correr atrás da luz, sem que essa luz tenha medo, pois ela ainda não carrega a letra. Para ela, crescer e se libertar significa enfrentar a escuridão que ela mesma tem testemunhado sua mãe combater diariamente. Nesse momento da narrativa, torna-se clara a construção de Pearl como uma personagem alegórica simbolizando uma mulher em

273. Ibidem 271. p 162.

274. Hawthorne, 1850. p 103.

formação. Para nós, mais do que simplesmente um alter ego da sua mãe, como aponta Nina Baym,²⁷⁵ a menina simboliza uma mulher puritana autorrepresentada, marcada como a mãe desde o nascimento, e também vítima das opressões paternalistas e religiosas da comunidade, mas livre das amarras que a faziam pertencer àquele mundo em que viviam. Assim como a letra para a mãe, sua infantilidade é o passaporte que lhe permite transitar pelos ambientes que o pecado e as demais marcas sobre ela depositadas pela cultura puritana impediam sua mãe de alcançar. Enquanto Hester estava limitada por todas as proibições que a comunidade puritana lhe havia imposto, Pearl, embora também sujeita às mesmas penas de sua mãe desde o princípio, não era regulada pelas estruturas de controle puritano que constituíam sua mãe como um objeto de repulsa.

Diferentemente do restante dos personagens presentes no romance, para a menina a letra consiste em um objeto de desejo; distante do significado original atribuído ao símbolo, a fala da personagem contrasta com as falas que abrem o romance. Nascida na Nova Inglaterra, o comportamento e a opinião da menina não estão de acordo com aqueles descritos como naturais das matronas nascidas na América; observando as mulheres em *A Praça do Mercado*, entendemos que Pearl aparece como uma construção de mulher oposta às puritanas julgadoras autoconstituídas, anônimas e sem voz do início da narrativa. Dessa maneira, observamos a expressão da feminilidade de Hester, aquela que ela introduz inigualavelmente em suas produções artísticas, também expressa em sua filha; sua sensibilidade artística, contudo, ganha proporções que ultrapassam a estética de seus trabalhos. Tal como a menina é simbolicamente observada pela comunidade como a letra escarlata vivente, e por sua mãe como causa e consequência do pecado, ela acaba por representar a feminilidade esmaecida de sua mãe, forçadamente apagada num ato de abnegação para a conquista de seus propósitos.

A identificação entre Hester e o símbolo de seu pecado é tamanha que sem ela a costureira é desprovida da identidade feminina que desenvolveu ao longo da trama. O discurso de Pearl evidencia a relação da personagem com a marca a ela atribuída socialmente; no passeio pela floresta, encontramos o único momento em que a pecadora se livra de todas as marcas visuais que lhe furtavam a feminilidade; solta seu cabelo, deixa sua beleza rejuvenescer perante seu amado e desata o laço que prende a letra ao seu vestido, arremessando-a para a margem de um riacho que cortava a mata. Esse momento emblemático no romance evidencia a ausência de espaços sociais em que ela pudesse se expressar como a mulher biológica carregada de uma beleza de traços orientais, como descrita por Hawthorne. Nesse trecho a narrativa aproxima o casal de amantes de uma utopia de felicidade, tal qual o ideal utópico de construir na Nova Inglaterra um *Visível Reino de Deus*, pois Prynne e Arthur

275. Baym, 1986. p 57.

tramam um plano de fuga da colônia a fim de viverem o amor sufocado durante aqueles sete anos de martírio. Após um diálogo que parece convencer o reverendo de que a fuga seria o caminho mais viável para a realização de ambos, ainda sem portar a letra, Hester chama Pearl para que ela percebesse que a paternidade dela deveria ser atribuída a Dimmesdale; nesse momento de tensão, entretanto, Pearl se vê como que possuída, debatendo-se em uma convulsão frenética como se não reconhecesse sua mãe do outro lado do riacho. Hester atribui essa reação da criança à diferença na aparência que ela teria sofrido naquele pequeno espaço de tempo passado na floresta, revelando a Arthur:

-Sei o que a está afastando- cochichou Hester ao pastor, tornando-se pálida a despeito do esforço para esconder a perturbação e a contrariedade. -As crianças não suportam a mais leve transformação no aspecto das coisas que tem o costume de ver diariamente. Para Pearl, está faltando qualquer detalhe que ela sempre me viu usar²⁷⁶

Assim, recolhendo a letra escarlata da beira do riacho e recolocando-a sobre suas vestes, o diálogo que se segue é significativo para compreendermos quão intensa era para a menina a identificação entre sua mãe e a principal marca identitária que ela carregava:

-Agora reconheces a tua mãe, minha filha? – perguntou, repreensiva, mas num tom discreto. – queres atravessar o regato e voltar a pertencer à tua mãe, agora que ela tem sobre si a vergonha, agora que ela está triste?
-Sim! Agora irei! – respondeu a menina saltando o córrego e abraçando-a. – Agora és minha mãe! E eu sou a tua pequena Pearl!²⁷⁷

A partir disso, percebemos que a diferenciação estabelecida pela marcação social se retrata também na caracterização do papel social desempenhado pela costureira para a própria filha. Esse diálogo é significativo, uma vez que a retirada do símbolo se deu em um momento em que a costureira estava disposta a abandonar a colônia, o que acarretaria no abandono de todos os significados construídos sobre a letra e sobre ela mesma. A identidade feminina que Hester bordou ponto a ponto com seu sofrimento e sua arte seria, assim, deixado no passado.

A menina, cuja experiência como indivíduo era tão marcada pela comunidade puritana quanto a mãe, revela claramente seu fascínio pela letra que a mãe carrega sobre o peito; para Pearl, criada em um ambiente em que o papel masculino é irrelevante para sua formação moral, percebe na letra uma significação que para os demais habitantes da Nova Inglaterra parecia impossível. Nem mesmo Hester a desejava usar, no entanto a pequena menina chega a reproduzir o sinal do pecado em seu próprio peito. Após uma conversa pela praia com Roger Chillingworth, mãe e filha se encaminham para a floresta a fim de revelar a Arthur a identidade do médico com quem ele morava. Nesse trajeto, percebe-se uma íntima

²⁷⁶. Hawthorne, 1850. p 185.

²⁷⁷. Hawthorne, 1850. p 186

relação entre a menina e a natureza; ornamentando-se com flores e ervas marinhas que colhia pelo caminho. Sendo a arte produzida por Hester Prynne diretamente proporcional a sua feminilidade, vemos que identidade feminina construída pela personagem ao longo do romance vincula-se ao seu bordado e a sua costura; nesse aspecto, Pearl aparece como herdeira desses dons maternos e, por associação, também dos significados atribuídos à letra:

“Herdara da mãe o dom de inventar enfeites e vestidos. Para arremate do traje de sereia, arrancou um pouco de capim-enguia e compôs, o melhor que pôde, no próprio seio, o emblema que tanto se acostumara ver em Hester. Uma letra – a letra “A” – mas virentemente verde, em vez de escarlate! Olhou para o peito e contemplou o enfeite com estranho interesse, como se só tivesse vindo ao mundo para compreender o seu significado oculto²⁷⁸

A compreensão desse significado oculto é algo que, àquele tempo, nem mesmo Hester era ainda capaz de ter. Nossa visão de Pearl como a alegoria de uma mulher em formação, mas sujeita a valores e oportunidades diferentes daqueles aos quais as mulheres puritanas estavam expostas, se fortalece ao observarmos que a obscuridade desse significado poderia ser vista apenas em um ser criado e desenvolvido fora dos limites em que o paternalismo puritano poderia alcançar. Ainda que sujeita também à opressão, seu convívio diário naquele terreno tão inóspito com sua mãe colocou em questão os elementos sagrados da cultura puritana. Ao ser indagada sobre o sentido daquela letra “A” verde que pusera sobre o peito, imediatamente a menina relaciona a marca de sua mãe com os motivos pelos quais o reverendo Dimmesdale sempre caminhava com a mão sobre o coração. Assim como não era capaz de reconhecer os sentidos profanos inicialmente atribuídos à marca da mãe, também era incapaz de reconhecer a sacralidade daquele homem tão adorado pelos membros da comunidade. A nítida separação entre o sagrado e o profano é, segundo Nunes,²⁷⁹ um elemento essencial à constituição das religiões, bem como das sociedades. Segundo a autora, essa relação social maniqueísta também se manifesta no campo das sexualidades e na forma como cada indivíduo se representa e é representado sexualmente na sociedade em que vive. Embora o discurso de Nunes esteja baseado em relações sociais e religiosas posteriores ao período em que a obra está situada, acreditamos que o sistema opressivo descrito por ela não se distancia daquele representado no romance. Como aponta em seus estudos, citando Durkheim que, em sua obra *As formas elementares da vida religiosa* propôs tal separação entre o sagrado e o profano como elementar, essa sacralidade era sempre relacionada ao masculino, só o homem era capaz de ser portador do sagrado, protagonizando as crenças e os ritos por meio dos quais as relações entre as pessoas são criadas e, consequentemente, a

278. Hawthorne, 1850. p 158.

279. in Hirata, 2009. p 215.

própria sociedade. O profano, por sua vez, é diretamente relacionado à mulher em razão da sua natural incapacidade de portar uma força criadora, sendo como que automatizadas, devendo se limitar às tarefas cotidianas e repetitivas.

Segundo Nunes “*ritos e crenças devem contribuir para manter o mundo ideal dos homens separado do mundo das mulheres.*”²⁸⁰ Assim percebemos que sistemas religiosos sexualmente segregadores, como o Puritanismo e o modelo maniqueísta apontado por Durkheim, como responsáveis por criar uma sociedade em que os mundos são distanciados apesar da inexistência de fronteiras físicas. No caso de *The Scarlet Letter*, a costureira e sua filha estavam distanciadas fisicamente do mundo puritano, mesmo porque foram dele expulsas. No entanto, essa separação clara entre o mundo ideal masculino e o mundo das mulheres nos aponta para divisões internas na congregação, nas quais as mulheres estão condenadas a uma modalidade de exclusão que consideramos mais intensa que a da nossa protagonista, pois Hester se sabia excluída e, a partir disso, se estabeleceu na cabana em que construiu um lar alheio às ordens de uma cabeça masculina. Assim, sua exclusão formal livrou-a da submissão cotidiana que teria se estivesse subordinada a um homem.

Dessa maneira, o contexto opressivo e estigmatizado de *The Scarlet Letter* e da comunidade feminina puritana nos remete à questão levantada por Judith Butler²⁸¹ sobre a existência de “*uma região ‘especificamente feminina’ em que essa seja diferenciada do masculino, reconhecida como tal nessa diferença através de uma presumida universalidade de ‘mulher’ ausente de marcas*”. Entendemos que essa região questionada por Butler existe, no entanto não da forma desmarcada como propõe a autora; percebe-se que o único motivo para que Hester consiga fazer daquele terreno impróprio para a lavoura sua região de liberdade do sistema opressor puritano, ainda que por ele banida para essa região, é o fato de estampar sobre o peito a marca do seu pecado. Como aponta ainda a autora, a constituição social binária masculino/feminino é responsável pela constituição de uma noção de identidade singularmente equivocada.²⁸² Hester e Pearl, entretanto, eram personagens de um modelo social em que esse sistema binário masculino/feminino não era evidente. Passava a existir somente no momento em que transitavam pelas ruas de Boston, mas não na sociedade que criaram para si. Dessa forma, a identidade feminina marcada se constrói a partir de uma relação em que a sexualidade biologizante não têm um papel preponderante. As próprias marcas estão relacionadas a uma outra sociedade, um mundo vizinho ao qual tinham acesso, mas a que não pertenciam.

280. Nunes in Hirata, 2009. p 215.

281. in Cudd and Andreasen, 2005. p 147.

282. Ibidem.

Esses dois mundos entre os quais as personagens transitavam eram opostos pela natureza da representação feminina. Enquanto a terra devastada em que Hester e Pearl viviam oferece uma possibilidade de autorrepresentação, os ambientes urbanos paternalistas se mostram opressivos. A narrativa nos mostra que, além da cabana, os locais onde as personagens podem executar sua subjetividade, bem como serem observadas como mulheres dotadas de voz e opinião próprias, sem que seus discursos sejam avaliados e julgados pelos administradores do patriarcado puritano, sempre são distantes da comunidade. Ao longo do romance, vemos a expressão discursiva das personagens femininas alheias ao aval puritano somente em locais como a floresta, a praia ou a prisão, em que o desenrolar narrativo se dá unicamente a partir de diálogos descontextualizados da sociedade. Os personagens masculinos presentes nessas oportunidades, por sua vez, se alternam entre Roger Chillingworth e Arthur Dimmesdale, não havendo espaço para que mãe e filha expressem sua subjetividade perante outros puritanos.

Como vemos no capítulo *O Palácio do Governador*, todos os momentos em que Prynne e sua menina se expressam são avaliados pelo discurso de um dos representantes do Puritanismo. Mesmo a inocência sagaz do discurso de Pearl é colocada em questão pelos homens do poder ali presentes; a composição desse grupo, inclusive, é bastante representativo para inferirmos como as relações entre os gêneros se executavam diferentemente de acordo com os ambientes em que eram detectados. No palácio, encontramos o Governador Bellingham, figura mais representativa do poder executivo daquela colônia, Roger Chillingworth, o portador do maior conhecimento científico no romance, o velho Reverendo Wilson, principal inquisidor religioso da pecadora sobre o cadafalso, e Arthur Dimmesdale, que tanto no plano prático quanto na função de juiz espiritual no *Visível Reino de Deus*, teve um breve, mas essencial “*papel na degradação de Hester Prynne*.²⁸³” Lembremos o motivo da visita das personagens ao palácio, discutir sobre a manutenção da guarda de Pearl por sua mãe, questionada em razão da suposta incapacidade moral de Hester em educar adequadamente a menina. Esse momento de evidente conflito para as personagens representa não somente um momento em que as faltas cometidas pela costureira e suas possíveis consequências no futuro da comunidade estão sendo novamente apreciadas, mas uma verdadeira disputa entre o discernimento e capacidade de autorrepresentação feminina, pois todos os personagens ali presentes atuam também simbolicamente nas estruturas de poder da colônia, bem como nas raízes culturais do Puritanismo. Temos ali reunidos o Estado e a Igreja, não fundidos em suas influências mútuas, como apontado no início da narrativa, mas também co-habitantes daquele espaço físico em que o poder é representado. Temos ainda o

283. Hawthorne, 1850. p 102.

poder jurídico, cuja subordinação aos outros dois é evidente em razão da impossibilidade de diferenciá-los. Por último, a figura que consideramos mais emblemática na representação do cabeça familiar masculino; apesar de serem poucas as referências a Roger como o líder do casal que formava com Hester antes do início do romance, a fragilidade física do personagem contrasta com seu alto desenvolvimento intelectual. Entendendo o médico como a principal vítima do adultério de Hester e Arthur, consideramos sua relevância como marido em razão de que ele pode ser observado simbolicamente como uma cabeça sem corpo, afinal, toda a trama se desenvolve a partir de um ato atentatório ao seu status masculino e de marido, bem como ao seu direito de se exercer como o guia de sua esposa; nessa relação simbólica, podemos atribuir a Hester nesse momento a imagem de um corpo sem cabeça, condenada espiritualmente e juridicamente e tolhida de representatividade democrática.

A opressão à feminilidade de Hester fica bastante evidente diante desse conflito em que todos os poderes do patriarcado puritano estão ali representados. Como dissemos anteriormente, a letra escarlata é a principal marca da feminilidade de Hester; dessa forma, o conflito que viríamos a observar naquele palácio masculinizado seria realizado exatamente na divisão binária masculino/feminino. Pearl desempenha uma função importante nesse conflito simbólico, pois sendo ela a manifestação física do pecado de sua mãe,²⁸⁴ e vestida de maneira a se assemelhar ao símbolo, a menina representa naquele momento a feminilidade de sua mãe expressa por meio de sua arte. Dessa maneira, portanto, um novo significado é agregado à tentativa puritana de retirar Pearl de sua mãe; uma vez que a letra, a menina e a expressão da feminilidade de sua mãe estão conectadas simbolicamente, afastar Pearl e Hester nos parece uma tentativa de furtar da costureira os elementos que a diferencia das demais mulheres, retirando-lhe o dom que lhe é exclusivo.

Entendemos a cena na residência do governador como uma reencenação de *O Reconhecimento*, pois, da mesma maneira, todos os poderes do patriarcado puritano estavam reunidos para as demonstrações de repúdio aos atos de Hester. Naquela oportunidade, o Reverendo Wilson foi um dos principais responsáveis pela inquirição da pecadora, fato esse que se repete no palácio. Dessa vez, no entanto, o alvo do interrogatório não é a pecadora, mas a causa e consequência do pecado, a pequena Pearl. O discurso masculino presente nesse momento, entretanto, enaltece a característica exótica da menina, demonstrando a feminilidade que ela representa como um elemento ausente na colônia, como vemos nas palavras do próprio Governador Bellingham:

284. Thickstun, 1988. p 138.

-O que temos aqui?! (...) Juro que nunca vi uma coisa assim, desde meus tempos de elegância, na época do velho Rei Jaime, quando eu considerava um alto favor ser admitido em um baile de máscaras na Corte! Lá costumava aparecer um enxame dessas pequenas visões, que nós chamávamos filhas do Senhor de Confusão²⁸⁵

O caráter remoto e anacrônico de uma figura coloridamente feminina como a da pequena Pearl fica evidente quando observamos no discurso palavras que fazem alusão direta à Inglaterra, como “lá” e “a época do Rei Jaime”; não simplesmente pelo fato de que a corte tinha sua sede na Europa, pois a época a que se refere o Governador é anterior à travessia de 1620, tendo em vista que o reinado de Jaime I foi iniciado em 1603. Além disso, a característica religiosa da Nova Inglaterra era avessa a práticas como bailes de máscara, o que nos permite afirmar o deslocamento discursivo do personagem para um ambiente igualmente referenciado em *A Praça do Mercado*, capítulo em que o narrador nos apresenta as mulheres puritanas como femininamente enfraquecidas, se comparadas às do Velho Continente. O contraste entre essas mulheres separadas pelo Oceano Atlântico também pode ser visto na fala do Reverendo Wilson, indo, contudo, além de demonstrações de espanto, alcançando significações diretamente relacionadas à identidade da criança e suas relações religiosas, como vemos na citação a seguir:

-É verdade! (...) Acho que já vi figuras inteiramente iguais, quando o sol brilhava através de um vitral ricamente colorido e reproduzia no chão imagem de ouro e carmesim! Mas isso foi lá na outra terra! Querida jovem, quem és tu, e que moléstia deu na tua mãe para que ela te vestisse desta esquisita maneira? És cristã, hein? Conheces o catecismo? Ou és um daqueles gênios ou fadas que julgamos ter deixado para trás com outras relíquias do papismo, na velha e jovial Inglaterra!²⁸⁶

Nas palavras do Sr. Wilson, essa mesma referência à feminilidade como um artigo distante da Nova Inglaterra aparece de maneira mais intensa que anteriormente. A imagem criada compara a menina à luz que recriava no solo cores iguais às do seu traje, bem como as mesmas cores da marca que sua mãe carregava sobre as vestes. As comparações por ele feitas nos mostram a aversão religiosa daquela cultura pelo belo, uma vez que suas palavras retratam um corpo cheio de brilho em que podemos visualizar uma espécie de releitura da criação feminina. Essa recriação se dá em razão de que as cores reproduzidas assemelhadas à letra no indicam a presença da feminilidade que provinha, ao mesmo tempo, da natureza divina, representada pela luz do sol, e da ação do homem, representada pelos vitrais. Assim, apesar de belo, esse produto oriundo de uma co-criação entre a luz e os vidros é considerado algo menos apreciável. Isso se evidencia na referência que o reverendo faz, com relação aos trajes da menina, como sendo uma moléstia materna; para o clérigo, um ser vestido como a

285. Hawthorne, 1860. p 102.

286. Ibidem.

menina teria origens espirituais duvidosas, merecendo ser questionado a respeito de seu conhecimento sobre o cristianismo. Ele duvidava que uma menina como aquela fosse capaz de ser puritana, ou se pertenceria ao catolicismo, cujas dissidências na Inglaterra eram anteriores mesmo ao puritanismo. Segundo Nina Baym,²⁸⁷ a prática de tolerância religiosa por parte dos puritanos na Nova Inglaterra só veio a acontecer quando o movimento perdeu sua força; dessa forma, questionamentos do Sr. Wilson evidenciam uma intolerância indiscriminada. Afinal, apesar de ser uma personagem que não podemos caracterizar como discursivamente infantil, visualmente Pearl era apenas uma menina de sete anos. Ao lembrarmos da descrição das vestimentas utilizadas pelas mulheres puritanas de Boston, descrição essa que abre o romance em *A Porta da Prisão*, consideramos a menina como um elemento que se destacava visualmente de qualquer outra pessoa ao andar pelas ruas da colônia. Dessa forma, compreendemos o discurso do reverendo também como uma opressão à diferença, ao indivíduo, ao sujeito. Anteriormente salientamos a sociedade puritana como estabelecida a partir de marcas classificatórias, como a letra escarlata a que a costureira estava condenada a usar, ou seja, era a partir da diferença que eram criados os círculos hierárquicos do poder. O caso da aversão pela diferença em razão dos trajes da menina, entretanto, se dá em virtude de que Pearl possuía traços diferenciadores não marcados essenciais à sua existência como indivíduo. Destacamos esse repúdio à diferença, ainda que fosse expressa por uma pequena menina, em razão de que nos trechos acima destacados os personagens inquisidores não reconheceram Pearl como filha de Hester Prynne, demonstrando que suas opiniões não foram baseadas no repúdio dos líderes puritanos pela sua mãe, mas direcionados objetivamente à menina e à mãe, até então anônima.

Essa postura opressiva às características femininas diferenciadas de Hester, presentes também em Pearl e expressas em sua produção artística, pode ser percebida não somente no contraste entre as vestimentas de cores tristes das mulheres puritanas e a exuberância artística com que Hester reproduziu sua marca escarlata em sua pérola. Segundo Fiedler²⁸⁸ o romance todo pode ser observado como oriundo de uma tradicional paleta gótica, que a imaginação de Hawthorne dotou com especial significância. Para Fiedler, preto e branco não são apenas distinguidores de virtude e vício, colocados não somente nas vestimentas, mas também nas expressões, comportamentos e opiniões dos colonos. O autor aponta ainda que o vermelho é a cor da sexualidade, o que naturalmente assombrava o mundo puritano “*como um espectro sanguinolento (...) tão fantasticamente bordado e iluminado*”. A forma pela qual Hester ilumina a realidade puritana com sua sexualidade é expressa por meio de sua relação com a

287. 1986. p 3

288. in Bloom, 36-37. “*the fear of which haunts the puritan world like a bloody specter (...) so fantastically embroidered and illuminated*”
Tradução Nossa.

causa e consequência do seu pecado, sua filha Pearl, e a própria letra que carrega sobre o peito. Como afirmamos anteriormente, o nascimento da menina revela em Hester um dos mais importantes atributos femininos para aquela cultura, a maternidade. Dessa forma, cada uma das letras escarlates, a bordada e a de carne e osso, figura no romance com o significado de semeadora, nascimento. Conforme indica Harold Bloom,²⁸⁹ ao observarmos o significado primário da palavra *character*, o símbolo carregado pela costureira se constitui em um “*símbolo gráfico, bem como em uma letra do alfabeto*” (na Língua Inglesa, esse termo se refere tanto à personagem, quanto a caractere, possibilitando dupla interpretação), a primeira letra do alfabeto; esse significado inicial ressalta, portanto, nossa afirmação de que Hester é iniciadora de uma nova leitura social a partir do seu pecado, pois a sua falta e todas as consequências provenientes de seu caso de adultério deram aos puritanos a oportunidade de fazer uma releitura tanto do modelo social tradicionalmente construído, quanto da maneira pela qual analisar e julgar o pecado e os pecadores.

Nossa perspectiva de Hester como responsável por uma releitura dos valores puritanos é reforçada pelas deformações sofridas pelo signo de sua infâmia no momento crucial da narrativa, quando todos os significados da letra apontam para sua capacidade de desempenhar os papéis sociais tradicionalmente construídos como masculinos pela cultura puritana. No palácio do Governador Bellingham, a letra “A” refletida nas armaduras decorativas da sala ganha diferentes formas e tamanhos, permitindo que a sagacidade da pequena Pearl revele algumas possibilidades interpretativas até então inalcançáveis para o grupo dominante puritano. No momento em que o signo da infâmia se deforma no reflexo observado por sua filha, o contraste entre os significados anteriores e os presentes acerca de Hester são postos à prova, pois “*para os legisladores puritanos, Hester não tinha identidade, exceto em sua letra; isso significa que essa distorção da letra é uma reflexão apurada a respeito do seu ponto de vista em relação a ela.*”²⁹⁰ A partir disso, apontamos o início do reconhecimento por parte dos puritanos de um novo momento da história feminina na colônia, pois, pela primeira vez, o grupo social masculino reconheceu em uma mulher uma entidade individual capaz de se representar. Nota-se, contudo, que tal reconhecimento por parte da elite patriarcal se deu de maneira bastante limitada, pois o discurso de Hester foi aceito por aqueles líderes coloniais apenas depois de uma consideração coletiva acerca de sua capacidade de se manter na guarda de sua filha. Assim, entendemos que, para os puritanos, o aparecimento de uma identidade feminina era possível apenas através do discurso e do discernimento do

289. 1990, p ix.

290. Baym, 1986. p 84. “The symbolism is that to the Puritan rulers, Hester has no identity except in the letter; this means that this distortion of the letter is an accurate reflection of their view of her” Tradução Nossa.

homem, o que não acreditamos ser uma postura necessariamente nociva à mulher, pois as comparações constantes ao caso de Anne Hutchinson nos reportam à idéia da incapacidade feminina de se proclamar publicamente, principalmente ao considerarmos que, naquele momento, Hester se fazia ouvir pelas autoridades mais representativas daquela colônia, confrontando todos os poderes falocêntricos vigentes. Dessa forma, ainda que seu discurso tenha sido obrigatoriamente avaliado pelos representantes do patriarcado puritano, a narrativa apresenta Hester em um momento de realização ímpar para qualquer mulher da Nova Inglaterra, cuja subjetividade era ignorada pelo regime segregador puritano.

O conflito entre a autoridade totalizante masculina e a busca pelo espaço próprio em que a mulher possa representar a si na sociedade pode ser percebido de maneira ainda mais intensa quando consideramos a maneira como a letra escarlate é pluralmente representada no capítulo *A Menina Esquisita e o Sacerdote*, momento em que, já na mansão do Governador Bellingham, Hester e Pearl aguardam o momento de sua entrevista. Antecipando uma disputa entre o grupo social dominante e aquele grupo feminino que podemos chamar de externo à colônia puritana, no caminho percorrido por mãe e filha até a chegada no palácio, as personagens enfrentam a agressividade de um grupo de jovens que, se referindo a ambas como “a mulher da letra escarlate” e “a encarnação da letra,²⁹¹” mostra-se disposto a atirar-lhes lama. Nesse momento da narrativa, Hester já havia se estabelecido como cabeça de sua família banida, assumindo uma postura de relevância mesmo para aquela sociedade que a condenou; a mancha que sua reputação carregava já passava por uma releitura social, não sendo mais cabíveis demonstrações tão intensas de repúdio, uma vez que, tendo ganhado notoriedade como indivíduo, não podia ser confundida com qualquer outra pecadora na colônia, nem sua letra tomada pelo significado inicial do adultério sem que antes todos os demais significados fossem também considerados. Assim, vemos uma reação, não da mãe, mas de sua filha, a encarnação do pecado, que, depois de

enfarruscar a cara, bater com o pé e brandir o punhozinho numa inversa variedade de gestos ameaçadores, Pearl, que era destemida, investiu de súbito para o magote de inimigos, pondo-os a todos em fuga. Parecia, na feroz perseguição aos adversários, um jovem flagelo - a febre escarlatina, ou outro anjo de castigo - cuja missão fosse punir os erros da geração que nascia. E gritava e verberava, com tremendo volume de voz, que decerto obrigava a tremer nos peitos os corações dos fugitivos. Completada a vitória, voltou tranquilamente para o lado de Hester e, olhado para cima, sorriu-lhe o rosto.²⁹²

Isso nos mostra que, apesar de o significado inicial da letra A sobre as vestes de Hester nunca ter sido esquecido, principalmente por ela, os novos significados, ao que

291. Hawthorne, 1850. p 97.

292. Ibidem. p 97.

incluímos aqueles atribuídos à menina, tinham uma força diferenciada e propósitos próprios; esses, capazes de subjugar todos os demais significados denegridores anteriormente atribuídos à costureira e ao seu símbolo. Com mais força do que nunca, a própria letra era agora um símbolo de insubordinação. Dessa vez, entretanto, as personagens não se insubordinavam contra os princípios legais e religiosos do matrimônio, mas contra todo o sistema opressivo puritano em que a feminilidade representada pela letra e pela própria menina era colocada em um patamar inferior de relevância pela sociedade. A ação de Pearl perante o grupo de crianças que ofendiam as personagens representa, para nós, uma investida necessária contra a opressão por elas vivida de uma maneira muito mais intensa que as demais mulheres da colônia, mas não menos ultrajante. Embora o conjunto de punições a elas impostas tenha sido aviltante no que diz respeito a sua moral perante a coletividade tanto masculina quanto feminina, elas estavam alheias ao papel subserviente da mulher no Puritanismo, por isso consideramos grave a condição submissa feminina naquela sociedade, principalmente porque Hester e sua filha estiveram sujeitas às marcas identitárias classificatórias daquela cultura, sendo emblematizadas como a plena performance da corrupção dos valores morais, ainda que, no caso de Pearl, isso tenha sido atribuído simplesmente em razão de ter nascido. O grupo feminino padrão puritano, entretanto, não carregava a mesma marca de Hester; apesar de uma existência não marcada, as diferenças baseadas nos gêneros pelo modelo hierarquizante distinguiam-nas dos demais membros da comunidade em razão de tradições criadas a fim de favorecer o grupo masculino. Essas tradições, por sua vez, são visivelmente mutiladoras da condição feminina, uma vez que estabelecem o homem não apenas como líder comunitário, mas como uma figura inquestionável, digna de admiração e devoção. Dessa forma, a mesma empreitada vivida por Hester na batalha contra o sistema opressivo patriarcal se vê disposta como herança a ser continuada por sua filha, batalha essa iniciada já nos seus primeiros anos de vida; ainda que fosse observada como a encarnação do pecado por inúmeros colonos, Pearl é descrita na narrativa como “*a febre escarlatina, ou outro anjo de castigo*”, cuja missão, notadamente, é punir os erros da geração que, como ela, nascia. Vemos tais erros como fruto de uma doutrina voltada à subsistência de um modelo social opressivo falho e invariável, cujos ensinamentos vinculavam-se à educação das gerações de modo que a subserviência e a diferenciação baseada nos gêneros fosse aceita como normal.

A esse anjo de castigo, entretanto, cabe uma roupagem subversiva dessa invariabilidade nociva ao indivíduo, à identidade e à natureza feminina. Isso porque a ligação de Pearl com a natureza é inúmeras vezes salientada pela narrativa. Nessa cena, particularmente, seu vínculo com o que é natural e cósmico se mostra bastante revelador para

a compreensão da personagem como a semente feminina lançada ao solo pela mãe. A partir de sua pueril e inocente vontade de se apoderar da luz e das cores do sol que refletiam na fachada do palácio do Governador, a menina estabelece um diálogo com a mãe que nos reporta a esse significado de conquista do próprio espaço, bem como uma demonstração do caminho a seguir em busca de sua individualidade, pois, diante do pedido, Hester lhe informa: “*não, minha pequena Pearl – disse-lhe a mãe, - Tens que conquistar o teu sol! Eu não possuo nenhum para te dar!*”²⁹³ Apesar de já termos apontado Hester como responsável por iluminar e colorir esse romance ambientado em uma realidade acinzentada, entendemos essa afirmação de Hester como um ensinamento direto sobre o exercício subjetivo essencial ao reconhecimento da(s) identidade(s) feminina(s), pois, ao negar o sol a sua filha, esclarece a necessidade de se dedicar à conquista de seus propósitos; sua afirmação não nos diz que ela não possuía um sol, mas que não dispunha de um para sua filha, que deveria buscá-lo da mesma maneira que Hester buscou a luz e as cores com as quais foi capaz de lutar contra os mandos e desmandos masculinos da Nova Inglaterra.

Dessa maneira, observamos que a construção do romance nos leva a entender Hester como uma semeadora através do seu pecado, tal qual o primeiro homem e a primeira mulher semearam a humanidade terrena a partir de um ato de desobediência. Na continuidade da narrativa, o fato que autoriza nossa afirmação diz respeito, novamente, a um jogo simbólico entre a perspicácia infante da pequena pérola e o ambiente que se revela opressivo mesmo na decoração do palácio do Governador Bellingham. Como foi dito, desde o primeiro capítulo o romance descreve o mundo puritano a partir de adjetivos depreciadores; *A Porta da Prisão* nos revela um ambiente arquitetonicamente opressivo, expresso também no discurso comunitário nos capítulos seguintes. Apesar de *A Menina esquisita e o Sacerdote* narrar um episódio vitorioso para Hester e Pearl, desde a chegada das personagens à casa em que ocorreriam os mencionados conflitos, no capítulo anterior, a reprodução narrativa do espaço é salutar para entendermos aquele ambiente como representativo dos poderes estruturantes que logo após entrariam em discussão na avaliação da permanência da mãe como responsável pela criação da menina.

O primeiro objeto da descrição faz menção à grandiosidade da residência, cujo primeiro compartimento, “*amplo e razoavelmente alto, que se desdobrava em toda a profundidade construção,*”²⁹⁴ nos lembra a imagem masculina tradicional naquela cultura, uma vez que tal grandiosidade era necessária à definição do homem como elemento central da

293. Hawthorne, 1850. p 98.

294. Ibidem.

criação divina. Logo após, em outro aposento, destaca-se um volume de *Crônicas da Inglaterra, ou literatura assim substancial, ali deixado exatamente como hoje deixamos sobre a mesa de centro livros ligeiros para passatempo de algum visitante casual;*²⁹⁵” assim como apontamos ao compararmos a representação textual de John Milton e Anne Bradstreet, a figura do homem como cabeça do casal pode ser expressa também no tocante à capacidade intelectual. Considerando mãe e filha como as únicas personagens femininas descritas na cena, entendemos a disposição daquele artigo como uma demonstração dessa intelectualidade superior masculina, à qual a mulher deveria também se subordinar.

Outro elemento visível na construção espacial daquele ambiente é visto na decoração. De maneira a oferecer ao visitante também o clima opressivo que indica superioridade daquele proprietário, mesmo perante outros homens da colônia, a mansão do Governador parece construída sobre o orgulho colonial puritano, mantendo por meio de imagens e objetos a tradição de sua família, bem como fazendo menção a um passado histórico também formador dessas tradições que espalhavam pelo palácio, reproduzindo nas paredes e aposentos o desenvolvimento de uma cultura que, por elementos específicos da decoração, podemos chamar de agressiva.

das paredes pendia uma fileira de quadros representando os antepassados da linhagem de Bellingham, alguns com armaduras no peito, outros ostentando golas solenes e roupas de paz. E todo o ambiente se revestia desse rigor e dessa austeridade que os retratos antigos invariavelmente irradiam, como se fossem mais fantasmas do que pinturas das personalidades mortas, e estivessem observando, mediante um duro e intolerante espírito crítico, o procedimento e as alegrias dos vivos²⁹⁶

Como vimos acima, a representação de toda a linhagem do Governador espalhada pelas paredes de sua casa revelam a solenidade que reveste aquela figura pública. A menção às armaduras nos aponta para uma composição formada completamente por imagens masculinas, denotando que tal ostentação naquele recinto de poder é, como toda a cultura puritana, representada pelo sexo masculino, sendo o homem a figura principal na constituição das histórias familiares. A representação dessas figuras fitando o visitante, como se essas pessoas do passado estivessem vigiando o comportamento das pessoas do presente, nos remete à proposta puritana de contínua manutenção de seu sistema político e social, como se sobre elas recaísse a responsabilidade de fiscalizar os colonizadores a fim de que os propósitos iniciais da travessia do Atlântico fossem mantidos. Tal como os Élderes em suas rotinas diárias de pregação às famílias em suas residências, bem como observação da educação religiosa das crianças por parte dos pais, essas figuras do passado serviam, assim,

²⁹⁵. Hawthorne, 1850. p 98.

²⁹⁶. Ibidem. p. 89

como um ícone de moralidade a ser sustentado na Nova Inglaterra com a intolerância religiosa puritana e, se necessário, com a força das armas.

Nessa peculiaridade das armas, chamamos a atenção para a presença da armadura naquele ambiente. Segundo Wollstonecraft, a separação entre o grupo social dos homens e o grupo social das mulheres é relevantemente denotada a partir do momento em que os primeiros se transformam em soldados e homens do estado;²⁹⁷ esse momento da narrativa nos mostra um personagem que transitou entre ambas as atividades, o próprio governador, agora homem de estado, “já brilhara em frente a um regimento de guerra.”²⁹⁸ E é diante desse símbolo do poder totalizante masculino que percebemos um dos momentos mais significativos do conflito simbólico entre os grupos sociais antagônicos. Tal conflito se dá justamente com o símbolo que, conforme afirmamos, se constrói ao longo do romance como o maior símbolo da feminilidade de Hester; nessa oportunidade, temos quatro diferentes perspectivas²⁹⁹ da letra escarlate, dentre as quais destacamos primeiramente o reflexo desse símbolo em uma das armaduras dispostas naquele recinto.

Enquanto esperavam pela audiência com as autoridades puritanas, Pearl chamou a atenção de sua mãe em razão de que era capaz de ver a imagem de sua mãe reproduzida naquela vestimenta de guerra. Diante do chamado da filha, a costureira percebeu sua letra, bem como a si mesma distorcidas no peito daquele equipamento metálico, pois

por causa do efeito peculiar dos espelhos convexos, a letra escarlate parecia aumentada, em gigantescas proporções, a ponto de se tornar o detalhe mais em destaque na sua pessoa. Na verdade ela parecia inteiramente escondida por detrás do símbolo³⁰⁰

Esse efeito reproduzido tem uma dupla significação para a percepção da identidade feminina no romance. Primeiramente, vemos a letra como agigantada em relação a Hester; naquela projeção, o símbolo e seus significados podem ser visualizados como maiores do que a própria personagem, demonstrando na imagem a grandiosidade do significado oculto por trás dos símbolos de seu martírio.³⁰¹ Para a costureira, o símbolo que carregava, retratado também nas vestes de sua filha, estava revestido de propósitos mesmo para ela desconhecidos, mas sabidamente mais profundos que aqueles proporcionados pela estética ousada de suas formas e cores.³⁰² Dessa forma, aquele momento em que foi capaz de se observar em menores proporções que aquele símbolo que carregava nos é significativo para apontarmos o

297. Wollstonecraft in Cudd and Andreasen, 2011. p 13

298. Ibidem 296. p 99.

299. Baym, 1986. p 83.

300. Ibidem 299. p 100.

301. Hawthorne, 1850. p 158

302. Ibidem. p 83.

reconhecimento de Hester em meio a um conflito social para o qual seus anos de suplício no isolamento a haviam preparado. Como proteção, tinha apenas aquela letra que, em um contraste simbólico com a armadura que se ofereceu como espelho, funciona como um escudo contra os ataques morais e religiosos que poderia sofrer durante aquela batalha. Acreditamos que aquele momento é revelador para a pecadora, pois pela primeira vez foi capaz de observar a si a partir de um símbolo relevante de masculinidade; o que viu a partir disso não foi uma mulher biológica, mas a mesma mulher que já conhecia anteriormente, transformada pelo símbolo que a diferenciou das demais mulheres, como se à sombra do seu pecado vivesse a verdadeira Hester, necessariamente menor que a feminilidade que semeava naquelas terras. Inferimos que essa projeção apresentou Hester para si mesma como elemento decisivo em um conflito por ela iniciado, mostrando-a em plena execução de um papel que, anteriormente, ela era incapaz de enxergar em razão de seu ponto de vista de sua própria história não lhe permitir uma visualização externa, como espectadora.

Essa perspectiva de grandiosidade da letra escarlate em relação a sua portadora, denunciando um plano elevado da feminilidade da pecadora em relação aos propósitos pessoais nos leva à segunda significação desse reflexo escarlate no objeto metálico. Notadamente, o espelho convexo de que trata a narrativa é composto pela região peitoral daquela armadura; dessa forma, vemos, pela primeira vez, o signo da infâmia depositado também sobre vestes exclusivamente masculinas. Essa sobreposição dos elementos simbólicos do masculino e do feminino aponta para uma espécie de compartilhamento do pecado da costureira. Apesar de ser ela a única protagonista revelada do adultério, ao observarmos a letra “A” e a própria pecadora no seio masculino entendemos que aquele grupo social dominante é também responsável pelo crime cuja condenação pairou apenas sobre Hester. Isso em razão de que aquela cultura visava o apagamento subjetivo da mulher, desconhecendo sua identidade e singularidade; aquele momento da narrativa, entretanto, nos aponta para uma condição social em que os homens, mesmo sendo detentores da força e manipuladores das legislações, e mesmo com o brio com que poliam seus próprios méritos, retratados naquele símbolo de conquista bélica, eram capazes de apagar a feminilidade singular daquela personagem.

Mais do que antecipar o confronto com as autoridades puritanas que aconteceria dentro de poucos instantes, a imagem refletida nos mostra a perspectiva colonial a respeito de Hester, pois, na Nova Inglaterra, sua identidade era observável somente a partir daquele símbolo. Dessa forma, alheios às questões de formação da identidade feminina, para os

puritanos, assim como para sua portadora, a letra tinha também um significado maior do que a própria costureira. Esse trecho da narrativa nos mostra a evidência “*de uma antiga era que dominava a cidade acompanhada por severidade e a estreiteza em um direto conflito com a natureza, criatividade e paixão,*”³⁰³ clarificada pelo contraste entre o brilho descolorido da armadura e as cores da letra escarlata e da própria pecadora nela refletidas. Desse modo, percebemos sinais de uma falta de decoro historicamente construída pela opressão indiscriminada, que se mostra no romance a partir daquele artigo destinado à guerra, pois conforme aponta Claudia Durst Johnson,³⁰⁴ os referenciais de Hawthorne em relação ao Puritanismo remetem a uma herança vergonhosa recebida dos antepassados de sua geração; tal vergonha se deve principalmente à intolerância com relação às liberdades de crença de Quakers e mulheres, muitas vezes desmotivadamente condenadas a penas de tortura e morte pela prática de bruxaria. Sendo o Governador Bellingham descendente de uma linhagem inglesa notória, o palácio em que se passa a referida cena carrega esse passado vergonhoso, marcado pela opressão moral e religiosa sobre aqueles que contrariam os princípios rígidos do Puritanismo, independentemente de agirem de modo atentatório aos congregados.

Nossa proposta de observar Hester como responsável por uma produção artística que colore o acinzentado Puritano se fortalece quando passamos do reflexo da costureira e de sua marca sobre o peito da armadura, objeto notavelmente marcante da sexualidade masculina, para outro reflexo também apresentado no contexto daquele conflito simbólico na mansão: Pearl. Se entendermos a costura e o bordado de Hester como as artes através das quais ela representa sua sensibilidade feminina, que na letra de sua infâmia encontra sua maior expressividade, sua filha pode ser vista como uma parte inegavelmente importante nesse processo de construção de significados. Sendo a letra um símbolo ativo de seu ser feminino

A letra é também representada em Pearl – de fato, duplamente representada: primeiramente em sua vestimenta, em cujo design Hester intencionalmente reproduz a letra, ‘dedicando inúmeras horas de mórbida ingenuidade para criar uma analogia entre o objeto de sua afeição e o emblema de sua culpa e tortura;’ e, novamente, na própria criança, pois ‘na verdade, Pearl era única, tanto quanto a outra letra; e apenas em consequência daquela identidade, Hester tinha representado tão perfeitamente em sua aparência’³⁰⁵

Isso nos mostra Pearl como uma das produções artísticas de sua mãe, permitindo-nos compreender a pequena garota também através da multiplicidade de significados atribuídos à própria letra. Ao ter sua imagem refletida em outra peça daquela armadura, portanto, além dos

303. Johnson, 1995. p 29.

304. ibidem.

305. Baym, 1986. p 84. “The letter is also represented in Pearl – in fact, twice represented: once in her costume, which Hester has intentionally designed to resemble the letter, ‘lavishing many hours of morbid ingenuity, to create an analogy between the object of her affection, and the emblem of her guilt and torture; and again in the child herself, for ‘in truth, Pearl was the one, as well as the other; and only in consequence of that identity had Hester contrived so perfectly to represent the scarlet letter in her appearance” Tradução Nossa

apontamentos anteriormente levantados acerca da letra, podemos associar os elementos culturais do puritanismo na forma como sua imagem é representada naquela cena. Após sua filha ter apontado para o elmo, Hester vê agora a imagem da pequena menina lhe sorrindo no reflexo “*com a inteligência admirável que era uma expressão tão comum da sua fisionomia.*” No entanto, da mesma forma que a letra que a costureira carregava sobre o peito, a letra escarlate vivente também se apresentava transformada, tendo o seu sorriso “*e o seu olhar de gozo malicioso (...) tão ampliado e intenso que deu a Hester a impressão de que aquela não podia ser a imagem de sua filha, mas de um demônio que estivesse tentado usurpar-lhe a forma.*”³⁰⁶ Mais uma vez, percebemos Hester passando a se dar conta dos múltiplos significados dos desdobramentos de sua história, pois, apesar de já ter cumprido muitos anos de sua pena de isolamento, acreditamos ser aquele o primeiro momento em que a fibra moral e a força de caráter que as distinguiam das demais mulheres e crianças puritanas teve um comparativo proporcional em relação às lideranças puritanas. Isso em razão de que, imersas em seu isolamento na cabana, ou transitando pelas ruas de Boston nos momentos em que estava se dedicando aos seus afazeres comerciais, a agressividade do povo da colônia era o único contato estabelecido entre Hester e o sistema opressivo puritano, contato esse que, durante muito tempo, se traduziu em pregações públicas - quando ela passava por algum sacerdote - contra o pecado cometido, ou injúrias a ela lançadas inclusive pelos necessitados a quem se dedicava, mas “*Hester havia se educado longamente e jamais revidava tais agressões, a não ser por uma onde de carmim que lhe subia irresistivelmente às faces pálidas, para depois se esvair nas profundezas do seu ser.*”³⁰⁷ Dessa forma, não observamos nesses conflitos diários vividos pela personagem o mesmo grau de tensão presente naquele ambiente em que as lideranças do patriarcado da colônia se reuniam, por isso, apontamos tal momento da narrativa como inicial nesse embate direto entre os interesses dos grupos sociais antagônicos.

Enquanto Hester e sua marca eram refletidas no peito daquele objeto de aço, o reflexo de Pearl era visível no capacete daquela vestimenta. Da mesma maneira que a letra vista no peito de um símbolo de masculinidade se reveste de significados, a face sorridente da menina na cabeça dessa figura também tem seus sentidos pluralizados, principalmente em razão de ser a cabeça, mais do que a própria força combativa, o maior emblema do domínio masculino sobre a mulher. Os papéis sociais de cabeça da família e da comunidade eram exclusivamente dedicados ao homem; naquela mansão estavam os principais cabeças daquela colônia, e era contra eles que Hester e Pearl realizariam seu combate, não utilizando a força

306. Hawthorne, 1850. p 100.

307. Ibidem. p 84.

física, claro, mas a força moral e de caráter que as mesmas lideranças tentaram lhe arrancar por meio das humilhações a ela impostas. Acreditamos que a impressão causada em Hester pela imagem da filha não revela qualquer consideração possível em relação à obscuridade de Pearl, embora tal impressão seja recorrente por parte da mãe, mas uma expressão dos resquícios da cultura puritana na costureira; disso inferimos que esse aspecto diabólico da menina, bem como o da letra superdimensionada de Hester, se referem diretamente à visão puritana sobre as personagens. Tão ameaçadora quanto a presença do próprio demônio no *Visível Reino de Deus* era a presença da feminilidade de Hester representada na figura de Pearl se deixando ser vista compartilhando o mesmo espaço simbólico das lideranças da colônia. Enquanto em sua pequena sociedade, a mãe já desempenhava todas as funções que eram exclusivas dos homens na Nova Inglaterra, interpretamos aquele momento como o surgimento de Pearl como uma mulher (em formação, não esqueçamos) capaz de dividir tais espaços além das fronteiras da cabana em que diariamente viviam seu misto de liberdade e banimento.

3.4 A COLHEITA ARTÍSTICA

As deformações reproduzidas pela armadura em *O Palácio do Governador Bellingham* apontam ainda para uma das grandes questões sobre o pecado e sua natureza que rodeiam o romance, bem como o íntimo de Hester Prynne. O segredo sobre a identidade do partícipe daquele pecado/crime em razão do qual a jovem foi condenada atravessa a narrativa como um mistério não revelado para os colonos de Boston; embora Nathaniel Hawthorne nos dê pistas sobre a paternidade de Pearl mesmo enquanto a pecadora ainda era exposta sobre o cadafalso em seu momento supremo de humilhação, a verdade nos é revelada em momentos em que Hester se alheia àquela comunidade em que a vida privada é praticamente imperceptível. Dada à publicidade parcial do papel de Arthur Dimmesdale na geração da pequena Pearl, portanto, a questão mais relevante acerca do pecado não é a paternidade da menina, mas as verdadeiras causas e origens do pecado.

Nessa cena na mansão do governador e em outras, a menina é observada pela mãe e por outros personagens como um ser cuja natureza é apontada como desconhecida, deslocada da realidade religiosa puritana quanto a sua criação. Apesar de sua notável beleza e ingenuidade, misturada ao seu temperamento alegoricamente perspicaz e astuto, a menina é vista como um ser diabólico e místico, capaz de ter suas origens espirituais questionáveis

mesmo pela sua genitora. Como aponta Baym,³⁰⁸ apesar de todos os personagens da trama terem uma função alegórica, Pearl desempenha uma função simbólica tanto ou mais evidente que sua construção como criança humana, pois é a letra escarlate em outra forma, é simbolicamente duplicada, pois emblematiza o símbolo da infâmia de sua mãe, bem como a si mesma em uma auto representação precoce. Dessa maneira, a distorção do sorriso da menina no elmo nos apresenta uma face da personagem observada a partir do ponto de vista puritano, para quem ela também assumia uma característica alegórica plena de significados, afastando-se da humanidade infantil das demais crianças da comunidade em razão de que lhe são atribuídas características superiores não somente a uma criança, mas também a toda a comunidade da Nova Inglaterra. Naquele sorriso agigantado e intenso reside, portanto, a resposta ao mistério do pecado por ela representado, o que justifica as inúmeras impressões aterradoras da mãe ao observar o seu aspecto, pois mesmo para Prynne a dúvida sobre o monopólio sobre o pecado, a ela atribuído por toda a comunidade, proporcionava-lhe uma sensação terrífica de isolamento em uma comunidade que, se tivesse os segredos de sua hipocrisia revelados, sequer apontariam a costureira como pecadora. O impacto proporcionado pela imagem de Pearl naquele símbolo da liderança masculina destaca à mãe, portanto, os claros indícios do compartilhamento de seu pecado com a coletividade que a condenava.

Esse reconhecimento somente foi possível quando, já assumidamente identificável para os puritanos apenas através daquele símbolo de infâmia e marca notória de sua expressão artística feminina, Hester se viu cercada por sua própria criação, como se o pecado em vida encarnado em sua filha se pluralizasse, ganhando força diante do conflito simbólico com as marcas do poder paternalista presentes na casa do governador. As quatro letras escarlates que a acompanhavam naquele momento, a do seu peito, a reproduzida em Pearl e os dois reflexos nas peças da armadura, projetavam-se de maneira a revelar mais significados do que a costureira havia interpretado naqueles anos. Foi, portanto, preciso que aqueles símbolos do poder masculino totalizante da colônia superdimensionassem os símbolos de seu pecado e feminilidade para que ela se percebesse fortalecida pelo isolamento imposto pelos puritanos, incapazes de percebê-la apenas como uma dentre as inúmeras pecadoras que transitavam pela cidade. A hiperbolização dos símbolos de seu adultério aponta para o descobrimento de que as marcas da diferença a ela imposta eram, na verdade, as únicas que mantinham entre ela e a comunidade puritana alguma característica comum, pois todos os demais atributos que ela mesma construiu sobre sua identidade tornavam-na alheia àquele mundo e às identidades compartilhadas pelos colonos. Mais uma vez, a questão da visibilidade do comportamento

308. 1986. p 52.

social a fim da manutenção daquele *Visível Reino de Deus*, vem à tona, pois é a partir das conjecturas da personagem a respeito desse jogo de publicidade e segredos que Prynne passa a considerar a hipocrisia moral puritana como o verdadeiro motivo de sua condenação, ao invés do adultério por ela cometido; a cena em que a letra escarlata se vê multiplicada pelo espaço que a cerca, portanto, serve também como marco de esclarecimento para dúvidas pouco antes levantadas por ela na narrativa, quando suas caminhadas pelas ruas de Boston aflingiam-na em razão dos olhares de desprezo e palavras de ofensa vindos dos colonos.

Tais questionamentos se iniciaram justamente quando a letra escarlata já parecia dotada de uma propriedade mística, em *A Alfândega*, antes mesmo de termos conhecimento os significados que viriam a ser atribuídos a ela. Naquela oportunidade o narrador relata a forma pela qual teve contato com os manuscritos que deram origem a sua produção (ou reprodução ampliada) romanesca; junto dos papéis, encontrava-se esse símbolo, já de cores esmaecidas pelo tempo, mas que, quando ele o colocou sobre o próprio peito, causou uma sensação inexplicável, metafísica. Essa mesma propriedade é responsável por indicar a Hester quando os olhares pousados sobre a marca são diferentes daquele de repulsa, demonstrando no espectador um certo temor em razão de máculas também impressas no coração e na consciência daqueles transeuntes não marcados; essas questões ficam bastante claras no trecho que segue:

Algumas vezes, ao passar por um venerado sacerdote ou magistrado, modelo de piedade e de justiça, que a época, de preitos antigos, considerava um companheiro dos anjos, **o estigma do seu peito palpitava, compreensivo.**

-Que mau virá por aí?- Perguntava-se Hester. (...)

Outras vezes, compenetrava-se de uma espécie de irmandade maliciosa ao encontrar a virtuosa carranca de alguma velha que, no dizer de todas as línguas, conservara pela vida fora o peito frio como a neve. **Que teriam de comum a neve não derretida do peito da matrona e a vergonha escaldante do de Hester Prynne?**

Em certas ocasiões, o aviso magnético funcionava: ‘Olha, Hester! Aí vem tua companheira!’ E ela, erguendo a vista, dava com os olhos de uma donzela relanceando os olhos, desconfiada e de esguelha, sobre a letra escarlata. A virgem desviava-os logo com um tímido rubor nas faces, **como se a sua castidade tivesse ficado um pouco comprometida pelo olhar transitório.**³⁰⁹

A palpitação gerada pelo estigma notadamente demonstra essa capacidade mística a que nos referimos, como um amuleto encantado que fosse capaz de lhe proporcionar perspectivas diferenciadas naquele ambiente hostil. Da mesma forma, é por causa de Pearl que Hester consegue observar os reflexos disformes de sua obra no peito e na cabeça dos símbolos de opressão masculina. A menina se transforma, portanto, em outro amuleto com propriedades especiais para guiar os olhos de Hester na direção do discernimento. Na

309. Hawthorne, 1850. p 86. Grifo Nosso.

sequência de nossa referência, encontramos um choque de gerações significador para nossa afirmação; primeiramente, uma matrona, anônima como as demais matronas, julgadoras autoconstituídas de *A Praça do Mercado*, cuja neve não derretida do peito interpretamos tanto pelo significado mais incisivo, o alcance de sua sensibilidade metaforizada pela frieza da neve, quanto pelo colorido da neve, cuja alvura nos remete à castidade. Em contraste com essa figura, vemos uma donzela, também anônima, mas que nos chama a atenção por ser um dos poucos sinais da existência de uma juventude puritana na colônia, cuja face se ruboriza ao simples olhar transitório para a letra da infâmia.

A questão em destaque na citação acima parece ser respondida pela própria narrativa, logo após, no outro trecho em negrito, pois consideramos que a aproximação entre os elementos representados pela matrona de coração alvo e frio e o coração escaldante de Hester Prynne é perceptível justamente nos motivos do rubor da jovem donzela. Ao sentir sua castidade comprometida pelo contato, mesmo que instantâneo com a letra, a jovem nos anuncia uma identificação social entre o pecado cometido pela costureira e a coletividade feminina imersa naquele quadro em que valores morais e culturais defendidos por uma religiosidade rigorosa furtavam suas individualidades. Assim como o grupo social dos homens tende a construir posições de sujeito para a mulher, esse trecho nos indica que o trânsito daquele novo grupo social³¹⁰ composto somente por mãe e filha pelas ruas da colônia vocejava uma nova classificação da mulher na sociedade, fato esse perceptível também pelas demais mulheres da Nova Inglaterra. Desse modo, percebe-se uma nova posição de sujeito sendo criada para as mulheres puritanas, no entanto, sem a participação do grupo social dominante. Indicando a identificação da mulher não com o pecado, mas com o significado feminino por trás da letra escarlate e da própria personagem, o rubor da donzela não aponta para a quebra dos valores matrimoniais e dos costumes, ainda que muitas vezes ignorados, da manutenção da castidade até que seja consumado o casamento. Embora esse fosse o temor inicial das matronas que temiam pela perdição das filhas da Nova Inglaterra, entendemos tal identificação como um sussurro de individualidade sendo semeado nas mulheres de Boston; a castidade e a alvura aqui ganham um significado importante quando imaginamos a coexistência de certos valores e costumes e a mulher individualizada, portadora e praticante de suas subjetividades. Mais uma vez como iniciadora de um processo de formação de identidades, Hester se destaca nessa particularidade por proporcionar à mulher uma possibilidade de pertencimento a um grupo identitariamente perceptível, alheio à sombra de um líder espiritual e provedor material masculino. Fechando, assim, o ciclo desse conflito de gerações e tradições, o rubor da jovem donzela nos infere certa vergonha em razão de que a

310. Kergoat in Hirata, 2005. p 71.

cultura em que foi criada lhe orientou a seguir um caminho que lhe transformaria em uma matrona de coração frio e vestida até os últimos anos com a castidade que a moral feminina patriarcalmente construída lhe impunha. Se era aquele um momento de dúvida para Hester, afirmamos que era também um momento confuso para a jovem que era testemunha das transformações sociais promovidas pela artista naquela cultura.

Embora longe de uma resposta peremptória, a questão anteriormente apontada como fundamental à narrativa, afirmamos que as causas do pecado trabalhado no romance não podem ser atribuídas à Prynne; é inegável que ela pecou, como também é inquestionável que não foi a primeira a pecar ou a cometer algum crime. Fosse diferente, não perceberíamos que uma das primeiras ações dos peregrinos ao chegarem à Nova Inglaterra foi construir uma prisão. Quando a pecadora sai do cárcere para a exposição pública, a narrativa já nos descreve uma cadeia envelhecida, mostra de que a desobediência às normas puritanas não era novidade. A leitura de *Paradise Lost*, de Milton, e mesmo das *Sagradas Escrituras*, nos aponta para uma cultura puritana ciente da existência do pecado, bem como a partir dele gerada. Seu ideal utópico, portanto, é o de retorno às origens santificadas livres do pecado; a visibilidade das faltas cometidas por Hester e a perceptível identificação com os significados a ela atribuídos e às suas produções artísticas mais destacadas no romance, Pearl e o próprio emblema, demonstram, portanto, um ataque à hipocrisia moral puritana, que sabidamente construiu discursos falaciosos acerca de uma sociedade livre do pecado, mas que precisou, desde a sementeira de seus propósitos, de uma estrutura carcerária para aprisionar aqueles pecadores que por algum acaso ou impossibilidade de velar os rastros de suas faltas, se deixavam visíveis ao rigor das normas que lhes tomariam como exemplo comunitário.

Esses pecadores visíveis, como Hester, eram, portanto, tomados como exemplo de desvio por aquela comunidade. No entanto, essas ambiguidades culturais nos apontam para a admissão do pecado na sociedade puritana como algo comum, em que os faltosos não são necessariamente uma exceção à regra, pois a regra não é a inexistência do pecado, mas sua invisibilidade social. Essa relação de visibilidade e invisibilidade se clarifica ao observarmos o trecho da narrativa que mais evidencia a produção artística de Hester como fruto de suas leituras e interpretações dos ambientes sociais que frequentava, bem como de todos os efeitos produzidos pela letra e suas consequências na subjetividade feminina da personagem. Em *Hester e a Agulha*, temos contato com um momento da sua vida em que sua abstração é influenciada pela mencionada característica metafísica do símbolo que portava. Assim como sua identidade era representada para os membros da comunidade apenas através de sua marca

categorizante,³¹¹ Prynne também passa a observar a congregação a partir daquela marca identitária a ela atribuída. Afirmamos, pois, que essa perspectiva de Hester segue o processo inverso apontado por Woodward³¹² no que diz respeito às marcas identitárias. Segundo a autora, “*existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa.*” Esse efeito místico nos mostra como tais marcações podem interferir nas relações identitárias entre o portador desse símbolo e aqueles que obrigaram a personagem a utilizá-lo.

No caso prático narrado no romance, os efeitos místicos da letra passaram a se revelar a partir de oportunidades em que, mergulhada na angústia provocada pelo ostracismo social, encontrava, por vezes, sinais de humanidade nas pessoas que observavam sua letra de maneira a compartilhar parte de sua agonia, levando a costureira a se questionar se “*teria pecado sozinha.*”³¹³ A partir disso, reconheceu que “*a letra a havia dotado de um novo sentido. Estremecia ao crer, embora não o pudesse evitar, que ela lhe dera a percepção, por afinidade, dos pecados ocultos nos outros corações. E aterrorizava-se com as revelações que obtinha por esse meio.*” Dessa maneira, Hester se percebe em meio a um jogo cujo papel a ela atribuído é meramente relacionado a um tipo de expiação pública, tão comparável a rituais de sacrifício verificáveis em certas culturas religiosas, os quais serviam de oferenda a deuses e entidades míticas, quanto ao próprio ato de crucificação, através do qual, na cultura cristã, a humanidade teria sido redimida dos pecados em razão do ato altruísta de redenção de um Cristo. A questão da pluralidade pecaminosa presente na coletividade puritana autorreconhecida como santificada se intensifica ao percebemos Hester em pleno exercício de sua subjetividade, diretamente explorada no referido capítulo. Embora tenhamos conhecimento de que a maternidade adúltera responsável por todos os desdobramentos do romance aponte para um pecado biologicamente impossível de ser praticado sem a participação de um homem, as conjecturas de Hester apontam o poder centralizador masculino puritano como dotado de uma leitura deformada da mulher como um ser biológico. Tendo em vista a questão anteriormente discutida acerca da mulher, sexualmente categorizada e, por isso, socialmente inferiorizada, notamos que, para os puritanos, a feminilidade é um elemento a ser considerado de acordo com a conveniência dos objetos de discussão. Ao observarmos os questionamentos de Hester sobre a capacidade de leitura do pecado oculto no coração alheio, a ela atribuída pela letra escarlata, que, de acordo com seu discernimento “*poderiam ser, senão cochichos do anjo mau, que de boa vontade teria convencido a mulher*

311. Woodward in Silva, 1997. p 9

312. Ibidem.

313. Hawthorne, 1850. p 86

lutadora, sua vítima *apenas pela metade*,³¹⁴ percebemos a desconsideração por parte do poder patriarcal puritano, legando, assim, a culpa pelo pecado da maternidade adúltera somente à mulher, como se não houvesse um homem oculto tão pecador quanto Hester. Em razão disso, a costureira percebe que “*as exterioridades da virtude não passavam de mentira de que*”, e “*se a verdade se revelasse sempre, a letra escarlate teria que flamejar em muitos outros seios além*” do seu.³¹⁵ Essas observações fortalecem nossa hipótese de que, no Puritanismo, a visibilidade feminina não era regra; o caso de Prynne coloca, portanto, em movimento³¹⁶ uma identidade feminina estática e imutável, permitindo ao longo do romance que sejam identificáveis vestígios da autopercepção feminina como elemento presente na sociedade e essencial à constituição comunitária, reconhecendo-se que seu valor e importância não eram menores que o do grupo social masculino.

Percebemos, portanto, os feitos de Hester Prynne como uma colheita oriunda da semeadura realizada sobre um solo inapropriado para a lavoura. Paralelizamos, assim, a infertilidade do solo sobre o qual fora construída sua pequena cabana de refúgio e a mentalidade opressiva do patriarcado puritano; esse modelo social dominado pelos homens fazia também com que as mulheres se transformassem nesse solo infértil para ideais libertadores no campo dos gêneros. Embora a esterilidade do solo onde morava nunca tenha sido vencida, o solo social, para o qual a letra escarlate e a pequena pérola serviam de sementes, revela-se não tão infértil quanto se imagina ao começo da narrativa, transformando a arte manual de Hester e sua disposição como irmã de caridade em um arado através do qual trabalhou incessantemente aquela terra até que se tornasse propícia ao plantio.

Ainda tratando os acontecimentos provocados por Hester em termos de plantio e colheita, salientamos que a narrativa não nos apresenta a frutificação dos seus ideais; como mencionamos acima, apenas os indícios de uma identificação por parte das mulheres puritanas de Boston é perceptível. Pearl, contudo, merece especial atenção em relação à continuidade dos propósitos de reconfiguração social ensejados por sua mãe. Por inúmeras vezes a menina é apontada como causa e consequência dos martírios e humilhações sofridos pela costureira, percebemos Pearl também como causa e consequência da socialização de Hester Prynne, bem como sua investida contra os poderes autoritários patriarcais puritanos. Por intermédio dela, a subjetividade da mãe é perceptível, mesmo que muitas vezes seja expressa de maneira a questionar as origens da filha, mistificando a própria criação.

Considerando a arte de Hester como singularmente reveladora de sua feminilidade, e sua filha como uma das representações da letra que mais expressivamente simboliza sua arte e

314. Hawthorne, 1850. p 86

315. Ibidem.

316. Hall, 2009. p 108.

feminilidade, entendemos esse misticismo atribuído a sua existência como vinculado à idéia de uma mulher verdadeiramente feminina em formação. Apesar dos feitos de sua mãe em prol da identificação feminina no romance diferentemente da imagem de mulher puritana masculinamente construída por aquela cultura, lembramos que, inicialmente, Hester era parte daquele grupo; ela era puritana, portanto, educada para ser uma mulher puritana, provocando posteriormente uma revolução ideológica não em razão de um conflito entre a mulher vinda de Amsterdã e aquela que se firmou na Nova Inglaterra, mas entre a mulher puritana cuja exposição pública e humilhação forçaram um renascimento a partir do sofrimento, criando um discurso próprio que, auxiliado pelo isolamento, pôde se fortalecer distante da opressão masculina. Diante disso, sua filha é o primeiro fruto dessas realizações evoluídas do seu sofrimento; ainda em termos de plantio e colheita, seria ela a primeira safra de um ser feminino autorreconhecível e autorrepresentável, alheando-a à opressividade patriarcal comum à formação das crianças puritanas. O espanto diante daquele ser por ela mesmo gerado e criado ao longo dos anos se deve, entendemos, ao próprio estranhamento diante de um ser diferenciado daqueles com os quais sua cultura puritana tinha proporcionado contato até então. Naquele ambiente colonial, a menina simboliza a primeira mulher não nascida como uma subclasse, ou uma espécie inferior em relação aos homens, salientando, mesmo para Hester, uma nova espécie humana surgindo na colônia através de Pearl.

Dessa forma, a menina esquisita surge como a obra mais provocadora e significativa nesses anos em que, em busca do próprio sustento, Hester desenvolveu sua carreira artística através do bordado e da costura. Pearl pode ser representada, portanto, como uma peça a que sua mãe se dedicou durante um longo tempo a bordar, não sobre o tecido, mas no seio da própria sociedade em que vivia; da mesma forma que a letra escarlata foi responsável por uma transformação na costureira, a menina representava também um símbolo de transformação social. Embora não sejam detectados ou informados elementos capazes de identificar uma ação direta de Pearl na sociedade, sua existência foi a responsável pelas transformações provocadas por sua mãe, pois não fosse a menina, Hester não teria obrigação ou necessidade de se socializar com aquela comunidade que a baniu. Observando Pearl como uma obra de arte expressiva de sua mãe, percebemos que sua simples existência já é desagradável para os puritanos, tendo em vista o pouco apreço que aquela cultura reservava a produções artísticas. Embora tenhamos destacado aqui os trabalhos poéticos de John Milton e Anne Bradstreet, percebemos que a dedicação dessas produções ao fortalecimento dos propósitos preconizados pela cultura puritana foi a única responsável por destacar aquelas obras no campo da imaginação dos colonos. Representações ficcionais como a própria Literatura, por exemplo,

eram vistas como desnecessárias e, muitas vezes, nocivas à sobrevivência da colônia, pois eram consideradas uma distração e uma enganação, mesmo por figuras importantes da história estadunidense, como Benjamin Franklin.³¹⁷ Entendida como uma distração em razão de que, tendo contato com obras não dedicadas à reprodução do modelo patriarcal rigidamente religioso, o indivíduo deixaria de se dedicar à leitura e interpretação bíblica; como nos aponta Edmund Morgan,³¹⁸ essa aversão fazia parte do discurso religioso promovido em sermões da época, como pelo Reverendo John Cotton, em que solicitava que o ensinamento de leitura às crianças fosse realizado exclusivamente a partir das *Sagradas Escrituras*. A aversão às produções artísticas era de tal maneira evidente na colônia que foi entendida como enganadora em razão de representar acontecimentos inexistentes, frutos da capacidade imaginativa e de percepções subjetivas dos autores. Temendo a influência da ficção na formação intelectual dos jovens, uma decisão da Corte Geral de Massachusetts determinou que fossem realizadas leituras bíblicas nas escolas. O motivo dessa decisão era a associação entre as produções artísticas e os possíveis desvios no objetivo geral de salvação da comunidade. Segundo o mesmo Reverendo,³¹⁹ “*o principal projeto daquele velho ludibriador, Satã, é manter o homem distante do conhecimento das Escrituras.*”

A incisiva presença da religiosidade na educação formal e informal dos jovens puritanos nos aponta para uma justificativa para a repulsa daquela cultura pela expressão subjetiva, e, portanto, para a própria existência da menina. A referência satânica com que é tratada a produção artística pode ser dita como impressa na intelectualidade sagrada puritana também a partir de uma opressão direta aos jovens no intuito de manter os padrões comportamentais pregados pelas lideranças patriarcais. Nesse aspecto, percebemos Pearl como uma produção meticulosamente trabalhada pela mãe, distante da opressão costumeiramente imposta pelos pais; como vemos na narrativa, a peculiaridade da menina impôs a Hester um cuidado diferenciado em sua criação, pois a lembrança do discurso opressivo que a transformou em uma prostituta para a sociedade impediam-na de reproduzir em Pearl um modelo opressivo masculinamente determinado. Entendemos esse contraste como essencial ao reconhecimento da menina como um fruto de uma educação resultante das considerações maternas acerca da opressão por ela vivida em companhia de sua filha desde o início dos seus tormentos. Isso fica bastante evidente ao observarmos que

Naqueles dias a disciplina doméstica era um tipo muito mais rígido que o de agora. Usavam-se a carranca, a reprimenda áspera, a aplicação frequente do açoite, preconizada pela autoridade da Escritura, não só para punir as faltas já

317. Baym, 1986. p xv

318. Morgan, 1966. p 88.

319. Ibidem. p 89.

cometidas, **mas também como um regime salutar para despertar e desenvolver todas as virtudes infantis**. Hester Prynne, todavia, mãe solitária de uma filha única, corria pouco perigo de pecar por excesso de severidade. **Sempre lembrada dos seus próprios erros e desditas**, a princípio pensou em estabelecer sobre a menina entregue à sua responsabilidade um controle suave, porém vigilante. Entretanto a tarefa estava além da sua habilidade. (...) **Viu-se compelida a se por de lado e deixar que a criança seguisse os seus impulsos naturais.**³²⁰

Ao destacar a ação da mãe em deixar que os impulsos naturais da filha norteassem seu desenvolvimento, Hawthorne reforça a ligação entre Pearl e os elementos da natureza social e biológica que a cercavam; é perceptível ao longo do romance que a relação entre a menina e os ambientes em que se encontra é de extrema liberdade, relacionando-se com o meio de maneira íntima, como se os caminhos por onde seguia lhe pertencessem, não tendo importância se o local de exibição de seu ânimo pueril fosse, por exemplo, tumbas de um cemitério, a floresta nos arredores da cidade, uma praia ou o chão da cabana em que vivia com sua mãe. De sua relação com os espaços da narrativa, destacamos aqueles em que a natureza é descrita como mais rica: a praia e a floresta. Nesses locais, a interação da menina com a vegetação e os animais é representativa para afirmarmos que o caminho que sua mãe foi compelida a seguir na sua formação, deixando-a seguir seus impulsos naturais, construiu um ser capaz de se expressar e se comunicar com os espaços em que interagia, livre das imposições puritanas sobre a educação infantil direcionada a um tipo de formação moral oprimida. Durante o passeio pela praia, momento em que sua mãe buscava por Roger Chillingworth a fim de lhe pedir permissão para revelar sua identidade ao amante, Hester manda Pearl para “*brincar com as conchas e com os sargaços enquanto ela conversava*” com o médico,³²¹ obedecendo o pedido, a menina corre livremente pela praia, descalçando-se e observando a si mesma reproduzida em um espelho d’água formado em um poço. Mais uma vez, o reflexo de sua imagem é destacado pela narrativa. Desta vez, contudo, o local em que sua imagem é refletida não é simbólico do poder opressor masculino, mas um elemento da natureza que, de acordo com a crença puritana, era uma criação divina. Pearl interage com a sua própria imagem, acenando e sendo por ela respondida de maneira a subentender um diálogo com aquela figura que “*namorou fantasiosamente (...) acenando para que ela saísse.*”³²² Entendemos que essa intimidade com a natureza e sua peculiar capacidade de interação com esse símbolo da criação divina nos indica a resposta para uma perturbadora questão que sempre aterrorizava sua mãe, bem como os puritanos de Boston: definitivamente, Pearl não tinha origens demoníacas.

320. Hawthorne, 1850. p 89. Grifo Nosso.

321. Ibidem. p. 150.

322. Ibidem P 158.

Essa resposta, entretanto, não é alcançada tão facilmente pela mãe. Vagarosamente, Hester reconhece em sua filha um contraste entre todos os sentimentos que carregava consigo e conquista da liberdade que estava decidida a ensinar a sua filha como parte de uma doutrina desconhecida mesmo por ela em sua educação puritana. Para Hester, *“aquela vivacidade era certamente um encanto duvidoso, que dava ao psiquismo da criança um timbre áspero e metálico. Faltava-lhe – o que na vida falta a muita gente – uma dor que a tocasse profundamente, e assim a humanizasse.”*³²³ Ainda que não completamente, o passeio por outro ambiente natural, a floresta, foi marcante para a mudança de opinião da mãe em relação à menina. Já não passa a apontá-la como um ser místico de origens estranhas. É também a partir da observação de sua filha em meio à natureza que Hester passa a reconhecê-la como um indivíduo portador de subjetividades, as quais eram capazes de provocar uma aproximação entre as personagens maior do que a relação de maternidade já existente; como vemos, *“surgia repentinamente no espírito de Hester a idéia de que Pearl, com sua notável e precoce acuidade, era capaz de já ter senso para se tornar uma amiga, enfronhada nas tristezas de que a mãe lhe pudesse comunicar sem desrespeito para qualquer das duas.”*³²⁴ Essa transformação na relação entre as duas ocorre ainda em um desses locais em que a natureza constitui o espaço narrativo, e após a pequena pérola escarlate estar completamente vestida por artigos da vegetação que a cercava. Durante seu passeio pela praia, a menina colheu ervas marinhas de várias espécies de maneira a reproduzir os talentos femininos da mãe na costura, e por ela herdados, no entanto sem a agulha, produzindo das plantas um traje que lhe dava o aspecto de uma pequena sereia; e

para arremate do traje de sereia, arrancou um pouco de capim-enguia e compôs, o melhor que pôde, no próprio seio, o emblema que tanto se acostumara a ver em Hester. Uma letra – a letra “A” – mais virentemente verde, em vez de escarlate! Olhou para o peito e contemplou o enfeite com estranho interesse, como se só tivesse vindo ao mundo para compreender o seu significado oculto.³²⁵

O acréscimo de significados na relação entre mãe e filha se dá em virtude de um jogo de fatores ligados à maneira seguida por Hester na educação da menina, bem como a sua ligação direta com os sofrimentos da mãe, fazendo com que a personagem fosse a única a compartilhar desde o início os martírios e humilhações da costureira. Como a narrativa nos mostra, desde o início de sua existência, Pearl desenvolveu *“os brotos de uma coragem inamolgável, de uma vontade irreduzível e de um orgulho atrevido,”*³²⁶ além de demonstrar profundo desprezo pelos elementos ao seu redor que fossem capazes de lhe transmitir o menor

323. Ibidem. p 164.

324. Ibidem. p 159.

325. Hawthorne, 1850. p 158.

326. Ibidem. p 159.

sinal de falsidade. Essas observações de Hester sobre o comportamento da menina ao longo daqueles sete anos levam a personagem a considerar que o verdadeiro efeito do mal que ela teria herdado da mãe em razão dos seus atos pecaminosos seria, verdadeiramente, expresso “*se daquela menina esquisita não desabrochasse uma nobre mulher.*”³²⁷ O que é reforçado pela clara aproximação estabelecida por Hawthorne entre as personagens de Hester e Pearl e Anne Hutchinson, personagem histórica de destaque na luta contra a opressão masculina no puritanismo colonial. Essa aproximação nos é significativa, pois a saída de Hester das portas da prisão de Cornhill é marcada pela citação de Hutchinson também como vítima daquela opressão, sendo a cena descrita como o momento em que a costureira estaria seguindo os passos da personagem histórica. Entendemos, portanto, certa relação de sucessão que extrapola a hereditariedade sanguínea, pois os martírios vividos historicamente por Anne Hutchinson teriam sido herdados por Hester Prynne, que por sua vez os transmitiu para sua filha mesmo antes desta chegar ao mundo.

Esses sofrimentos, entretanto, não foram a única herança legada à Pearl antes de seu nascimento; percebemos que tanto os elementos que resultaram no transe da humilhação vivido sobre o cadafalso de *A Praça do Mercado* quanto elementos influentes na formação do caráter da menina lhe foram adquiridos antes da vida terrena. Isso fica mais evidente quando percebemos a tentativa de Hester de desvendar os mistérios que considerava haver acerca de sua filha, alcançando respostas somente quando recorria às memórias do

período em que Pearl estava absorvendo uma alma do mundo espiritual, e do mundo terreno os elementos do organismo físico. Por meio do estado passional da mãe, haviam sido transmitidos à filha ainda não nascida os primeiros clarões da vida moral.³²⁸

A partir disso, percebemos que, tal como a letra escarlata bordada durante o período de aprisionamento de Hester Prynne, Pearl é também fruto das subjetividades da mãe, como também de sua identidade movimentada a partir dos conflitos gerados por seu pecado. Como efeito desse movimento, Hawthorne nos informa que a criança foi dotada de atributos belos e brilhantes, todavia desordenados; diferentemente das demais crianças da colônia, que têm uma participação ainda menos expressiva que os demais puritanos no romance, a menina possuía qualidades originais; tais qualidades, “*cujo centro de dispersão e coesão se tornava impossível de descobrir,*”³²⁹ distinguem a criança não somente das outras crianças, mas também de qualquer outro membro do grupo puritano colonial. Apesar de excluída do convívio social, Hester se difere também de Pearl, em razão de poder ser reconhecida como

327. Ibidem. p 160.

328. Hawthorne, 1850. p 88

329. Ibidem. p 87.

puritana no período anterior à visibilidade do pecado que concebeu sua filha. A menina, por sua vez, já nasceu excluída daquele meio, impregnada com todas as inquietações do espírito de sua mãe, que revia na pequena pérola “*a sua atitude agressiva, desesperada, arredia; a volubilidade do seu humor e, mesmo, algumas nuvens de melancolia que lhe turvavam o coração.*”³³⁰ Como aponta Nina Baym,³³¹ a partir de apontamentos como esse, reconhecemos em Pearl um aspecto típico da escrita de Nathaniel Hawthorne, sua construção textual em que inúmeras camadas simbólicas se revelam de maneira a transformar um símbolo em um personagem e um personagem em um símbolo. A autora aponta ainda que, dadas as definições e considerações plurais acerca da representação simbólica em *The Scarlet Letter*, a própria letra escarlata pode ser considerada como um dos personagens principais, senão o principal, pois o “*exame do uso da letra mostra que sua função filosófica principal é colocar em questão os fundamentos em que cada um dos significados pode apontar para a existência de um sentido desse ‘A’ para qualquer coisa.*”³³²

Esse “*qualquer coisa*” a que Baym se refere, aqui disposto como tradução para o termo em inglês *Anything*, reforça nossa afirmação de que Hester Prynne é iniciadora de uma nova identidade feminina, cuja mulher primeira é a própria filha. Essas características fundadoras da personagem se relacionam, entretanto, com outros aspectos que a narrativa atribui às personagens, um significado inicial como um sinal de dor para todos os personagens;³³³ isso porque, em razão dos conflitos por elas iniciados na trama, percebemos a destruição de todos os personagens. É a partir do desenvolvimento dessa identidade feminina essencial à constituição da sociedade que vemos a falência de todos os símbolos do poder absoluto patriarcal: o definhamento da liderança intelectual, nas deformações progressivas de Roger Chillingworth, também visto como o cabeça de uma Hester puritana; e a demonstração da fraqueza de caráter ilustrada nos sofrimentos e omissões de Arthur Dimmesdale.

Entendemos, pois, que a letra é um verdadeiro símbolo contra a hipocrisia moral puritana atacada por Hawthorne no romance. A partir de uma marca identitária obrigatoriamente vestida por Hester em razão da contrariedade de suas ações, percebemos que a identificação dos puritanos em relação a Hester se dá somente através desse signo por eles mesmos criados em razão de que eles também somente podem ser identificados a partir daquela letra.

330. Ibidem 329.

331. 1986. p 83

332. Ibidem. “*examination of the use of the letter shows that its chief philosophical function is to put in question the very grounds on which one can insist that there is ‘A’ meaning for anything*” Tradução Nossa.

333. Bensusan in Bloom, 1996. p 53

“A letra não é mais do que um ponteiro para a verdade, que está em algum lugar. A verdade a que a letra se refere é um mundo divino invisível: não ‘do lado de dentro’ do coração humano (tal visão, apesar da suposta ortodoxia de Dimmesdale, é realmente uma antinomiana), mas inteiramente fora do ser humano, em um lugar além do tempo e do espaço em que Deus tem a sua habitação. A lei Puritana, para os legisladores Puritanos, é a representação personificada da palavra divina”³³⁴

Entendemos que essa verdade externa ao ser humano apontada pela letra se refere aos elementos invisíveis à cultura puritana, mas caracterizados por marcações visíveis. Ao colocar sobre o peito de Pearl uma letra “A”, não escarlate como a de Hester, mas verde em função de ser aquele símbolo construído a partir da própria natureza criada por Deus, Hawthorne salienta essa função da letra como indicador dos elementos que necessitavam ser visíveis para a sociedade de visibilidade; Pearl já representava um elemento a ser visível, pois ela era a própria letra, anterior a letra “A” que a mãe carregava sobre o peito. Ela é a razão pela qual Hester Prynne foi marcada, passando a ser visível. Com a letra verde sobre o peito, Pearl simboliza sua vontade em se individualizar socialmente, tornando-se mulher num sentido pleno, uma *“mulher para o mundo,”* distante daquele conceito feminino patriarcalmente construído e necessariamente submisso; uma mulher atuante, independente e autodeterminada, uma mulher humana, não uma subespécie derivada do homem. Não por acaso *“faltava-lhe aproximação e integração no ambiente em que nascera,”*³³⁵ pois não pertencia ao mundo hierarquicamente instituído, não fora ensinada a reconhecer a superioridade masculina. Sua identidade foi construída a partir de um convívio social não hierarquizado com sua mãe; nota-se na menina, portanto, o desejo em se tornar uma Hester Prynne como a construída ao longo do romance a partir das transformações por ela sofridas e por Pearl testemunhadas.

334. Ibidem 332. p 85. “The letter is no more than a pointer to a truth that is somewhere else. The truth to which the letter refers is in an invisible, divine world: not ‘inside’ the human heart (such a vision, despite Dimmesdale’s supposed orthodoxy, is really antinomian), but outside the human being altogether in a place beyond time and change where God has his dwelling. Puritan law, to Puritan rulers, is the representation in ‘characters’ of divine word.” Tradução Nossa.

335. Hawthorne, 1850. p 85

CONCLUSÃO

Para Nathaniel Hawthorne, o propósito puritano de construção de um Visível Reino de Deus na Nova Inglaterra se constituía uma utopia de felicidade; justificando essa utopia, nos introduz na ainda incipiente colônia de Boston-Massachusetts, cujos rígidos referenciais religiosos da congregação lá existente, não muitos anos após a travessia do Atlântico, não eram suficientes para que a comunidade se visse livre dos desvios de conduta dos seus membros, sendo necessário que uma prisão fosse construída. A primeira descrição que temos dessa carceragem transmite a imagem de um prédio já envelhecido, mesmo sendo a colônia ainda recente, demonstrando que a instalação de um reino livre dos pecados e dos crimes não passava de um dos inúmeros elementos presentes em um discurso hipócrita de salvação coletiva pregado pela elite religiosa e reproduzido pelos fiéis santificados.

Em contraste com a decrepitude da edificação prisional, temos uma roseira, cuja beleza resiste aos inúmeros tons de cinza que se espalham pela multidão que aguarda a saída de Hester Prynne do interior do cárcere para sua exposição pública na Praça do Mercado. A saída da costureira da prisão dá início a inúmeros outros contrastes e conflitos, a partir dos quais inúmeras discussões são cabíveis, algumas das quais nos propusemos a discutir neste trabalho. Entre as várias possíveis, selecionamos as relacionadas à identidade e subjetividade femininas. Esse primeiro contraste entre a flor e a prisão parece nos remeter à mais veemente aporia do romance, uma aporia que não nos é tão facilmente perceptível cotidianamente, mas que não escapa à atualidade porque, apesar de trabalharmos uma obra escrita em 1850, as hierarquias sociais ainda nos parecem bastante segregadas sexualmente. No caso da colônia puritana representada por Hawthorne em *The Scarlet Letter*, a hierarquização é visivelmente baseada em critérios biológicos, criando estratificações sociais baseadas nos gêneros e funções sociais.

Como vimos ao longo deste texto, o romance analisado reproduz um sistema social em que, inicialmente, o grupo social masculino é preponderantemente mais representativo que o grupo social feminino. Esta separação biologizante, apesar de ser a mais discutida neste trabalho, por ser a mais visível, não evidencia todo o sistema hierárquico puritano; entendemos que o fator biológico da hierarquização social puritana é, na verdade o ponto comum entre todas as demais divisões, a exemplo do grupo detentor da maior parcela do poder na Nova Inglaterra, os representantes da Igreja. Ao iniciar a obra citando a personagem histórica Anne Hutchinson, percebemos não somente que estaremos diante de uma representação da opressão à mulher, mas de um referencial histórico

em que o grupo social feminino era afastado de qualquer representatividade, principalmente a religiosa. Ao observarmos a condição feminina dentro das formações familiares, seja como filha ou esposa, percebe-se seu papel secundário, subserviente e submisso aos mandamentos do líder familiar, o cabeça através do qual a mulher deveria alcançar a Divina Essência. Dentro de uma comunidade voltada para a construção de um Visível Reino de Deus, para que esse reino fosse construído, a mulher tinha esse papel essencial, ou seja, um papel secundário, invisível socialmente, dado somente às peculiaridades da *Pequena Igreja* da qual fazia parte dentro do lar sob a regência do seu esposo.

Fora do lar, a mulher ocupava um espaço físico na sociedade, não um espaço representativo. A cena de *A Praça do Mercado* evidencia essa existência anônima da mulher, que se representa nas vozes de matronas e pessoas inexpressivas, cujas opiniões são carregadas de uma *Vingança Privada*, oriunda de um discurso visivelmente masculinizado. Isso, somado às cores das vestimentas tipicamente puritanas, também retratadas no referido capítulo, nos apresenta mulheres invisibilizadas publicamente, camufladas na penumbra das cores entristecidas e faces carrancudas, e socialmente em razão dos seus discursos carentes de voz própria. Isso se deve, principalmente, ao fato de que a mulher puritana era construída a partir de um discurso histórico ditado exclusivamente pelo grupo social masculino. Considerando o fato de que o homem tende a construir as posições de sujeito da mulher, a comunidade puritana de *The Scarlet Letter*, evidencia uma mulher puritana culturalmente construída a partir do homem, assumindo para si um discurso que promove seu apagamento de sua subjetividade, legando seu reconhecimento sobre sua significância social a uma posição acessória à figura masculina, cabendo-lhe uma posição de referencial moral para sua família. Ao cometer o adultério, Prynne ofendeu justamente essa dupla imagem feminina. Sua condenação se deu não apenas por contrariar os estatutos penais defendidos pelo Estado Puritano, aos quais os homens também deviam a mesma obediência, mas também por ofender a construção histórica do ser feminino puritano.

Sua atitude adúltera foi de encontro a uma imagem servil e sem iniciativa da mulher puritana; o descobrimento sexual, naquela cultura, não denota um tipo de descobrimento de si, do próprio corpo, e do outro. Fazia parte de uma rotina conjugal, sendo assim permitida somente a casais já unidos em matrimônio. Não encontramos registros históricos que associem as relações sexuais no puritanismo somente com finalidade de reprodução, mas percebe-se que ela era uma obrigação conjugal para ambas as partes. Sendo a conjunção carnal permitida somente a pessoas casadas, Hester violou tanto os valores matrimoniais a que estava atrelada com Roger Chillingworth, bem como os valores

matrimoniais de toda a sociedade em que estava inserida. A educação das mulheres no puritanismo era voltada para o desempenho prático de suas funções acessórias como esposa; já os homens eram educados para serem os líderes, ainda que somente de sua família. Para os puritanos, o casamento era uma das finalidades de sua existência, não havendo sentido na vida de um homem se não desempenhasse o papel de chefe de uma família. Destacamos aqui a ausência de sentido da vida de um homem, pois a eles a união matrimonial era algo incentivado a fim de que ocupassem o lugar de liderança dentro de, ao menos, um pequeno círculo social; ao homem, o casamento se constituía em um caminho necessário a seguir a fim de que a salvação fosse alcançada. À mulher, entretanto, o casamento era a ferramenta necessária para entrar em contato com aquele responsável por guiá-la rumo à salvação. Dessa forma, percebe-se uma diferenciação entre os papéis do homem e da mulher dentro dessa instituição, pois o alcance dos propósitos comunitários era de responsabilidade masculina, cabendo à mulher uma participação residual nessa construção social.

Dentro desse modelo social, tanto para homens quanto para mulheres, não é oportunizada a escolha em relação aos destinos a serem seguidos em sua vida. Seguir independente de um vínculo conjugal não era algo admitido como normal, mesmo para os membros das lideranças locais; como se percebe em *The Scarlet Letter*, mesmo o jovem reverendo Dimmesdale era cobrado para que *escolhesse* uma de suas muitas jovens adoradoras para se unir em matrimônio. Hester, mesmo tendo chegado na Nova Inglaterra casada, e vivendo aos olhos da comunidade puritana como viúva, uma vez que a identidade de seu marido, dado como morto, não é revelada aos membros da congregação, exceto para Arthur, encontra-se em pleno exercício de uma identidade independente dos valores tradicionais do puritanismo. Isso em razão de que a própria pena imposta pelos clérigos e magistrados a colocaram em uma posição cuja necessidade de sobrevivência dependia dessa independência. Até o fim do cumprimento de sua pena privativa de liberdade, e início de sua pena de banimento, Hester não havia se deparado com a necessidade de sobreviver fora do ambiente puritano ao qual estava habituada.

Ao iniciar seus trabalhos com a costura e o bordado, em um isolamento não completamente solitário em razão da companhia de sua pequena Pearl, causa, consequência e testemunha dos seus martírios, Hester experimentou um estilo de vida não puritano, ainda desconhecido pela comunidade que lá havia se instalado. Dessa forma, Prynne se constituiu a primeira mulher ex-puritana da Nova Inglaterra, o que exigiu que ela reconstruísse sua identidade; essa reconstrução, entretanto, não poderia se distanciar completamente do que era

socialmente aceito pela comunidade puritana, pois sua permanência na Nova Inglaterra estava vinculada à marcação simbólica que recebera; isso porque, mesmo excluída do convívio puritano, ela não deixava de estar presente no cotidiano da colônia. Por isso, a condição para que retirasse a letra “A” de seu peito era que se retirasse da América. Prova de que sua reconstrução identitária não poderia entrar em extremo choque com a cultura puritana foi a tentativa das elites sociais de retirar dela a guarda de sua filha. Para nós, as narrativas relacionadas à discussão entre Hester e os representantes do grupo social dominante de Boston tonificam a perspicácia da costureira em, baseada na cultura em que foi criada, construir-se como mulher independente, líder de sua pequena sociedade, sem ferir pressupostos essenciais da tradição histórica e cultural puritana. Isso em razão de que todos os papéis sociais desempenhados por Hester Prynne ao longo do romance estão relacionados com as penas impostas pelos próprios líderes daquela sociedade.

Se Hester se executou como cabeça de sua família, sendo a responsável pelo seu provimento material, espiritual e educacional, não foi por ter assumido uma postura subversiva, ou ofensiva às hierarquias de gêneros presentes no puritanismo, mas em virtude do grupo social dominante daquela sociedade tê-la excluído. O mesmo acontece com sua participação ativa na vida comercial da cidade. Ainda que sem participar de transações comerciais responsáveis por grande movimentação financeira, ela se utilizou de suas habilidades com a agulha para oferecer à comunidade um produto de interesse. Apesar da coletividade social puritana ser sempre retratada de maneira anônima e vestindo-se em cores lúgubres, às elites sociais é atribuída uma necessidade constante de ostentação. Em mais um componente do que chamamos de *Hipocrisia da Visibilidade*, as autoridades e pessoas de destaque em *The Scarlet Letter* necessitavam de seus serviços a fim de se destacarem ainda mais dessa coletividade cinza: precisavam de maior visibilidade nesse Visível Reino de Deus em que todo o seu poder era baseado em elementos visíveis. O que começava com a visibilidade biológica, ou seja, a construção física do corpo, se traduz também na ornamentação desse corpo. Assim, enquanto a população da Nova Inglaterra é cinza e anônima, a elite social puritana é decorada e nomeada. Algo que não nos foge, entretanto é que se esses personagens deixam o anonimato e passam a ter cores ornamentando suas vestes é em razão de sua relação com Hester Prynne. A existência individualizada de todos os personagens do romance, bem como os detalhes que destacam ao público sua autoridade social são, portanto, dependentes da existência de Hester Prynne. Anteriormente afirmamos que o homem tende a criar posições de sujeito para a mulher, e essas posições de sujeito femininas, automaticamente, tendem a construir o discurso que fortalece o grupo

social masculino como dominador. Em *The Scarlet Letter*, percebemos a subversão de um discurso feminino masculinizado, destacando a figura feminina como essencial à existência da própria figura masculina; ainda que Hester Prynne cumpra fielmente as penas a que foi submetida, seu caminhar pelas ruas daquela cidade puritana não é feito da mesma maneira que as demais mulheres o fazem, pois ela não é uma das demais mulheres, sequer é aceita como parte daquela congregação. Hester é uma estrangeira em terras um dia por ela habitadas; a letra foi seu passaporte para um lugar não dominado pelas autoridades que anteriormente suprimiam sua capacidade representativa, ignorando-a como portadora de subjetividades. A visibilidade de seu pecado, portanto, retirou a personagem da condição de invisibilidade a que todas as mulheres puritanas estavam sujeitas.

As relações entre a condenação e suas consequências na sociedade puritana de *The Scarlet Letter* nos traz novamente à discussão a personagem histórica Anne Hutchinson. Também condenada ao banimento, sua morte pelas mãos de nativos foi aceita por inúmeras lideranças da época como uma ação da própria providência. Hester, por sua vez, foi lançada sobre um terreno infértil, abandonado há anos pelos colonos em razão de não ser propício ao plantio; após o seu padecimento sobre o cadafalso, entendemos que o banimento da costureira àquelas terras foi a execução de uma pena implícita, a morte por perecimento. Sem condições de lavrar a terra para dela colher seu sustento e, assim como qualquer outra mulher, sem espaço para participar ativamente das transações comerciais da colônia, inicialmente não havia condições para que pudesse se manter, bem como prover materialmente sua pequena Pearl. Dessa forma, dá-se a aproximação entre a personagem histórica e a personagem de Hawthorne, uma vez que a repulsa dos puritanos pelas ações praticadas por Prynne era tamanha que muitos dos presentes a sua exposição pública ficaram insatisfeitos com as penas aplicadas por serem demasiadamente brandas. A pena capital era, de fato, prevista como aplicável a casos de adultério na colônia, contudo foi aplicada apenas cerca de quatro vezes; dessa forma, tal como o acontecido com Hutchinson, o banimento se constituía em uma pena de morte indireta, ou seja, o objetivo de sua aplicação não seria alcançado até que o condenado perecesse.

Subsistir e sustentar sua filha, portanto, transformam-se na única alternativa ao alcance de Hester a fim de que a pena de perecimento não seja executada por completo. Indigna de ser chamada de mulher puritana, de acordo com as convenções culturais que cercavam esse termo, Prynne encontra sustento a partir de trabalhos culturalmente atribuídos à mulher. A narrativa destaca que a costura e o bordado eram, naquela época, atividades praticadas pelo sexo feminino praticamente com exclusividade, inferindo que outras mulheres

eram capazes de costurar e bordar na Nova Inglaterra; o narrador é enfático, contudo, em informar que as habilidades de Hester Prynne com a agulha eram incomparáveis, sendo seus trabalhos incapazes de ser reproduzidos mesmo anos após, quando os manuscritos do administrador da alfândega são encontrados. Uma vez que a narrativa vincula esse tipo de trabalho à mulher, entendemos que a própria feminilidade de Hester, sua performance como mulher e capacidade representativa do seu grupo social são também inigualáveis. Dessa forma, compreendemos que sua sobrevivência ao banimento se deu não somente pela receptividade dos seus trabalhos no incipiente comércio de Boston, mas pela sua inigualável capacidade em se executar e se representar como mulher naquele mundo dominado por políticas direcionadas ao grupo social masculino. Se Anne Hutchinson foi acusada de ter ocupado posições sociais exclusivamente masculinas, Prynne ocupou tais posições sem deixar de expressar sua capacidade de ser mulher, sem deixar de lado sua feminilidade e habilidade próprias, o que, para os puritanos, era relacionada simplesmente a sua construção biológica feminina.

Outra exclusividade feminina, essa sim, biológica, serve para que vejamos os conflitos gerados a partir do adultério de Hester Prynne como essenciais para o surgimento de uma identidade feminina portadora de subjetividades na colônia puritana: a maternidade. Em *O Palácio do Governador*, oportunidade em que é discutida a possibilidade de retirada da guarda de Pearl de sua mãe, nos deparamos com o mais evidente confronto entre as estruturas estruturantes do poder puritano e um modelo feminino ainda desconhecido na Nova Inglaterra. Esse modelo feminino em que reconhecemos Hester se vê multiestratificado, pois ela executa concomitantemente os papéis de mãe, líder familiar, representante de sua pequena sociedade e indivíduo dotado de subjetividades, os quais alimentam um discurso avesso ao paternalismo autoritário daquelas lideranças. Nesse momento da narrativa, Prynne aborda inúmeras questões dogmáticas daquela sociedade, como a formação espiritual e o papel social da mulher. A personagem admite-se, naquele momento, como responsável pelo provimento material e espiritual de sua filha, afirmando perante as veneráveis autoridades puritanas que, desde o início do cumprimento da pena de banimento, ela tem exercido como um indivíduo pleno, indiferente a sua construção biológica e totalmente capaz de sobreviver àquilo que, para eles, era uma condenação indireta à morte. Nesse momento de conflito, Hester apresenta àqueles representantes um modelo feminino capaz (do inglês *Able*, significado secundário atribuído a letra “A” de seu peito após a personagem se tornar extremamente caridosa e solícita aos necessitados; para muitos o significado inicial era ignorado em razão da transformação causada por Hester Prynne), independente de uma figura masculina como

cabeça responsável por nutrir seu corpo e sua alma com as bênçãos divinas. Ao clamar pelos seus direitos de mãe, obrigou aqueles representantes comunitários a observar a existência de um indivíduo do sexo oposto dotado de capacidades antes ignoradas ou emudecidas pelo autoritarismo masculino. A condenação exclusória impediu que qualquer um daqueles representantes puritanos presentes na casa do governador Bellingham fosse capaz de falar pela condenada da mesma maneira que faziam em relação às mulheres da colônia, pois ela já não mais fazia parte daquela comunidade; dessa forma, a pecadora teve a oportunidade de assumir o próprio discurso e confrontar os desmandos falocêntricos daqueles líderes, agindo, como o fazia no bordado, de uma forma que as demais mulheres da Nova Inglaterra não eram capazes de reproduzir.

Tanto as lideranças patriarcais limitaram seu próprio poder sobre Hester que o único momento em que as estruturas estruturantes da Nova Inglaterra atuaram de modo mais incisivo na imposição de suas vontades sobre ela é verificado no capítulo *O Palácio do Governador*, momento em que é discutida a possibilidade de retirada da guarda da pequena Pearl de sua mãe. Esse momento da narrativa, entretanto, é revelador em razão de ser o confronto mais evidente entre essas estruturas de poder e um modelo feminino ainda desconhecido na colônia. A partir desse conflito relacionado aos cuidados da menina, reconhecemos Hester Prynne como um indivíduo portador de subjetividades, sendo ela capaz de se representar perante as lideranças patriarcais e discutir em pé de igualdade algumas questões dogmáticas em relação aos papéis sociais da mulher naquela sociedade. Naquele momento, Hester Prynne se fez reconhecida não somente como mãe de Pearl, mas também como responsável pelo seu provimento material e espiritual. Ao clamar pelos seus direitos de mãe, obrigou aqueles representantes comunitários a observar a existência de um indivíduo do sexo oposto dotado de capacidades antes ignoradas ou emudecidas pelo autoritarismo masculino. A condenação exclusória impediu que qualquer um daqueles representantes puritanos presentes na casa do governador Bellingham fosse capaz de falar pela condenada, pois ela já não mais fazia parte daquela comunidade; dessa forma, a pecadora não teve alternativa, senão assumir o próprio discurso e confrontar os desmandos falocêntricos daqueles líderes.

Dessa forma, o banimento e as demais penas a que Hester Prynne foi submetida foram essenciais para que aquele sujeito feminino iniciasse a edificação de uma identidade verdadeiramente feminina. Uma vez que nossa perspectiva de identidade está baseada no conjunto de elementos simbólicos que dinamizam as relações sociais de maneira a categorizar um indivíduo ou um grupo, definindo quem e o que aquele indivíduo é ou representa,

entendemos que, apesar de se edificar como mulher a partir de sua morte simbólica sobre o cadafalso, em *A Praça do Mercado*, a costureira se mostra ciente das faltas cometidas contra os padrões comportamentais da sociedade em que vivia, bem como contra os princípios religiosos puritanos; por esse motivo, ela cumpriu fielmente suas penas, mesmo depois de ter sido perdoada pelo poder patriarcal, sendo autorizada a retirar a letra “A” que carregava sobre as vestes como marca do seu adultério. Assim como Hester, entendemos que, por mais aviltantes que suas penas tenham sido, principalmente quando observadas a partir dos conceitos modernos de punibilidade e execução penal, sua condenação seguiu os padrões alcançáveis pela legislação da época. O que percebemos ao longo do romance, entretanto, não é o questionamento sobre a validade das penalidades impostas, mas sim uma séria crítica à natureza das condenações, pois o desenvolvimento do romance nos mostra um intenso conflito entre os objetivos utópicos de virtude e felicidade semeados na busca da construção do *Visível Reino de Deus* e a *Hipocrisia Moral* que estava presente em todos os campos da vida comunitária. Como demonstramos em nossas discussões, essa hipocrisia moral se revela ao observarmos que, sendo a fornicação considerada um ato adúltero, inúmeros eram os casos de casais assumirem a prática do adultério após terem contraído matrimônio.

Outro exemplo dessa hipocrisia denunciada na obra é vista na personagem Mrs. Hibbins, que, praticante de bruxaria, é inalcançável pelas leis da colônia em razão de ter ligações com o poder político da época. Nessa relação de hipocrisia e poder, acreditamos que a figura mais significativa do romance é o amante de Hester Prynne. Arthur Dimmesdale é um renomado pastor puritano, a quem se atribui a liderança espiritual de muitos fiéis da congregação. Mesmo ciente de sua parcela de culpa naquele ato em que Prynne é interrogada sobre o cadafalso, omite sua participação naquela falta, chegando a questioná-la em público sobre a paternidade de Pearl. É fato que, ao final do romance, Dimmesdale confessa à comunidade sua culpa; entretanto, as consequências de sua confissão são diversas e ineficazes; muitos dos seus fiéis ficaram impávidos, outros associaram sua proclamação seguida de sua morte como um ato de remissão dos pecados daquela comunidade. Essas reações diversas nos chamam a atenção em razão de que, segundo o próprio reverendo, a comunidade lhe era tão devota que seria incapaz de compreender a veracidade do seu depoimento. Entretanto, sabemos que durante sete anos o pastor esteve à frente da congregação pregando seus sermões efervescentes e acalorados, doutrinando a população contra a prática do pecado, enquanto Hester Prynne era alvo do ostracismo social. Como apontamos anteriormente, mesmo o discurso feminino era construído a partir do entendimento e discernimento do grupo social masculino; dessa forma consideramos que esses sete anos na

liderança espiritual da congregação foram suficientes para que Arthur Dimmesdale conseguisse construir para si uma identidade santificada para a comunidade. Além disso, durante os sete anos em que Hester Prynne esteve portando sobre o peito aquele ferrete, os significados depositados sobre a marca, bem como sobre a pecadora e sua filha foram alterados. No pensamento de muitos colonos, Hester já tinha se transformado em uma pessoa indispensável à comunidade; como mostra a narrativa, sua presença nos leitos de morte era tão requisitada quanto a dos clérigos para suas últimas orações, não somente em razão de que ela era a responsável por confeccionar a mortalha dos que faleciam, mas porque o perdão pelas ofensas lançadas era vital para que pudessem entrar no reino de Deus, como se fosse a própria pecadora a responsável por conduzi-los pela mão até as portas do paraíso. Assim, consideramos a última cena do cadafalso como o momento máximo da hipocrisia puritana.

Além de denotar a hipocrisia moral daquela sociedade patriarcal, aquela cena se destaca também como o momento máximo da figura feminina naquele contexto. Isso porque funciona como fechamento de um conjunto de transformações iniciado no rito de passagem de Hester e Pearl em *A Praça do Mercado*. Todos os personagens sofrem visíveis transformações ao longo do romance; Roger Chillingworth definha fisicamente, chegando a se assemelhar ao próprio Satã, de acordo com os colonos. Arthur Dimmesdale se abate severamente, vindo a falecer em razão de seu contínuo enfraquecimento físico, motivado, segundo o próprio reverendo, pela certeza de sua culpa. Apesar de também sofrerem transformações físicas, Hester Prynne e Pearl se destacam por suas transformações invisíveis. Entendemos que tais transformações também funcionam como crítica ao modelo social puritano, pois, ao destacar mudanças invisíveis nas personagens, sendo elas importantes para a edificação dos sujeitos e de suas identidades, a narrativa critica aquele quadro social em que tudo era regulado e reprimido de acordo com a visibilidade das ações. No *Visível Reino de Deus* não há espaço para o indivíduo e o grupo social feminino não reconhece um *eu*, senão um *eu* coletivo narrativizado pelo grupo masculino estruturante. Hester, entretanto, se individualiza a partir da visibilidade do seu pecado, que consideramos um ato de libertação contra princípios opressores à mulher, opressão essa emblematicamente pelo matrimônio, menor fragmento em que todos os homens detinham autoridade divina. Ao romper com os mandamentos sociais acerca do matrimônio, Hester Prynne passou a atuar de forma decisiva na transformação sofrida pela pequena pérola do romance. Pearl surge na trama como uma menina irrequieta que chora desesperadamente perante o público que execra sua mãe em razão do pecado do qual ela é causa e consequência. Ao fim do romance, em razão da herança

recebida de Roger Chillingworth, ela se torna a jovem mais rica do Novo Mundo; não são suas posses, entretanto, que denotam as transformações por ela sofridas, mas a transição de uma menina cujo pranto silencioso invade a multidão que a identifica como símbolo vivente da condenação da mãe para um indivíduo apto para ser uma mulher no mundo. Pearl, de símbolo do pecado, passa, em associação com a própria letra escarlate, a simbolizar o nascimento de uma feminilidade na Nova Inglaterra, fruto tanto dos sofrimentos, quanto da arte proveniente das mãos habilidosas de Hester Prynne.

REFERÊNCIAS

- BAYM, Nina. **The Scarlet Letter: A Reading**. Boston: Twayne Publishers, 1986.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BLOOM, Harold. (Edit.) **Hester Prynne**. New York: Chelsea House Publishers, 1990.
- _____. **Bloom's Reviews**. New York: Chelsea House Publishers, 1998.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BUTLER, Judith P. **Gender Trouble: Feminism and The Subversion of Identity**. New York, Routledge, Chapman & Hall. Inc. 1990.
- CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CUDD, Ann E., ANDREASEN, Robin O. (Edit.). **Feminist Theory**. Malden: Blackwell Publishing, 2005.
- GROSS, Seymour Lee e outros (Edit.) **The Scarlet Letter (A Norton Critical Edition)**. New York: Norton & Company, 1988.
- HAWTHORNE, Nathaniel. **A Letra Escarlata**. Tradução: Sodré Viana. 240p São Paulo: Martin Claret, 2006. Título Original: The Scarlet Letter. 1850.
- HIRATA, Helena e outros (Orgs.) **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009.
- Hobsbawn, Eric & Ranger, Terence. **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- JOHNSON, Claudia Durst. **Understanding The Scarlet Letter: a student casebook to issues, sources and historical documents**. Westport: Greenwood Publishing Group, 1995.
- LEITES, Edmund. **A consciência Puritana e a Sexualidade Moderna**. Tradução: Elide Valarini. Brasília: Brasiliense, 1987. Título Original: The Puritan Conscience and Modern Sexuality, 1986.
- LUXON, Thomas H. **Literal Figures**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- MILLET, Kate. **Theory of Sexual Politics**. Chicago. University of Illinois, 1969.
- MILTON, John. **Paradise Lost**. London, 1667. Disponível em:
< <http://darkwing.uoregon.edu/%7Erbear/lost/lost.html> > acesso em 28 de outubro de 2012.
- _____. **Paraíso Perdido**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson. 1956. Disponível em:
<www.ebooksbrasil.org > acesso em 28 de outubro de 2012.

MORGAN, Edmund Sears. **The Puritan Family**. New York: Harper & Row Publishers, 1966.

Password English Dictionary. New Edition. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PERSON JR, Leland S. **Hester's Revenge: The Power of the Silence in The Scarlet Letter**. Disponível em: < <http://links.jstor.org/sici?sici=0891-9356%28198903%2943%3A4%3C465%3AHRTPOS%3E2.0.CO%3B2-W>> Acesso em 8 de agosto de 2011.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Vira e Mexe, Nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ROUGEMONT, Denis de. **História do Amor no Ocidente**. Tradução: Paulo Brandi. 2ª Ed. São Paulo: Ediouro, 2003. Título original: L'amour et l'Occident, 1906.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Modernidade, Identidade e Cultura de Fronteira**. In Tempo Social 5(1-2):31-52, 1993. São Paulo: USP, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.) **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.

THICKSTUN, Margaret Olofson. **Fictions of the Feminine**. London: Cornell University Press, 1988.

THOMAS, BROOK. **Citizen Hester: The Scarlet Letter as a Civic Myth**. Oxford University Press, 2001. Disponível em:

< http://www.raleighcharterhs.org/faculty/acallanan/SL_citizenship.pdf> acesso em 8 de agosto de 2011.

YOUNG, R.V. Individual and Community in The Scarlet Letter. Disponível em: <<http://www.firstprinciplesjournal.com/articles.aspx?article=1331&theme=home&loc=b>> Acesso em 15 de abril de 2011.

WANG, Yamin. **A representative of the New Female Image**. In Journal of Language Teaching and Research, Vol. 1, No. 6. Finland: Academy Publisher, 2010. Disponível em: < <http://www.academypublisher.com/jltr/vol01/no06/jltr0106.pdf>> acesso em 11 de agosto de 2011.

WILLARD, Samuel. **Sermon II**. Disponível em <<http://www.puritansermons.com/willard/will0002.pdf>> acesso em 09 de janeiro de 2012.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Of the Pernicious Effects which arise from the Unnatural Distinctions Established in Society**, in *A Vindication of the Rights of Woman*. 1792.

WYNNE-DAVIES, Marion. *Sidney to Milton: 1580-1660*. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

LEANDRO DE AZEVEDO THEREZA

A: AUTORIDADE, ARTE, ADULTÉRIO

PONTA GROSSA
2012

LEANDRO DE AZEVEDO THEREZA

A: AUTORIDADE, ARTE, ADULTÉRIO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Linguagem, Subjetividade e Identidade da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como requisito parcial à conclusão do referido programa.

Orientador: Prof. Dr. Antônio João Teixeira

PONTA GROSSA
2012